



Além da Casa:

Masterplan para requalificação urbana do conjunto habitacional Jarbas Oiticica em Rio Largo/AL.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO

LUANA MAYARA SILVA DE OLIVEIRA

ALÉM DA CASA:
Masterplan para requalificação urbana do Conjunto Habitacional Jarbas Oiticica em Rio Largo/AL.

Maceió - AL
2021

LUANA MAYARA SILVA DE OLIVEIRA

ALÉM DA CASA:

Masterplan para requalificação urbana do Conjunto Habitacional Jarbas Oiticica em Rio Largo/AL.

Produto final do Trabalho Final de Graduação - TFG, apresentado à Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Alagoas, sob a orientação da Prof.^a Dr.^a Caroline Gonçalves dos Santos, como requisito parcial para obtenção de título de bacharel em Arquitetura e Urbanismo.

Maceió - AL
2021

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico

Bibliotecário: Marcelino de Carvalho Freitas Neto – CRB-4 – 1767

O48a Oliveira, Luana Mayara Silva de.
Além da casa : masterplan para requalificação urbana do conjunto habitacional Jarbas Oiticiba em Rio Largo/AL / Luana Mayara Silva de Oliveira. - 2021.
127 f. : il. color.

Orientadora: Caroline Gonçalves dos Santos.
Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso em Arquitetura e Urbanismo) –
Universidade Federal de Alagoas. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Maceió,
2021.

Bibliografia: f. 124-127.

1. Programa Minha Casa Minha Vida (Brasil). 2. Espaços públicos com acesso livre. 3. Requalificação urbana. 4. Urbanismo social - Rio Largo (AL). I. Título

CDU: 711.582 (813.5)

Folha de Aprovação

AUTOR: LUANA MAYARA SILVA DE OLIVEIRA

ALÉM DA CASA:

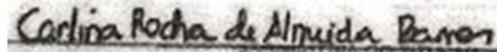
Masterplan para requalificação urbana do Conjunto Habitacional Jarbas Oiticica em Rio Largo/AL.

Trabalho Final de Graduação - TFG, apresentado à Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Alagoas, como requisito parcial para obtenção de título de bacharel em Arquitetura e Urbanismo e aprovado em 13 de maio de 2021.

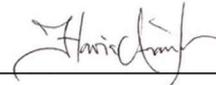


Prof.^a Dr.^a Caroline Gonçalves dos Santos, UFAL. (Orientadora)

Banca Examinadora:



Prof.^a Dr.^a Carlina Rocha de Almeida Barros, CESMAC. (Examinadora Externa)



Prof.^a Dr.^a Flávia de Sousa Araújo, UFAL. (Examinadora Interna)



Prof. Me. Tácio Rodrigues de Oliveira Batista, UFAL. (Examinador Interno)



À minha mãe, **Luciene**, por todo amor doado, orações dedicadas e cuidado com as pequenas e grandes coisas;

Ao **Luan**, por além de namorado ser meu melhor amigo, por todo incentivo, apoio e amor.

Ao meu pai, **Lopes**, por me incentivar nas invenções de criança e na arte;

À minha irmã, **Monique**, por toda parceria na vida;

À vó **Maria**, pela força de mulher e amor de vó.

Vocês me inspiram!

Amo vocês imensamente e os dedico este trabalho.

Agradecimentos

Desde o dia que saí de casa e iniciei a aventura da faculdade de Arquitetura e Urbanismo, entre tanto altos e baixos, eu sei que nunca estive só. Desde 2014, além dos que me acompanharam em tantos trajetos dos "voos" que fiz e os tornaram mais leves e felizes, existem aqueles com quem pude construir "ninhos", onde pude fazer pausas, criar boas memórias, retomar o fôlego e voltar a voar. Me encanta saber que ninhos podem até parecer frágeis, mas que enquanto cuidados, perduram, aconchegam e emanam amor.

Sou grata a **Deus**, por me guiar, amar e fortalecer constantemente.

À minha **família**, meu primeiro ninho, por me educar, me ensinar a importância de estudar, contribuir para que isso fosse possível e comemorar comigo a cada nova conquista.

Ao **Luan**, meu amor de tantos anos, que esteve tão presente no desenvolvimento deste trabalho, obrigada por me acompanhar nas visitas ao Jarbas, ler cada linha do meu trabalho, me acalmar e encorajar quando a ansiedade me fazia esquecer de quem eu sou e do que posso fazer.

À **Caroline**, minha orientadora, com quem tive o prazer de



discutir esse trabalho. Você foi fundamental em todo o processo, somando a cada orientação. Obrigada pela dedicação e apoio.

À minha banca avaliadora **Flávia** e **Tácio**, por terem feito apontamentos tão importantes na apresentação do meu produto intermediário. Obrigada pelas aulas de paisagismo e urbanismo que estimularam a escolha deste tema.

À todos meus **professores** e ao sistema de **educação pública**, que me ensinaram e me permitiram chegar até aqui.

Aos moradores do Jarbas Oiticica e aos funcionários do setor de Trabalho Técnico Social da GIHAB/ME, pelas informações valiosas cedidas a respeito do conjunto.

Às minha amigas **May** e **Mi**. Foi essencial dividir o lar, a vida, a janta e a louça com vocês durante quase toda a faculdade. Também à **dona Maria** e suas visitas sempre tão esperadas. Obrigada por serem como uma segunda família.

E por fim, ao ninho que fiz na FAU-UFAL: **Mary**, minha dupla em quase todos os projetos, por todo o bom humor, mesmo nas noites em claro. **Joy**, por ser tão boa em ajudar ao próximo e também por me acompanhar nas visitas ao Jarbas. **Lari** e **Paty**, por terem feito chamadas de vídeo pra ouvir e ajudar com meus dilemas do TFG. Amigas com quem pude dividir os trabalhos, alegrias (karaokês) e choros da graduação e foram tão importantes durante essa trajetória.

Todos vocês contribuíram para que este trabalho fosse possível, muito obrigada!



“Quais são, quais serão os locais que socialmente terão sucesso? Como detectá-los? Segundo que critérios? Quais tempos, quais ritmos de vida cotidiana se inscrevem, se escrevem, se prescrevem nesses espaços ‘bem sucedidos’, isto é, nesses espaços favoráveis à felicidade?”

LEFEBVRE, O direito à cidade.

Resumo

Os espaços livres públicos são essenciais para a dinâmica urbana. Ruas, praças e parques se conectam e oferecem infraestrutura para diferentes atividades como a mobilidade e o lazer. Nos percursos e nas paradas, trocas sociais podem ocorrer despreziosamente e fortalecer as relações comunitárias. Nesses espaços, diferentes práticas podem ser estimuladas ou inibidas a depender de fatores como a qualidade do espaço, as opções de atividades disponíveis e a segurança do local. Tendo isso em vista e a partir de relatos sobre a falta de infraestrutura e segurança em conjuntos habitacionais de interesse social produzidos pelo Programa Minha Casa Minha Vida (PMCMV), buscou-se compreender o papel que a arquitetura e o urbanismo desempenham na criação de espaços que favorecem as trocas sociais, e, a partir da análise de um conjunto, propor diretrizes para a requalificação urbanística do local. Para isso, analisou-se o conjunto habitacional Jarbas Oiticica, localizado na cidade de Rio Largo/AL e que possui a maior parte da população provinda da capital do estado, Maceió. Inicialmente, foram abordados os conceitos relacionados ao tema, a fim de fornecer o aporte teórico necessário à pesquisa. Em seguida, discorre-se sobre o contexto da cidade em que está inserido, o entorno imediato do conjunto e as características socioeconômicas da população. Após esse levantamento de dados inicial, o trabalho debruça-se sobre o Jarbas, analisa o espaço por meio da elaboração de mapas que espacializam os novos usos dados ao local, assim como as questões relativas à segurança; apresenta dinâmicas e práticas culturais e, por fim, destaca problemas e potencialidades que permitem a identificação de áreas estruturantes. Finalmente, o trabalho apresenta diretrizes projetuais, com um *masterplan* que propõe a requalificação dos espaços livres públicos, para que estes não criem ainda mais barreiras sociais, mas sim, que sejam um meio potencializador para as boas ações e transformações que ocorrem no conjunto.

Palavras-chave: espaço livre público; programa minha casa minha vida; requalificação urbana; urbanismo social.

Abstract

Public open spaces are essential for urban dynamics. Streets, squares and parks connect and offer infrastructure for different activities such as mobility and leisure. On walkways and stops, social exchanges can occur unpretentiously and strengthen community relations. In these spaces, different practices can be stimulated or inhibited depending on factors such as the quality of the space, the options of activities available and the safety of the place. Bearing this in mind and from reports about the lack of infrastructure and security in social housing projects produced by the "Minha Casa Minha Vida" program, it was aimed to understand the role that architecture and urbanism play in the creation of spaces that favor social exchanges, and, from the analysis of a housing complex, propose guidelines for the urban requalification of the place. For this, the Jarbas Otacílio housing complex, located in the city of Rio Largo/AL and which has the majority of the population from the state capital, Maceió, was analyzed. Initially, the concepts related to the theme were approached, in order to provide the necessary theoretical support for the research. Then, it discusses the context of the city in which it is inserted, the immediate surroundings of the complex and the socioeconomic characteristics of the population. After this initial data survey, the work focuses on Jarbas, analyzing the space through the elaboration of maps that spatialize the new uses given to the place, as well as issues related to security; it presents cultural dynamics and practices and, finally, highlights problems and potentialities that allow the identification of structuring areas. Finally, the work presents design guidelines, with a masterplan that proposes the requalification of public open spaces, so that they do not create even more social barriers, instead, that they become a potentializing means for the good actions and transformations that occur in space.

Keywords: public open space; "minha casa minha vida" program; urban requalification; social urbanism.

Lista de Figuras

Figura 01. Localização do objeto de estudo.....	23
Figura 02. Canteiro central da via principal do conjunto Jarbas Oiticica.....	27
Figura 03. Praças similares reproduzidas em cidades distintas.....	32
Figura 04. Rua com barreira visual produzida por condomínio residencial.....	39
Figura 05. Ciclo de desvalorização do espaço público.....	40
Figura 06. Crianças brincando na rua sob a sombra de uma árvore.....	41
Figura 07. Playground em praça com baixa conservação e detritos espalhados.....	41
Figura 08. Relação entre a qualidade do ambiente e as atividades desenvolvidas.....	45
Figura 09. Vista geral de Pruitt-Igoe na década de 60.....	46
Figura 10. Lados da rua com mesma densidade e diferentes tipologias de edificações, marcados com cores que representam os níveis de controle.....	48
Figura 11. Zoneamento de atividades de acordo com faixa etária.....	48
Figura 12. Empreendimentos do PMCMV faixa 1, localizados em regiões periféricas.....	50
Figura 13. Ocupações irregulares e acúmulo de lixo no canteiro público.....	51
Figura 14. Localização do objeto de estudo.....	54
Figura 15. Destruição das residências da R. Ilha Angelita em Rio Largo/AL após a enchente de 2010.....	55
Figura 16. Manchas e direções da evolução urbana de Rio Largo-AL.....	56
Figura 17. Bairros da cidade de Rio Largo.....	57
Figura 18. Relevo, Unidades de Conservação e Hidrografia.....	58
Figura 19. Suscetibilidade a Inundação e Alagamento no Perímetro Urbano.....	59
Figura 20. Síntese visual: Dados Gerais do Residencial Jarbas Oiticica.....	60
Figura 21. Pirâmide Etária do município de Rio Largo/AL.....	61
Figura 22. Locais de trabalho no Residencial Jarbas Oiticica.....	63
Figura 23. Distâncias entre o Jarbas Oiticica e os centros de Rio Largo e Maceió.....	64
Figura 24. Mapa de entorno.....	65
Figura 25. Entrada de acesso ao Residencial Jarbas Oiticica e local de espera de transporte público sem identificação e sem	

Lista de Figuras

abrigo contra intempéries.....	66
Figura 26. Casas padronizadas entregues no Residencial Jarbas Oiticica.....	67
Figura 27. Vista aérea da configuração original: praças, equipamentos e vazios.....	67
Figura 28. Mapa de Uso e Ocupação do Solo.....	69
Figura 29. Mapa de Usos: Comercial, Serviço e Indústria, com destaque da via principal.....	70
Figura 30. Lote subdividido em estabelecimentos com usos variados.....	71
Figura 31. Comércio informal instalado na praça e lote vazio existente.....	71
Figura 32. Estabelecimentos e instalações próximos à praças e na via principal do Jarbas Oiticica.....	72
Figura 33. Lote de uso misto de esquina.....	73
Figura 34. Lote de uso misto de meio de quadra.....	73
Figura 35. Mapa de Usos: Institucional e E.T.E., com destaque da via principal.....	74
Figura 36. Construção de instituição religiosa em um vazio urbano.....	75
Figura 37. Acúmulo de água residual de esgoto próximo a E.T.E.....	75
Figura 38. Mapa de Usos: Vazios urbanos e espaços subutilizados., com destaque da via principal e da rodovia federal.....	76
Figura 39. Mapa de Usos: Áreas Públicas Paisagísticas e de Lazer.....	77
Figura 40. Praça subutilizada localizada no início do conjunto.....	78
Figura 41. Construção irregular cria barreira visual para a praça.....	78
Figura 42. Quadra poliesportiva utilizada por grupo de jovens.....	79
Figura 43. Praça com barracas e trailers.....	79
Figura 44. Mapa de Usos: Agropecuário e Área de Proteção Ambiental.....	80
Figura 45. Vista panorâmica da paisagem aos fundos do Jarbas Oiticica.....	81
Figura 46. Vista da reserva da Mata Atlântica, com destaque para placa "proibido lixo na floresta" na árvore.....	82
Figura 47. Mobiliários padronizados para o lazer e prática esportiva.....	83
Figura 48. Área coberta com mobiliários instalada no canteiro central.....	83
Figura 49. Mapa de cobertura arbustiva e arbórea e tipos de vegetação encontradas no conjunto Jarbas Oiticica.....	84
Figura 50. Iluminação e sombreamento noturno.....	85
Figura 51. Muro cego em lote de esquina do Jarbas Oiticica.....	86

Figura 52. Muros cegos destacados na via principal do residencial Jarbas Oiticica.	87
Figura 53. Muro cego em lote de esquina do Jarbas Oiticica.	88
Figura 54. Calçadas obstruídas com construção irregular.	89
Figura 55. Rampa de acesso para cadeirantes utilizada por mototaxistas.	89
Figura 56. Nuvens de palavras com pontos positivos e negativos relativos ao Jarbas Oiticica.	90
Figura 57. Mapa geral de percepção de segurança e utilização dos espaços públicos.	92
Figura 58. Mapa de percepção de segurança e utilização dos espaços públicos por parte das mulheres.	94
Figura 59. Mapa de percepção de segurança e utilização dos espaços públicos por parte dos homens.	95
Figura 60. Árvore dos sonhos dos moradores.	96
Figura 61. Grupo de capoeira do Jarbas Oiticica.	97
Figura 62. Mapa de problemas e potencialidades.	100
Figura 64. Ilustração do canteiro central com intervenção que prioriza o pedestre em detrimento aos veículos.	104
Figura 65. Colagem com espaços públicos de lazer em outros países.	105
Figura 66. Colagem com espaços públicos de qualidade no Brasil.	105
Figura 67. Escada integrada a escorrega em Medellín, Colômbia.	106
Figura 68. Visão aérea noturna do Parque da Madureira.	107
Figura 69. Representação de espaço livre público.	112
Figura 70. Conceito do formato dos pórticos do Jarbas Oiticica.	113
Figura 71. Proposta de pórtico iluminado para entrada do conjunto.	114
Figura 72. Trecho do canteiro central, com vegetação, mobiliário e pórtico.	115
Figura 73. Planta baixa simplificada de trecho do canteiro central.	116
Figura 74. Canteiro central com propostas para melhorar a mobilidade no Jarbas Oiticica.	117
Figura 75. Pórtico instalado no canteiro central.	118
Figura 76. Crianças brincando na rua, sob a sombra de uma árvore no Jarbas Oiticica.	123

Lista de Quadros

Quadro 01. Metodologia do trabalho	25
Quadro 02. Diretrizes para o desenvolvimento da implantação de um projeto sustentável.	34
Quadro 03. Estratégias para o projeto de um jardim produtivo.	35
Quadro 04. Percentual de participação das faixas do PMCMV no Brasil.....	49

Lista de Gráficos

Gráfico 01. Percentual de participação das faixas do PMCMV no Brasil.....	49
Gráfico 02. Renda do Chefe de Família	63

Lista de Pranchas

Prancha 01. Masterplan.....	108
Prancha 02. Detalhe A.....	109
Prancha 03. Detalhe B.....	110
Prancha 04. Detalhe C.....	111

Lista de Siglas e Abreviaturas

APA - Área de proteção ambiental.

ARSAL - Agência de Regulação de Serviços Públicos do Estado de Alagoas.

CAPS - Centro de Atenção Psicossocial.

CEF - Caixa Econômica Federal.

DIST - Desenvolvimento Integrado e Sustentável do Território.

ETE - Estação de Tratamento de Esgoto.

IADH - Instituto de Assessoria para o Desenvolvimento Humano.

IMA - Instituto do Meio Ambiente.

IPEA - Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada.

PAC - Programa de Aceleração do Crescimento.

PMCMV - Programa Minha Casa Minha Vida.

RPPN - Reserva Particular do Patrimônio Natural.

SEPLANDE - Secretaria de Estado do Planejamento e do Desenvolvimento Econômico.

SNH - Sistema Nacional de Habitação.

UBS - Unidade Básica de Saúde.

USF - Unidade de Saúde da Família.

VLT - Veículo Leve sobre Trilhos.

Sumário

1 INTRODUÇÃO:	18
1.1. Tema e objeto de estudo	20
1.2. Objetivo geral	22
1.3. Objetivos específicos	22
1.4. Metodologia.....	23
1.5. Estrutura do trabalho	24
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA:	26
2.1. Paisagem e projeto de paisagismo.....	28
2.2. Espaços livres públicos de lazer, para quem?	35
2.3. Vitalidade e segurança dos espaços públicos.....	40
2.4. Programa Minha Casa Minha Vida: dados gerais, localização e identidade.....	47
3 CARACTERIZAÇÃO:	50
3.1. Localização e contexto histórico.....	52
3.2. Condicionantes ambientais.....	56
3.3. Jarbas Oiticica: população, economia e entorno.....	58
3.4. Adentrando o residencial Jarbas Oiticica.....	65
3.5. Apropriação do espaço público	88
4 CAIXA DE IDEIAS:	100
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS:	118
REFERÊNCIAS:	122

Introdução:



1.1. TEMA E OBJETO DE ESTUDO.

1.2. OBJETIVO GERAL.

1.3. OBJETIVOS ESPECÍFICOS.

1.4. METODOLOGIA.

1.5. ESTRUTURA DO TRABALHO.

1.1. TEMA E OBJETO DE ESTUDO

De acordo com a literatura, os espaços livres públicos são elementos primordiais para a vida na cidade, é neles que se dão os percursos e as paradas, onde as trocas sociais podem ocorrer despreziosamente no cotidiano. Para tal, é importante que estes espaços sejam pensados para a região em que está inserido e que tenham o objetivo de suprir as demandas locais, entendendo e respeitando as dinâmicas e identidade preestabelecidas, se tornando dessa forma facilitadores sociais que fornecem, entre outras coisas, a mobilidade e o lazer.

Contudo, quando olhamos para as políticas habitacionais desenvolvidas para as classes mais baixas, sobretudo para a faixa 1 do Programa Minha Casa Minha Vida - PMCMV, responsável por atender a famílias com renda entre zero e três salários mínimos, notamos que a forma como os conjuntos habitacionais são implantados, no geral, não atendem a esses critérios. Um dos fatores responsáveis por isso está ligado ao interesse do mercado imobiliário de maximizar o lucro em detrimento da qualidade e funcionalidade dos residenciais.

Dessa forma, criam-se mega empreendimentos em terrenos afastados das áreas consolidadas da cidade e conseqüentemente da infraestrutura disponível, além do que, com o fato das unidades serem entregues a partir do sorteio dos beneficiários aptos, as relações comunitárias preexistentes dificilmente são mantidas dentro do novo convívio, o que

aumenta a necessidade de espaços públicos de qualidade dentro do local para o lazer e para que novas trocas sejam estimuladas.

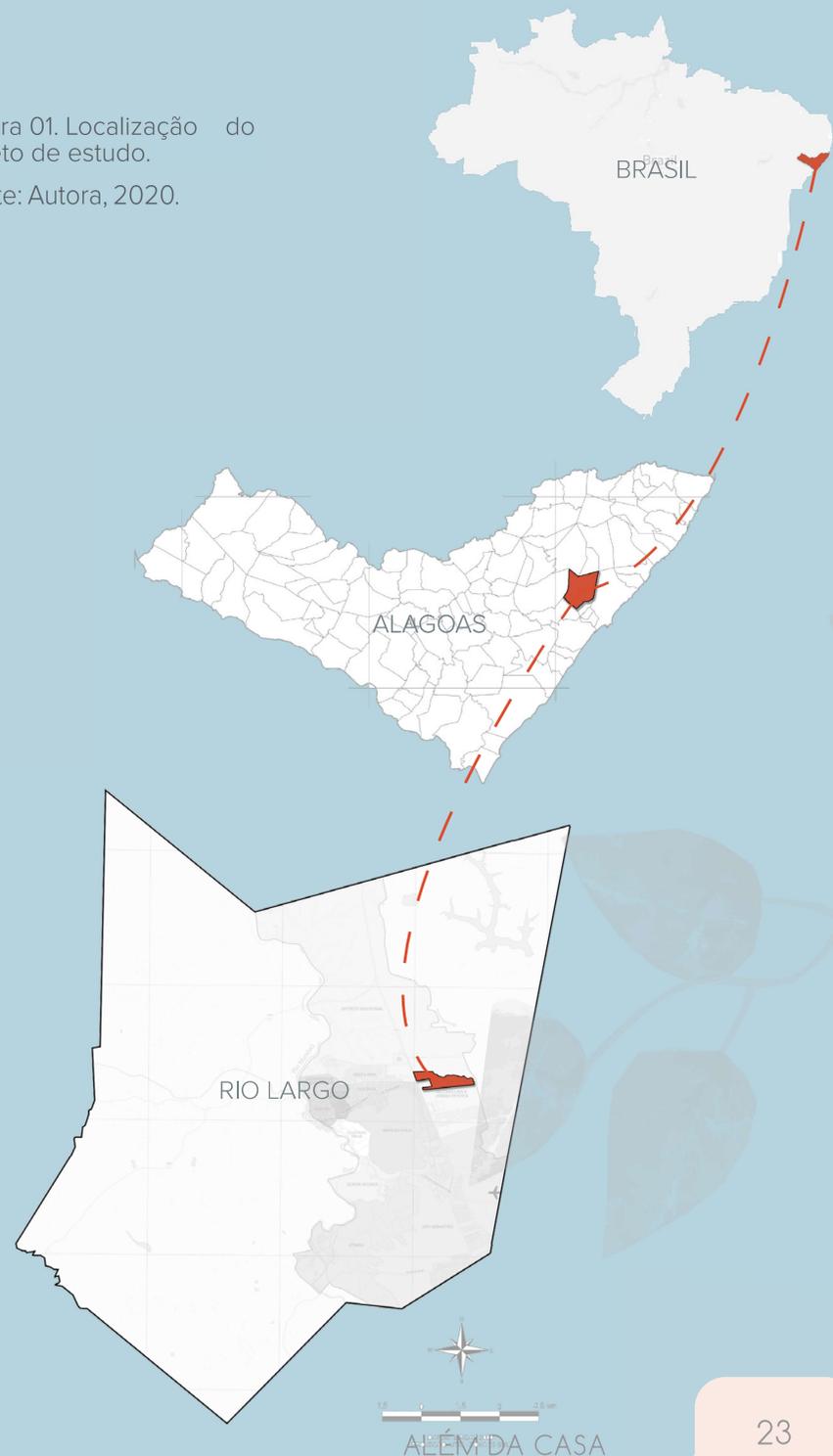
Após ouvir relatos sobre a falta de infraestrutura e segurança em conjuntos habitacionais de Maceió, Rio Largo e Palmeira dos Índios, decidiu-se analisar como se estabelecem as relações entre os moradores e os espaços livres públicos em um empreendimento do PMCMV, e a relação destes espaços com a vitalidade e segurança local, para isso foi escolhido o residencial Jarbas Oiticica (Figura 01), localizado na cidade de Rio Largo-AL.

O residencial possui 814.750,50m² de extensão e 3.148 unidades habitacionais, foi entregue no ano de 2016, composto inicialmente por famílias com renda de até R\$ 1.600,00. A população residente é proveniente da capital do estado de Alagoas, Maceió, e da cidade de Rio Largo e estabelecem relações familiares e empregatícias com os locais de origem, o que exige deslocamentos constantes para realização de atividades diversas, já que o conjunto se localiza longe dos centros urbanos.

Nesse contexto, acredita-se os espaços de lazer podem ser utilizados como instrumentos que estimulem tanto as trocas sociais e o sentimento de pertencimento ao local, quando como promotores para o desenvolvimento socioeconômico e cultural.

Figura 01. Localização do objeto de estudo.

Fonte: Autora, 2020.



1.2. OBJETIVO GERAL

Propor diretrizes para requalificação urbanística, por meio da estruturação do eixo central e das principais áreas de lazer do conjunto habitacional Jarbas Oiticica.

1.3. OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Compreender a importância dos espaços livres públicos para a construção da vida social na cidade e como estes espaços podem interferir na vitalidade e segurança local;
- Entender como se dão as dinâmicas nos espaços públicos do conjunto estudado, a percepção dos moradores em relação à segurança local e os problemas e carências decorrentes da produção do espaço.
- Identificar áreas estruturantes a fim de potencializar as dinâmicas preexistentes no conjunto visando a criação das diretrizes projetuais.

1.4. METODOLOGIA

A fim de alcançar os objetivos propostos, foram feitas pesquisas documentais e pesquisas qualitativas, estas, não ocorreram de forma linear, mas foram entrelaçadas de acordo com a necessidade percebida no desenvolvimento do trabalho. De modo geral, seguiu as etapas apresentadas no quadro abaixo.

Quadro 01. Metodologia do trabalho

AÇÃO PRINCIPAL	REVISÃO DE LITERATURA	LEVANTAMENTO DOCUMENTAL	VISITA IN LOCO	SÍNTESE DAS INFORMAÇÕES	PROPOSIÇÕES DE REQUALIFICAÇÃO
DESCRIÇÃO DA ATIVIDADE	Revisão de literatura para embasamento dos conceitos de paisagem, espaços livres públicos, vitalidade e segurança urbana (<i>defensible environmental</i>), e para entender como se desenvolvem os projetos do Programa Minha Casa Minha Vida.	Reunião e análise de documentos referentes ao Residencial Jarbas Oiticica e à cidade de Rio Largo, onde se situa o objeto de estudo.	Realização de cinco visitas entre o período de Janeiro de 2019 à Março de 2020, a atividade ocorreu em turnos distintos, de forma que pôde-se acompanhar, a partir da observação do espaço, as dinâmicas do residencial entre o final da manhã e início da noite, além de se notar o ritmo das transformações físicas comuns no residencial; Apreensão por meio de conversas informais, da relação entre os moradores/frequentadores e o conjunto; Aplicação de mapas para compreensão da percepção de segurança sob o conjunto e como costumam utilizar os espaços livres. Ao todo, a atividade foi solicitada à 12 pessoas, cinco homens e sete mulheres, entre 19 e 69 anos.	Reunião das informações obtidas <i>in loco</i> , no acervo pessoal de fotos e vídeos, no levantamento documental e em softwares como o <i>Google Earth</i> . Sintetização dos dados por meio da elaboração de mapas, como: Uso e Ocupação do Solo, Entorno, Evolução Urbana e Condicionantes ambientais.	Construção do <i>masterplan</i> com espacialização das propostas de intervenção urbanísticas no Residencial Jarbas Oiticica; Criação de imagens ilustrativas das propostas por meio de modelagem, renderização e colagem nos softwares <i>Revit</i> , <i>Lumion</i> e <i>Photoshop</i> .
CAPÍTULO DO(S) PRODUTO(S)	Referencial teórico.	Caracterização.	Caracterização.	Caracterização.	Caixa de ideias.
MÉTODO UTILIZADO	Pesquisa documental.	Pesquisa qualitativa.	Pesquisa qualitativa (conversas informais e aplicação de mapas perceptivos).	Pesquisa qualitativa.	Pesquisa qualitativa (construção de mapas no <i>Photoshop</i> , desenvolvimento de modelagem no <i>Revit</i>).

1.5. ESTRUTURA DO TRABALHO

Este trabalho foi dividido em cinco capítulos, para apresentar, embasar, caracterizar, propor e concluir o objetivo principal.

No capítulo 1, a **Introdução** nos apresenta o tema discutido e sua relevância, os dados gerais do conjunto estudado, os objetivos pretendidos, a metodologia de trabalho e por fim a estrutura criada.

Em seguida, na **Fundamentação Teórica**, busca-se compreender os principais conceitos referentes ao tema, além de refletir sobre alternativas e fatores importantes a se considerar em uma intervenção urbana. O capítulo se divide em estudos referentes a paisagem, espaços livres públicos, vitalidade e segurança e sobre o Programa Minha Casa Minha Vida. Para tanto, são estudados autores, como Magnoli (2006), Queiroga e Benfatti (2007), Serpa (2007), Jacobs (2011), Gehl (2015) e Newman (1996).

O terceiro capítulo é constituído pela **Caracterização**, nele o Jarbas Oiticica é apresentado, a começar pela contextualização da cidade em que se insere, com fatos históricos e condicionantes ambientais. Aos poucos o leitor é convidado a adentrar no conjunto e conhecer suas ruas, praças, como os moradores utilizam o espaço e o que os fazem não

utilizar determinadas áreas do conjunto. Este capítulo identifica os usos e hábitos estabelecidos no conjunto e pontua as forças, oportunidades, fraquezas e ameaças encontradas no local.

Após aprofundar o conhecimento sobre o Jarbas e com base no referencial teórico, a **Caixa de Ideias** propõe intervenções agrupadas em quatro diretrizes principais. Para melhor entendimento das propostas, foi elaborado um *masterplan* e pranchas ilustrativas com algumas das soluções propostas.

Por fim, o trabalho apresenta as **Considerações Finais**, que reflete sobre os resultados alcançados durante o processo de construção e o impacto acadêmico e pessoal que o trabalho representou.



Figura 02. Canteiro central da via principal do conjunto Jarbas Oiticica.

Fonte: Autora, 2020.

"O homem só percebe o espaço em que vive quando participa ativamente da sua concepção. É natural, portanto, que aqueles que assim o fazem não se dêem nunca por satisfeitos." (SERPA, 2007, p.134)

Fundamentação teórica:



2.1. PAISAGEM E PROJETO DE PAISAGISMO

2.2. ESPAÇOS LIVRES PÚBLICOS DE LAZER, PARA QUEM?

2.3. VITALIDADE E SEGURANÇA DOS ESPAÇOS PÚBLICOS.

2.4. PROGRAMA MINHA CASA MINHA VIDA: DADOS GERAIS,
LOCALIZAÇÃO E IDENTIDADE.

2.1. PAISAGEM E PROJETO DE PAISAGISMO

Este subcapítulo trata sobre a atuação do homem na paisagem, como ele transforma e se relaciona com estes espaços. Discute brevemente sobre a produção paisagística em diferentes cidades, levanta questões acerca do acesso à áreas paisagísticas e como elas estão sendo transformadas e, por fim, apresenta estratégias projetuais que visam a sustentabilidade. Para isto, é necessário inicialmente compreender os conceitos de paisagem adotados para elaboração deste trabalho, e quais elementos participam da dinâmica desses tipos de espaços.

Macedo¹ (1999, p.11 apud COELHO, 2015, p.29) define a paisagem como “[...] a expressão morfológica das diferentes formas de ocupação e, portanto, de transformação do ambiente em um determinado tempo”, o autor complementa a definição ao afirmar que:

As paisagens são, então, estruturas finitas, pois são lidas e interpretadas dentro de uma escala de um dado observador que não pode, devido a limitações físicas, abranger o ambiente terrestre como um todo, dentro do seu campo visual ou de análise. (MACEDO, 1999, p.11 apud COELHO, 2015, p.29)

Sendo assim, as paisagens refletem o acúmulo de modificações realizadas ao longo do tempo e podem ser observadas e analisadas dentro de uma escala. Vemos uma paisagem em uma escala ampliada, por exemplo, numa vista aérea, e em uma escala reduzida quando estamos inseridos no local, onde a paisagem limita-se ao campo visual. Ao analisar a paisagem é importante adotar uma escala compatível com o problema que se deseja compreender, não se pode tentar entender uma questão local, ou de indivíduos, apenas por meio de análises gerais, sem considerar a escala humana, por exemplo.

Além dos elementos fixos da paisagem, como construções, objetos e vegetações, fatores dinâmicos modificam a paisagem e interferem a forma como estes elementos são apresentados, alguns exemplos são: intempéries, horários do dia, estações do ano, trânsito de pedestres e de carros (ABBUD, 2006). Esse conjunto de elementos citados até então, sejam eles físicos, dinâmicos, sociais, culturais, entre outros, irão caracterizar e qualificar a paisagem.

Neste trabalho, considera-se a paisagem como algo vivo, mutável, composta por elementos físicos e culturais, podendo apresentar tanto elementos naturais quanto artificiais, sendo constituída no espaço ao longo do tempo, e que pode ser transformada pela ação homem ou pela ação da natureza. A

paisagem está inserida no espaço e é percebida dentro de uma escala, e como afirma Abbud (2006), além de poder ser vista, pode ser experimentada pelo observador através dos demais sentidos.

O ser humano é um importante responsável na modificação da paisagem e ao longo de seu processo evolutivo vem transformando os espaços de maneira crescente. Desde o nomadismo, inicia-se a construção de túmulos, que podem ser tidos como as primeiras intervenções duradouras realizadas, depois são formados os campos para agricultura, que permitem a fixação em um local, então criam-se casas, vilas, templos, cidades e seus variados elementos.

As intervenções sobre o espaço ganham amplitude, e o que antes era feito espontaneamente passa a ser planejado de forma consciente, surge então o paisagismo.

O paisagismo se dá na intervenção do homem sobre a paisagem em diferentes escalas, podendo ocorrer em territórios livres de urbanização, no espaço urbano edificado ou no espaço urbano livre de edificações, como ruas, praças e parques (MACEDO e BAROZZI, 2006; MAGNOLI, 2006).

As áreas paisagísticas são potencialmente benéficas para a região onde está inserida, considerando-se as áreas paisagísticas públicas, pode-se observar que mesmo pequenas praças têm a capacidade de valorizar o entorno imediato e facilitar as trocas sociais. Fatores como estado

de conservação, infraestrutura, qualidade do mobiliário disponível, acessibilidade e segurança, são fundamentais para a consolidação e melhor aproveitamento desses espaços.

Apesar de não se limitar ao uso de vegetação, sua utilização é comum em diferentes tipos de projetos, desde pequenos jardins à grandes praças e parques, e pode-se obter inúmeros benefícios por meio do seu uso. Entre eles, podem-se citar benefícios ao ambiente, como a melhoria no microclima onde está inserido, podendo haver redução de ruídos, melhoria na temperatura e na qualidade do ar, além de benefícios ao indivíduo, como o bem estar psicológico que o contato com a natureza proporciona ao ser humano. Tal pensamento é citado por Ecker (2012) ao dizer que ter vistas para elementos naturais contribui para a "redução de sentimentos negativos" e aumenta a "satisfação em relação à sua vizinhança".

Contudo, analisando a distribuição dos espaços paisagísticos públicos na malha urbana e o investimento público destinado à melhoria e manutenção desses locais, pode ser observado que eles tendem a se concentrar nas regiões centrais e bairros cuja população detém maior poder aquisitivo. A falta ou inadequação de áreas paisagísticas em bairros periféricos levanta um questionamento: para qual público as áreas paisagísticas são desenvolvidas nas cidades? Como estes espaços vêm sendo projetados?

O projeto é uma "ação formal de construção" na qual se adapta e qualifica um espaço para o desenvolvimento de uma ou mais atividades (MACEDO e BAROZZI, 2006).

Ao projetar uma paisagem, deve-se levar em consideração o contexto em que ela se insere e buscar a integração do projeto com o local, não se limitando as características físicas do lugar, mas considerando as diferentes situações de uso, "as propriedades e características dos usuários do edifício, bem como seus valores e preferências, estéticos ou culturais" (ECKER, 2012).

Porém, visando o lucro na produção dos espaços paisagísticos públicos, observa-se a construção de lugares genéricos que se reproduzem em cidades e contextos distintos, os materiais e mobiliários parecem ter a função de atender a um plano de necessidades também genérico e garantir a economia e facilidade na manutenção, sem priorizar porém, a experiência do usuário e as potencialidades que o local pode oferecer no que diz respeito a história, cultura, meio ambiente e sociedade.

Tem-se como exemplo algumas praças produzidas no interior de Alagoas e de Goiás que apresentam características muito semelhantes, com objetos artificiais que simulam elementos naturais como troncos, pedras e cachoeiras, conforme pode ser visto na Figura 03.

Figura 03. Praças similares reproduzidas em cidades distintas.



Fonte: PARREIRA, Marize. 2015. Disponível em: <<http://theartspaisagismo.blogspot.com/>>. Acesso em: 15 de agosto de 2020.

Ao desenvolver o projeto paisagístico, outro fator importante a ser considerado é a sustentabilidade, que serve como base para minimizar os impactos causados pela construção civil no meio ambiente.

Roaf (2007, p.24) afirma que existem três princípios para elaboração de projetos sustentáveis, devendo eles serem projetados para um clima, para o meio físico e social e para o

tempo, considerando as variações que ocorrem durante o dia, durante as estações, e durante o tempo de vida da própria construção².

Existem diferentes estratégias na elaboração de projetos paisagísticos, dentre elas, algumas buscam a sustentabilidade por meio da maximização da **integração com o meio ambiente**, respeitando as **especificidades do local** ao tempo que procura atender ao **programa de necessidades** preestabelecido.

Para Ecker (2012), o jardim sustentável possui algumas características e estratégias de conservação:

Entende-se que uma das principais características de um jardim sustentável é que deve utilizar uma ampla gama de plantas de diferentes categorias estruturais, como árvores, arbustos de proteção, arbustos medianos, arbustos baixos, forragens, gramíneas, trepadeiras, perenes e bulbos. Para tanto, as estratégias de conservação da biodiversidade incluem a preservação da vegetação nativa e aumento de sua qualidade e área sempre que possível, a recuperação de espécies ameaçadas e a prevenção de espécies raras de se tornarem em extinção.

Além disso, o projeto deve conjugar função e estética, incluindo, por exemplo, o fornecimento de alimentos e de plantas de uso medicinal e aromáticas, dispostas de forma que

se possa aproveitar seu potencial ornamental, além de tornar o manejo prático e acessível a todos os moradores (ECKER, 2012).

Uma alternativa para implementação desse tipo de projeto é por meio de hortas urbanas em praças públicas, por exemplo, que dão novos usos ao local e estimulam os moradores a serem protagonistas na produção do espaço público.

Existem algumas estratégias para o desenvolvimento da implantação de um projeto paisagístico mais sustentável citadas por Mascaró³ (2008) e que Ecker (2012) sistematiza em seu trabalho, que podem ser vistas no Quadro 02, são relativas ao ambiente natural e estão divididos em cinco categorias: cobertura vegetal, topografia, padrões de drenagem natural, ventos predominantes e insolação e microclima gerado pelas condições do terreno. O autor também estrutura as estratégias de Backes para o projeto de um jardim produtivo, apresentadas no Quadro 03, listando quais os cuidados devem ser tomados em relação a escolha das plantas, manejo das águas, pragas, doenças, relevo, solos e substratos.

2 Texto original: "1 - design for a climate; 2 - design for the physical and social environment; 3 - design for time, be it day or night, a season or the lifetime of a building and design a building that will adapt over time." (ROAF, 2007, p.24)

3 MASCARÓ, J.L. Infraestrutura da paisagem. Porto Alegre, RS: Masquatro Editora, 2008.

Quadro 02. Diretrizes para o desenvolvimento da implantação de um projeto sustentável.

<p>1. Cobertura Vegetal</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Procurar preservar o máximo de vegetação nativa possível e preservar maciços vegetais existentes; • Identificar a vegetação, existente ou proposta, que pode ser incorporada aos espaços abertos, utilizada como barreira para ventos frios ou empregada como parte do sistema de drenagem do local; • Identificar corredores verdes no terreno. Corredores e microcorredores verdes são porções de ecossistemas naturais ou seminaturais, ligando unidades de vegetação, facilitando a dispersão de espécies e a recuperação de áreas degradadas, bem como a manutenção de populações que demandam para sua sobrevivência áreas com extensão maiores do que aquelas das unidades individuais; • Identificar corredores ripários no terreno, quais sejam as zonas de amortecimento ao longo de cursos d'água, que possibilitam o controle de sedimentos, a preservação da qualidade da água e o auxílio na drenagem local. Neste sentido, devem-se observar as exigências da legislação vigente; • Otimizar as áreas ocupadas com edificações de forma a ter maior área para o paisagismo, considerando que, quanto maior permeabilidade do terreno maior a redução de impactos sobre a paisagem local; • Identificar áreas do terreno que estejam com vegetação mais degradada ou áreas sem cobertura vegetal, como áreas prioritárias para implantar edificações; • Realizar levantamentos específicos de fauna e flora quando o terreno apresentar alto valor ecológico e espécies ameaçadas ou raras. As principais estratégias para terrenos com altos valores ecológicos incluem estabelecer áreas de conservação de habitat e monitorar os impactos da construção sobre o local;
<p>2. Topografia</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Conservar a vegetação nas encostas, considerando que encostas íngremes (acima de 30°) indicam problemas de erosão em potencial caso a cobertura vegetal do terreno tenha sido removida.
<p>3. Padrões de drenagem natural</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Propor bacias de amortecimento como uma estratégia específica para a contenção de águas pluviais em terrenos íngremes, utilizadas para o armazenamento do excesso de água para períodos secos ou para irrigação. Devem-se observar os sistemas de escoamento e o posicionamento relativo às áreas de uso. Os armazenamentos de água abertos são mais indicados para áreas úmidas.

<p>4. Ventos predominantes e insolação</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Considerar que encostas para o norte recebem mais luz se voltadas para o leste a temperatura maior é alcançada pela manhã, se for para oeste é alcançada pela tarde. Uma encosta voltada para sul irá receber pouca radiação solar direta; • Priorizar, em terrenos ondulados, as encostas que recebem radiação solar direta para a implantação das edificações, de forma a buscar o maior conforto térmico; • Considerar o efeito de sombreamento das residências sobre a vizinhança.
<p>5. Microclima gerado pelas condições do terreno</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Observar como a topografia e a vegetação do local afetam o movimento do ar e como interferem na insolação; • Considerar que as variações na topografia, representam, em geral, variações no microclima; • Zonear o projeto considerando a posição relativa de acordo com a frequência de manutenção e uso.

Fonte: Ecker, 2012 (adaptado).

Quadro 03. Estratégias para o projeto de um jardim produtivo.

<p>1. Plantas</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Plantar diversidade de espécies; • Priorizar espécies produtivas e nativas (frutíferas, temperos e ervas medicinais); • Utilizar plantas de baixa manutenção, que necessitam menos poda, irrigação, agrotóxicos e adubações; • Valorizar plantas cujo valor ornamental está nas folhas ou na estrutura dos galhos; • Evitar uso excessivo de gramados e de canteiros com flores anuais; • Utilizar a vegetação para criar recantos (altura, porte, forma de crescimento); • Tirar partido das cores e texturas para criar composições nos jardins; • Utilizar maciços de vegetação para proteger dos ventos indesejados, ruídos, poluição, e criar privacidade, quando desejado; • Utilizar plantas adaptáveis ao clima, ao sol local, água e substrato.
--------------------------	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

2. Manejo de águas	<ul style="list-style-type: none"> • Observar as linhas de drenagem naturais do terreno; • Tirar proveito das curvas de nível para conduzir as águas aos jardins através de canais de infiltração; • Integrar espelhos d'água e pequenos lagos com cultivo aquacultural; • Utilizar os efluentes das residências para irrigação dos jardins, tratando-os com as plantas; • Utilizar pisos com superfícies drenantes. • Realizar o tratamento das águas no próprio local sempre que possível
3. Manejo de pragas e doenças	<ul style="list-style-type: none"> • Ter no jardim abrigo (ninhos, tocos), água (bebedouros) e alimentação (plantas floríferas e frutíferas) para atração da fauna nativa. • Introduzir adubação orgânica para enriquecimento do solo
4. Manejo de relevo, solos e substratos	<ul style="list-style-type: none"> • Reduzir e regradar as movimentações de terras, principalmente as terraplenagens; • Separar com antecedência e aproveitar posteriormente a primeira camada de solo em movimentações de terra, quando única opção. • Ter sempre solo coberto, utilizando vegetação para evitar erosão, lavagem do solo e do substrato, e perda de nutrientes.

Fonte: Ecker, 2012 (adaptado).

2.2. ESPAÇOS LIVRES PÚBLICOS DE LAZER, PARA QUEM?

Neste subcapítulo será abordado questões relativas à produção dos espaços livres públicos de lazer e sua importância para as trocas sociais e para a construção da cidade. Além de discutir como mesmo sendo espaços públicos, são influenciados pelo capitalismo e favorecem regiões e perfis de usuários específicos. Para tanto, em um primeiro momento serão abordados os conceitos relativos ao tema.

O espaço pode ser conceituado de diferentes maneiras e apresentar dimensões e elementos distintos de acordo com a área de conhecimento em que o termo está inserido, como por exemplo na física, na história e na geografia.

Considera-se o **espaço**, neste trabalho, como uma extensão formada por elementos físicos, geográficos, históricos e sociais, acredita-se também que o espaço não é um elemento passivo, mas que pode exercer influência na dinâmica de seus formadores. O espaço, como cita Queiroga e Benfatti (2007), pode conter categorias internas como **território, região, paisagem e lugar**.

De maneira geral, os territórios podem ser considerados os espaços demarcados por meio do poder de controle (SOUZA, 2000), como países, distritos e estados, já as

regiões são divisões no espaço, que podem ou não levar em consideração os limites de territórios, agrupando-os ou dividindo-os de acordo com características em comum como clima, economia, cultura ou outros, como exemplo de regiões pode-se citar os continentes e as regiões do país: Norte, Nordeste, Centro-oeste, Sudeste e Sul.

Já o conceito de paisagem, abordado no subcapítulo anterior, é referente a uma porção do espaço, limitada pelo campo visual, mas que além de poder ser vista, pode ser experienciada através dos demais sentidos e é composta por elementos físicos e culturais moldados através do tempo. Por fim, os lugares são os espaços pelos quais o indivíduo possui afeto, experiência ou vivência, como a cidade em que vive ou uma escola que frequentou, por exemplo. (MAGNOLI, 2006; QUEIROGA e BENFATTI, 2007; TUAN, 1983)

Os **espaços livres**, dentro do campo de estudos do urbanismo, são todos os espaços públicos e privados, não edificadas, que compõem o sistema urbano, dentre eles os mais frequentes são ruas, largos, praças, pátios, quintais, jardins privados e públicos, parques e avenidas e, costumam desempenhar funções como contemplação, preservação, proteção, produção, ornamentação e recreação (MAGNOLI 2006; QUEIROGA e BENFATTI, 2007).

Estes espaços se inter-relacionam e funcionam de forma sistêmica, como cita Queiroga e Benfatti (2007):

Os espaços livres urbanos formam um sistema, apresentando, sobretudo, relações de conectividade, complementaridade e hierarquia. Entre seus múltiplos papéis, por vezes sobrepostos, estão a circulação, a drenagem, atividades do ócio, convívio público, marcos referenciais, memória, conforto e conservação ambiental, etc. (QUEIROGA E BENFATTI, 2007, p.86)

Faz-se necessário, portanto, ao realizar análises ou planejar intervenções nos espaços livres, compreender as características e potencialidades do objeto de estudo na sua individualidade e em conjunto com os demais espaços livres da região.

Para Queiroga e Benfatti (2007), comparações entre sistemas de espaços livres de países e até mesmo de cidades distintas podem não ser úteis, ainda que possuam dimensões parecidas, visto que as variáveis locais serão particulares para cada um deles, contudo, neste trabalho, mesmo reconhecendo que existem diversos fatores que influenciam na dinâmica dos espaços públicos, acredita-se que as comparações ampliam o repertório de informações, e trazem novas referências que podem ser valiosas se adaptadas ao contexto no qual se pretende implantar.

Quanto aos **espaços públicos**, pode-se definir como locais edificados ou não, cujo domínio e responsabilidade é designada à esfera pública, cabendo ao município, estado ou federação a sua manutenção. Esses locais podem atender

a funções de caráter social, administrativo, educacional, ambiental, de lazer, entre outros, tais quais escolas, hospitais, praças e parques. Mesmo se tratando de locais públicos, podem ter acesso restrito, como ocorre em hospitais e prédios administrativos. (HERTZBERGER, 1999; ALVAREZ, 2008)

Portanto, os **espaços livres públicos** seriam os responsáveis por promover a vida em sociedade, visto que, por definição, oferecem infraestrutura para diferentes atividades que permitem, entre outras citadas anteriormente, a mobilidade e o lazer da população. Tais atividades facilitam e estimulam as trocas sociais mistas - que ocorrem entre grupos sociais distintos. Segundo Magnoli (2006, p.182) "O espaço livre público é o espaço da vida comunitária por excelência".

Contudo, ao observar os espaços livres públicos, nota-se que os usos que lhe são atribuídos e seus usuários nem sempre são diversificados, mesmo se tratando de espaços cujo acesso é irrestrito. Quanto a isto, Serpa (2007) afirma que a garantia de acessibilidade física e o fato do espaço ser aberto ao público, não garante a apropriação por parte das classes populares, e não o tornam um espaço público, para o autor "[...] a cultura transformou-se em lazer e diversão, existe uma distância mais social que física, separando os novos equipamentos públicos daqueles com baixo capital escolar [...]"(SERPA, 2007, p.39), mas o que é considerado cultura ao planejar os espaços públicos? Quais hábitos e atividades são levados em consideração?

A produção do espaço urbano não é alheia ao capitalismo, tanto que, como citado no subcapítulo anterior, pode-se observar um maior investimento nos espaços públicos em áreas com interesse turístico ou bairros de classes sociais mais altas. Os espaços contemplam a um programa de necessidades que levam em consideração as atividades esperadas no local, desenvolvidas por um determinado público, essas atividades são reflexo de uma cultura. Serpa (2007) afirma que as leis de mercado penetram na "substância das manifestações culturais" e tornam-se inerentes a elas, sendo assim, o mercado influencia tanto na produção do espaço quanto na produção e difusão cultural.

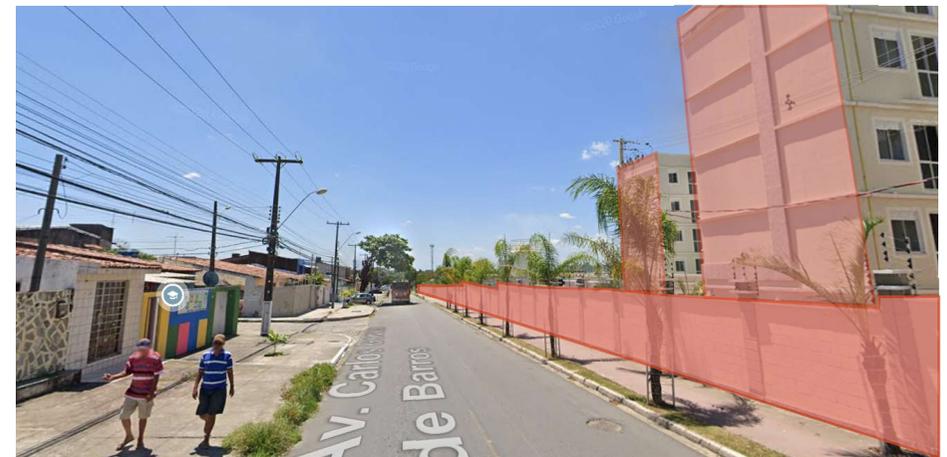
Porém, existem diversos tipos de cultura, Serpa (2007) discorre sobre a necessidade de reconhecer que existem culturas dominantes e alternativas, que abrangem questões políticas, etárias, étnicas e de gênero, o autor afirma ainda que "[...] o poder é expresso e mantido através da reprodução da cultura [...]" (p.143). A produção do espaço público é então, a materialidade formal de uma cultura dominante, que prioriza as classes sociais com maior poder aquisitivo.

Queiroga e Benfatti (2007, p.85) afirmam a necessidade de admitir que "[...] a noção de público pode, em muitas circunstâncias, não se constituir como uma esfera universal [...]", mas, que deve ser compreendido como um sistema formado por diferentes grupos sociais que constituem "esferas sociais

de vida" e "públicos fragmentados".

Além disso, a esfera de vida privada vem sendo fortalecida e cada vez mais se produzem espaços privados que atendem a determinados grupos sociais, esses locais não se tornam atrativos apenas pela infraestrutura, mas por que se propõem a oferecer também segurança e bem estar aos seus usuários. Inicialmente, sua produção era voltada para as classes sociais com maior poder aquisitivo, mas cada vez mais estão se popularizando com a criação de alternativas que alcançam outros perfis econômicos. Dessa forma, criam-se condomínios fechados, parques privados, *shopping centers*, entre outros, que são planejados para atender a determinadas classes sociais, filtradas pelo poder de aquisição de bens, contribuindo com a segregação socioespacial (Figura 04).

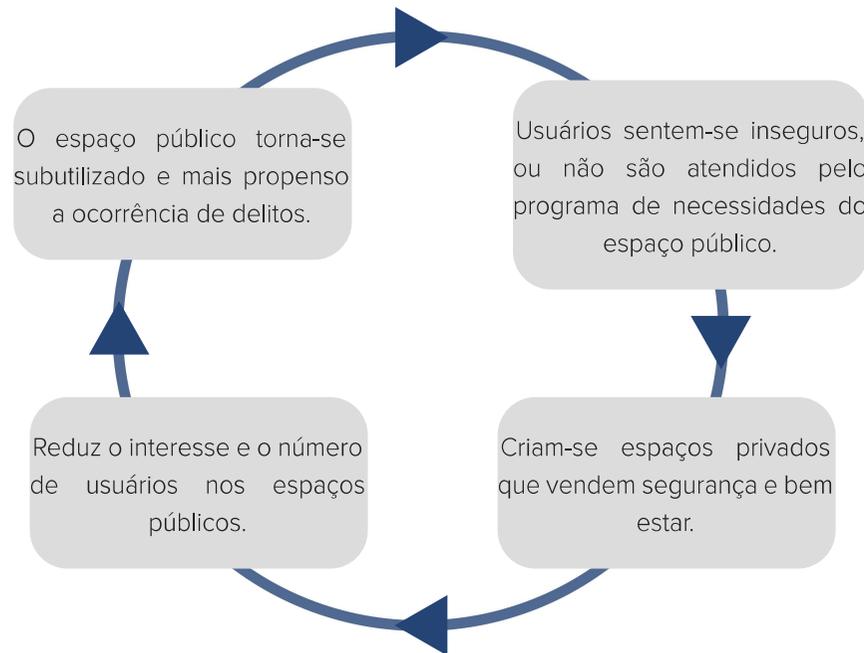
Figura 04. Rua com barreira visual produzida por condomínio residencial.



Fonte: Google Maps, 2020. (adaptado)

A criação em massa de espaços de convivência e lazer privados, além de reforçar as desigualdades sociais, enfraquecem a esfera pública, pois criam um ciclo de desvalorização do espaço público, representado na Figura 05.

Figura 05. Ciclo de desvalorização do espaço público.



Fonte: elaborado pela autora, 2020.

Assim, esses espaços privados terminam por vender a ideia de segurança, em detrimento da segurança fora de seus limites. Para Queiroga e Benfatti (2007):

[...] nem tudo que está além da esfera de vida

privada se constitui na esfera pública, a sociedade capitalista contemporânea não apenas fortaleceu a esfera de vida privada como, também, reforçou uma esfera social. Esta esfera se caracteriza por acessos restritos a determinados grupos sociais, onde o mundo do negócio e do ócio se produz, em boa medida, para além da vida privada e aquém da vida pública. (QUEIROGA e BENFATTI, 2007, p.84-85)

Dessa forma, acontece um processo de "territorialização do espaço", como afirma Serpa (2007, p.36), em que os usuários privatizam o espaço público "através da ereção de barreiras simbólicas, por vezes invisíveis", o autor afirma que:

O espaço público transforma-se, portanto, em uma justaposição de espaços privatizados; ele não é partilhado, mas, sobretudo, dividido entre os diferentes grupos. [...] Os usuários do espaço contribuem assim para a amplificação da esfera privada no espaço público, fazendo emergir uma sorte de estranhamento mútuo de territórios privados, expostos, no entanto, a uma visibilidade completa. (SERPA, 2007, p.36)

É preciso romper esse ciclo de desvalorização, e reforçar a vida pública nas cidades por meio da criação de espaços de qualidade, interessantes e acessíveis, conectados à cidade não apenas fisicamente, mas também culturalmente, que respeitem a identidade e potencialidades do local. Além disso, os lugares devem ser dinâmicos, adaptáveis e confortáveis, que considerem as formas de apropriação existentes e os anseios da população, e não imponham um

padrão de utilização utópico. A Figura 06 e a Figura 07, tiradas no mesmo dia no residencial Jarbas Oiticica, retratam como uma rua arborizada pode ser mais interessante para o lazer que um *playground* padrão, em um ambiente sem manutenção adequada.

Outro fator importante é que sejam próximos às residências e locais de trabalho, distribuídos em todos os bairros. Espaços que possam ser usufruídos conscientemente para o lazer e descanso, e inconscientemente, se fazendo presente nos deslocamentos cotidianos realizados pela população, para que assim os percursos sejam mais prazerosos. Não é apenas a praça que deve ter qualidade, não são apenas os espaços de permanência que estimulam as trocas sociais, mas também os locais de passagem como ruas e calçadas. Também é pelo caminho que se forma a vida urbana.

Para estimular e reforçar a utilização dos espaços públicos, além dos cuidados citados, também é importante que sejam observadas estratégias que promovam a vitalidade e segurança nesses lugares, que serão abordadas no subcapítulo a seguir.

Figura 06. Crianças brincando na rua sob a sombra de uma árvore.



Fonte: Autora, 2020.

Figura 07. Playground em praça com baixa conservação e detritos espalhados.



Fonte: Autora, 2020.

2.3. VITALIDADE E SEGURANÇA DOS ESPAÇOS PÚBLICOS

Buscar entender como se dão as dinâmicas sociais no espaço público, sob a ótica do papel que a Arquitetura e o Urbanismo podem exercer, estimulando ou inibindo a utilização desses espaços e como os usos podem favorecer a segurança local, é o que se propõe a discutir neste subcapítulo.

Existem diversos estudos relacionados à Arquitetura, Urbanismo, Antropologia, Sociologia, entre outras áreas, que analisam o espaço público e seu efeito na socialização dos indivíduos, alguns desses estudos serviram como base para construção deste trabalho, dos quais destacam-se nesse subcapítulo três autores: Jane Jacobs (2011), Jan Gehl (2015) e Oscar Newman(1996).

Estes autores apontam a importância da relação entre os espaços públicos e privados, considerando a forma como são construídos e quais usos lhe são dados, para a vitalidade e segurança do local.

A questão da segurança aqui abordada, vai além da ocorrência de crimes, envolve também o psicológico do indivíduo que faz uso do espaço, pois, independentemente de

estar ou não em um lugar seguro, pode-se **sentir** ou deduzir que um local possui ou não segurança. Essa percepção afeta a forma como o indivíduo usufrui o espaço, incentivando-o a permanecer e retornar ao local, ou fazendo-o ficar mais alerta a possíveis ameaças e evitar transitar nas proximidades.

A sensação de segurança ou medo considerada neste trabalho, abrange, principalmente, questões relacionadas à integridade física, material e psicológica. Tal sensação dá ao indivíduo a liberdade de ir e vir sem medo de ser assediado, assaltado, seguido, julgado ou sofrer qualquer outro tipo de agressão.

Cardoso *et al.* (2013) aponta alguns condicionantes que são relevantes para a percepção do nível de segurança, são eles:

"[...] o crescimento da criminalidade; o fenômeno da urbanização; a influência midiática que ressalta a espetacularização da violência; fatores culturais, como religião; atributos dos próprios indivíduos, como gênero, renda, idade, dentre outras características sociodemográficas." (CARDOSO, *et al.*, 2013, p.144).

Ainda que o lugar seja seguro, é importante para a qualidade de vida de seus usuários que ele seja capaz de transmitir a sensação de segurança, e assim, estimular cada vez mais outras pessoas a utilizarem este espaço. Para Gehl (2015, p.97), "Real ou percebida, a segurança é crucial para a

vida na cidade."

Surge então a questão: como tornar os espaços públicos lugares mais seguros e quais ferramentas podem ser utilizadas para estimular a vitalidade urbana?

De acordo com Monteiro (2010)⁴,

Para combater a criminalidade deve se buscar **não criar oportunidades** [grifo nosso]. O que está acontecendo com essa urbanização desestruturada, que não considera a apropriação do espaço pela população, é que a cidade só está criando oportunidades para os criminosos. A rua é lugar dos criminosos quando as pessoas têm medo de andar. É claro que o nosso trabalho, na verdade, só desloca a criminalidade para outra área, e então para mais outra. **Porque uma solução global só vem quando se aliam medidas micro com políticas macro, de inclusão socioeconômica** [grifo nosso]. (MONTEIRO, 2010.)

Não basta criar um cenário favorável a uma boa convivência, se as demais partes envolvidas não assumirem seu papel no combate à criminalidade. Esta discussão abrange questões sociais, econômicas, culturais, psicológicas, entre outras, e é preciso que existam políticas públicas efetivas que sirvam para a valorização e desenvolvimento da população, principalmente das classes econômicas mais baixas, para que haja equidade nos serviços e oportunidades, que devem ser ofertadas pelo Poder Público, tais como saúde, educação,

4 Entrevista concedida ao jornal Gazeta do Povo em 28/02/2010. Disponível em: <<https://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/cenario-urbano-pode-reduzir-crimes-arhmfh94pv6kpd3jd7s2ba6oe/>>. Acesso em 15/03/2020.

moradia e lazer.

Por se tratar de um assunto multidisciplinar, reconhece-se neste trabalho a importância dos demais agentes envolvidos na dinâmica da segurança pública, contudo, para a análise do tema sob o ponto de vista da arquitetura e do urbanismo, foi feito o recorte no qual considera-se principalmente a relação entre o espaço e o usuário e neutraliza-se os demais fatores abrangentes.

Quanto ao papel dos espaços públicos, sobre a questão de como torná-los mais seguros, Jacobs (2011) afirma que

A primeira coisa a ficar clara é que a ordem pública - a paz nas calçadas e nas ruas - não é mantida basicamente pela polícia, sem com isso negar sua necessidade. É mantida fundamentalmente pela rede intrincada, quase inconsciente, de controles e padrões de comportamento espontâneos presentes em meio ao próprio povo e por ele aplicados. (JACOBS, 2011, p.32)

Para a autora, as ruas e calçadas da cidade desempenham uma importante função para a segurança urbana, sendo elas os "principais locais públicos de uma cidade" e seus "órgãos mais vitais", não se tratam de elementos passivos, mas que são "protagonistas ativos do drama urbano da civilização *versus* a barbárie" (JACOBS, 2011). As ruas e calçadas sintetizam a cidade, seus usos e ocupações mostram o que se pode esperar em relação a **vitalidade**, pois, segundo Jacobs (2011,

p.29), "[...] Se as ruas de uma cidade parecerem interessantes, a cidade parecerá interessante; se elas parecerem monótonas, a cidade parecerá monótona."; e o que se pode esperar em relação à **segurança local**, quanto a isso, a autora afirma que:

[...] se as ruas da cidade estão livres da violência e do medo, a cidade está, portanto, razoavelmente livre da violência e do medo. Quando as pessoas dizem que uma cidade, ou parte dela, é perigosa ou selvagem, o que querem dizer basicamente é que não se sentem seguras nas calçadas. (JACOBS, 2011, p.29)

Para que haja segurança, Jacobs (2011, p.35) aponta três características principais:

1- que haja uma **separação nítida entre o espaço público e privado**;

2- que existam **olhos voltados para a rua**, considerados pela autora como os olhos "dos proprietários naturais da rua", sem que hajam paredes cegas, com os fundos ou as laterais das casas voltadas para a rua, o que Saboya (2012) concorda em suas pesquisas ao afirmar que

[...] as características de permeabilidade visual entre a edificação e o espaço da rua estão realmente relacionados com a ocorrência de crimes, no sentido de que estes tendem a acontecer em locais caracterizados por formas arquitetônicas com menos permeabilidade. (SABOYA, 2012)

e, por fim;

3- que as calçadas tenham **usuários transitando ininterruptamente**, o que aumenta o número de olhos atentos ao que está acontecendo nas ruas e as torna mais interessantes.

Jacobs afirma que "É inútil tentar esquivar-se da questão da insegurança urbana tentando tornar mais seguros outros elementos da localidade, como pátios internos ou áreas de recreação cercadas."(JACOBS, 2011, p.36).

Quanto a isso, Gehl (2015) concorda com Jacobs (2011) ao propor transferir "[...] o foco da defesa da esfera privada para uma discussão geral sobre o 'sentir-se seguro' enquanto se caminha pelo espaço público [...]", ele afirma que há "[...] uma conexão clara entre o objetivo de se **reforçar a vida na cidade** [grifo nosso] e o desejo de segurança". E acrescenta:

Se reforçarmos a vida na cidade de modo que mais pessoas caminhem e passem um tempo nos espaços comuns, em quase todas as situações, haverá um aumento da segurança, tanto da real quanto da percebida. A presença de 'outros' indica que um lugar é considerado bom e seguro. (GEHL, 2015, p.99)

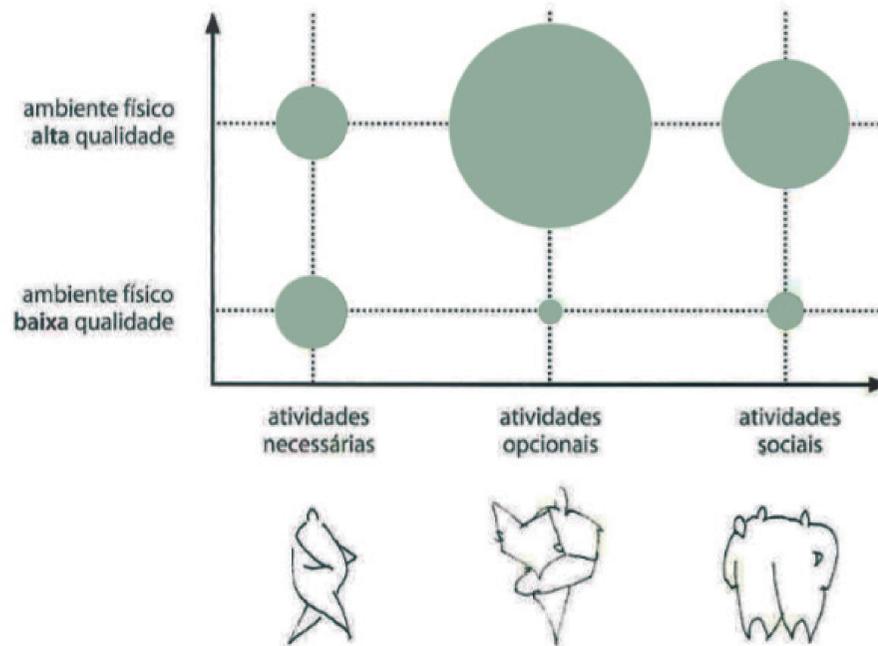
Gehl (2015) ainda afirma que para "influenciar o alcance e o caráter" das atividades ao ar livre pode-se utilizar de planejamento e projetos, criando ambientes convidativos para atividades que vão além de caminhadas, incluindo "proteção, segurança, um espaço razoável, mobiliário e qualidade visual."

(GEHL, 2015, p.21).

Ele aborda uma visão humanística no planejamento da cidade, em que o usuário deve ser priorizado em detrimento aos veículos, e defende que a cidade deve ser viva, segura, sustentável e saudável.

Para Gehl (2015) quanto maior a qualidade do ambiente físico, maior vai ser o número de atividades que podem ser realizadas nele e, conseqüentemente, maior vai ser o número de usuários e seu tempo de permanência no local, conforme representado na Figura 08.

Figura 08. Relação entre a qualidade do ambiente e as atividades desenvolvidas.



Fonte: Gehl, 2015.

Gehl (2015) divide as atividades na cidade como: **necessárias, opcionais e sociais**. As **atividades necessárias** são aquelas que são realizadas cotidianamente, obrigatórias para a maioria das pessoas, como: trabalhar, estudar ou ir ao mercado. As **atividades opcionais** são, na maioria das vezes, relacionadas à recreação como: fazer uma caminhada, ficar sentada em frente a casa ou observar a paisagem; essas atividades geralmente são afetadas pela condição climática e pela qualidade do ambiente físico, quanto melhor o clima e quanto maior a qualidade do espaço, maior será as opções de lazer e número de usuários do espaço. As atividades necessárias e opcionais são pré-requisito para que hajam as **atividades sociais**, que são as responsáveis por tornar a cidade um "lugar de encontro", em que as pessoas se observam nas ruas e interagem entre si. O autor afirma que "Se há vida e atividade no espaço urbano, então também existem muitas trocas sociais. Se o espaço da cidade for desolado e vazio, nada acontece." (GEHL, 2015, p.22)

Ao pensar em estimular essa partilha social e criar ambientes com mais vitalidade, corre-se o risco de focar em atrair um grande número de pessoas, e negligenciar o tempo de permanência dessas pessoas nesses locais. Gehl (2015) apresenta um exemplo, em que analisa praças em Copenhague e Oslo, e aponta que:

[...]algumas praças servem apenas como cruzamento dos pedestres de um lado para o outro, enquanto outras combinavam a oportunidade de caminhar com a permanência, experiências e conforto. [...]Se o objetivo é conseguir cidades vivas e atrativas, é fundamental prestar atenção nas atrações e nas oportunidades de permanência. (GEHL, 2015, p.73)

Para garantir a segurança é importante que os usuários parem para observar o espaço em que estão, um atributo que estimula a observação, utilização e cuidado do espaço é o "sentimento de dono": quando o usuário se apropria do espaço e sente que também é responsável por manter a ordem daquele local. Meios de identificação, como placas de sinalização e pórticos nas entradas dos bairros também ajudam na legibilidade do espaço público e na territorialidade. Sobre isso, Gehl afirma que "A identificação e o detalhamento da estrutura e a sensação de filiação [...] auxiliam a reforçar a sensação de segurança tanto para grupos quanto para indivíduos." (GEHL, 2015, p.102)

Outro autor que aborda sobre territorialidade como instrumento para reforçar a segurança real e percebida é Oscar Newman, ele aborda o conceito de "cidade defensável" em que cria estratégias para vigilância e proteção dos espaços.

Em seu livro *Creating Defensible Space* (1996), Newman aponta o exemplo de Pruitt-Igoe (Figura 09), um conjunto residencial, com áreas comunais e jardins no térreo, voltado

para a população de baixa renda, construído na década de 50 em St. Louis (Missouri, EUA) e orientado pelas diretrizes modernistas. Esse conjunto foi tido como um "desastre" na época, pois, com o passar dos anos suas áreas comuns foram totalmente degradadas, inutilizadas e se tornaram um espaço inseguro.

Figura 09. Vista geral de Pruitt-Igoe na década de 60.



Fonte: Newman, 1996, p.10.

Um dos motivos que levaram as construções a este estado, foi a dificuldade em manter o controle sob o espaço. Segundo o autor, os corredores eram compartilhados por até 20 famílias, já escadas e elevadores eram compartilhadas por

até 150 famílias, não havia devida manutenção nos espaços, nem podia-se identificar quem era ou não morador. Esses espaços, cada vez mais evitados, entraram em processo de degradação, havia acúmulo de lixo e dejetos nas áreas comuns, e, com o tempo, passaram a ser ocupados por gangues que assediavam e assaltavam os moradores. (NEWMAN, 1996; VON HOFFMAN, 2000) Como exemplo da falta de segurança em Pruitt-Igoe, Newman (1996) citou que as mulheres precisavam andar em grupos para realizar atividades simples como pegar as crianças na escola ou fazer compras.⁵

Em contrapartida, foi observado no conjunto que as áreas que eram compartilhadas por apenas duas famílias permaneceram bem cuidadas, levando o autor a concluir que os moradores mantinham e controlavam as áreas que eram claramente definidas como suas.⁶

Percebe-se a partir daí a importância da apropriação dos espaços pelos moradores para a segurança e conservação do local, o que não ocorreu nas áreas comuns de Pruitt-Igoe, segundo Hertzberger (1999), por meio do envolvimento dos moradores na construção do espaço e com a criação de marcas individuais no local, ocorre também a apropriação

conjunta e cria-se um espaço comunitário.

Para Newman (1996, p.24), fatores físicos estão correlacionados à ocorrência de crimes, dentre eles destacam-se o tamanho e a proximidade com outros projetos de assistência pública na área, que reforçam a fraqueza social e patologia, e a altura da construção, ou número de unidades por entrada - referindo-se a tipologias com mais de um pavimento - que afetam a possibilidade de controle local.⁷

Newman classifica os espaços de acordo com os níveis de controle possíveis e ilustra como a tipologia influencia no nível de apropriação normalmente alcançado, sintetizado na Figura 10. O autor divide o espaço em quatro níveis de controle: privado, semi-privado, semi-público e público, fatores como a quantidade de andares e permeabilidade visual influenciam no poder de controle por parte dos moradores, dessa forma, quanto maior a quantidade de pavimentos, menor é o controle sob o espaço.

Para facilitar o controle dos espaços por parte dos moradores, Newman (1996, p.68):

- Reforça a importância da **divisão clara entre espaços públicos e privados**, responsável por gerar nos proprietários

5 Texto original: "Women had to get together in groups to take their children to school and go shopping." (NEWMAN, 1996, p.10)

6 Texto original: "One could only conclude that residents main- apartments in Pruitt-Igoe tained and controlled those areas that were clearly defined as their own." (NEWMAN, 1996, p.11)

7 Texto original: "[...] two classes of physical factors contribute to crime rates: (1) those such as "project size" or the "number of publicly assisted projects in the area" that reinforce social weakness and pathology; and (2) those such as "building height" or "the number of units per entry" that affect the ability of residents to control their environment"

um "sentimento de dono" e estimular a identificação e "neutralização" de possíveis ameaças;

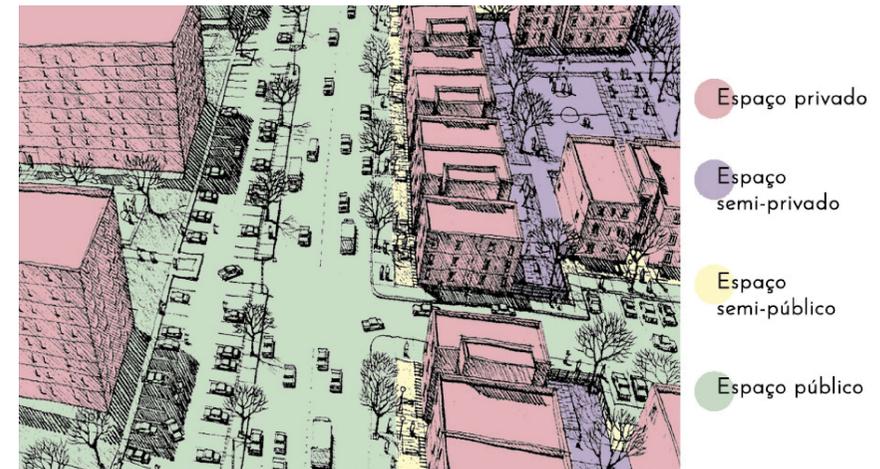
- Incentiva a **redução do número de rotas para os pedestres** (ao contrário do que defende Jacobs), limitando acessos e intensificando o fluxo nos demais passeios;

-Sugere a **melhoria da iluminação** para facilitar a visibilidade dos espaços;

-Destaca a importância da **identificação e melhoria da imagem do projeto**, tornando-o mais interessante, e estimulando a vigilância por parte dos moradores;

- Aponta a necessidade da **redução do conflito intergeracional**, designando no projeto áreas específicas para diferentes grupos etários, como ilustra a Figura 11. Diferente do que Gelh (2015, p.65) propõe ao dizer que é preciso concentrar pessoas e atividades em "poucos espaços de tamanho adequado e no mesmo nível".

Figura 10. Lados da rua com mesma densidade e diferentes tipologias de edificações, marcados com cores que representam os níveis de controle.



Fonte: Newman, 1996, p.21. (adaptado)

Figura 11. Zoneamento de atividades de acordo com faixa etária.



Fonte: Newman, 1996, p.73. (adaptado)

2.4. PROGRAMA MINHA CASA MINHA VIDA: DADOS GERAIS, LOCALIZAÇÃO E IDENTIDADE.

Para sanar o déficit habitacional no Brasil, criou-se em 2009 pelo Governo Federal o Programa Minha Casa Minha Vida - PMCMV, sob a lei 11.977/2009, com o objetivo inicial de construir um milhão de residências para famílias com até 10 salários mínimos. (BRASIL, 2009; LINKE *et al.*, 2016)

Inicialmente, o programa dividiu-se em três faixas de renda, e posteriormente, no ano de 2013, foi acrescentada uma faixa intermediária (faixa 1 ½).

Com os anos, o Programa aumentou seu objetivo e entre os anos 2009-2019 foram contratadas mais de 5,5 milhões de unidades habitacionais, das quais mais de 4,6 milhões já foram concluídas, como pode ser visto no Quadro 04. (SNH, 2020)

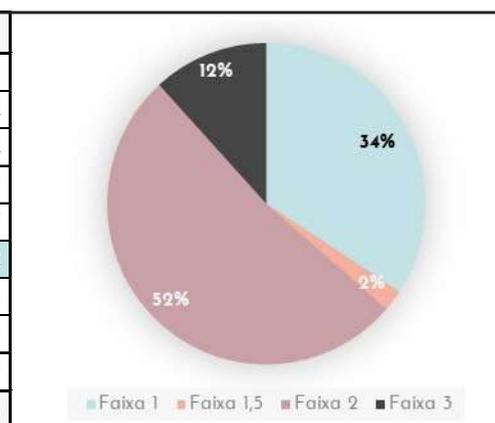
A faixa 1, a qual pertence o objeto de estudo deste trabalho, é a segunda maior do programa e representa 34% das unidades contratadas no Brasil (Gráfico 01). Já em Rio Largo, cidade em que se localiza o residencial que será analisado, a faixa 1 representa 80% das unidades do PMCMV.

Essa faixa é responsável por atender as famílias com menor renda, de zero a três salários mínimos, e apresenta regras diferenciadas em relação as outras faixas. As unidades

Quadro 04. Percentual de participação das faixas do PMCMV no Brasil.

Modalidade	Faixa	Valor Contratado	Contratadas	Obras Físicas Concluídas	Entregues
Entidades	Faixa 1	R\$ 3.917.679.726,65	78.448	23.384	21.771
FAR Empresas	Faixa 1	R\$ 77.436.884.475,10	1.361.807	1.103.025	1.078.544
FAR Urbanização - Vinculadas	Faixa 1	R\$ 5.724.868.048,63	85.723	58.030	56.654
Oferta Pública	Faixa 1	R\$ 3.374.072.000,00	166.886	125.410	111.032
Rural	Faixa 1	R\$ 6.110.429.618,51	215.058	166.827	166.827
Total Faixa 1:		R\$ 96.563.933.868,89	1.907.922	1.476.676	1.434.828
CCFGTS	Faixa 1,5	R\$ 14.702.803.395,45	118.930	56.415	33.840
CCFGTS	Faixa 2	R\$ 293.513.873.633,80	2.894.901	2.565.454	2.273.236
CCFGTS	Faixa 3	R\$ 62.450.548.162,31	655.716	519.804	387.882
Total Geral:		R\$ 467.231.159.060,45	5.577.469	4.618.349	4.129.786

Gráfico 01. Percentual de participação das faixas do PMCMV no Brasil.



Fonte: Dados do Sistema Nacional de Habitação, 2019. Elaborado pela autora.

habitacionais recebem maior subsídio do governo, em até 90% do valor total do imóvel, mas só podem ser adquiridas por meio do cadastro da família na prefeitura da cidade, que após análise e aprovação podem ser sorteados para algum empreendimento. (CEF, 2009; CNM, 2018, SNH, 2020)

Ao ser sorteado, o morador paga o financiamento do imóvel durante dez anos, neste prazo a edificação não pode ser vendida, cedida ou alugada, sob pena de perder o direito ao bem, também não se pode quitar as parcelas antes dos dez anos, sem que se perca o subsídio do governo, exceto em casos de morte do beneficiário, em que o seguro cobre as parcelas restantes e a residência passa a ser dos seus dependentes ou herdeiros. (CEF, 2009)

Dessa forma, para garantir o direito ao imóvel, o proprietário é obrigado a morar na residência para qual foi sorteado. Um dos problemas quanto a isso, é que usualmente os beneficiários não podem escolher a unidade e nem mesmo o bairro em que irão morar, e os empreendimentos pertencentes a faixa 1 costumam se localizar em áreas periféricas e longe da infraestrutura urbana preexistente, o que aumenta o tempo e custos com deslocamentos para os moradores e reforça a segregação socioespacial. (CARDOSO et al., 2013; LINKE *et al.*, 2016)

Figura 12. Empreendimentos do PMCMV faixa 1, localizados em regiões periféricas.



Fonte: ENGEMAT, 2020. Disponível em: <<https://www.engemattda.com.br/habitacao>>. Acesso em: 08/12/2020.

Outro ponto que vale ressaltar, é que o PMCMV, é incluído no Programa de Aceleração do Crescimento - PAC, como resposta a crise econômica de 2008 para gerar novos empregos e renda no setor da construção civil, dessa forma, para maximizar os lucros, além de ocorrer a produção em massa em lotes mais afastados dos centros urbanos e conseqüentemente mais baratos, também economiza-se na qualidade do projeto e da obra, ao adotar materiais e tipologias

padrões que não levam em consideração a identidade local e anseios dos moradores, indo de encontro as recomendações dos autores abordadas neste trabalho. (LINKE *et al.*, 2016; SDI, 2018)

Nesse contexto, os espaços destinados ao uso coletivo podem representar um importante instrumento para socialização dos novos moradores, ou, pelo contrário, ser um inibidor, caso os moradores não sejam atraídos por esses espaços que se tornam deteriorados e subutilizados, como apresentado na Figura 13.

Figura 13. Ocupações irregulares e acúmulo de lixo no canteiro público.



Fonte: Autora, 2020.

Quanto a isso, Reis e Lay (2010) afirmam que:

Existe uma tendência para aqueles moradores que utilizam os espaços abertos do conjunto a estar mais satisfeitos com o conjunto habitacional e com o lugar onde vivem, e vice-versa, reforçando a necessidade de disponibilidade de espaços abertos adequados para recreação e lazer (REIS e LAY, 2010, p.112.)

Os autores também afirmam que a utilização dos espaços abertos resultam no melhor relacionamento entre os moradores e que o mau relacionamento pode provocar o desuso dos espaços comuns. (REIS e LAY, 2010)

Dessa forma é imprescindível que haja readequação dos espaços livres públicos nos conjuntos habitacionais do PMCMV e que estes possam contribuir na construção e valorização da identidade local, aumentando o sentimento de pertencimento por onde habitam. Também é importante que sejam adequados as necessidades reais dos moradores, levando em consideração as dinâmicas do local, hábitos e faixas etárias, provendo locais de fácil manutenção e como recomendado por Jacobs (2011) Gelh (2015) e Newman (1996) que haja separação clara entre espaços públicos e privados.

Para isso, não há como seguir a lógica do mercado imobiliário, que impõe e replica padrões, mas deve-se construir, em conjunto com os moradores e por meio da análise do espaço, novos lugares que sejam "favoráveis à felicidade".

Caracterização:

ASPECTOS SOCIOCULTURAIS E FÍSICO-TERRITORIAIS



3.1. LOCALIZAÇÃO E CONTEXTO HISTÓRICO

3.2. CONDICIONANTES AMBIENTAIS

3.3. JARBAS OITICICA: POPULAÇÃO, ECONOMIA E ENTORNO

3.4. ADENTRANDO O RESIDENCIAL JARBAS OITICICA

3.5. APROPRIAÇÃO DO ESPAÇO PÚBLICO

3.6. SÍNTESE

3.1. LOCALIZAÇÃO E CONTEXTO HISTÓRICO

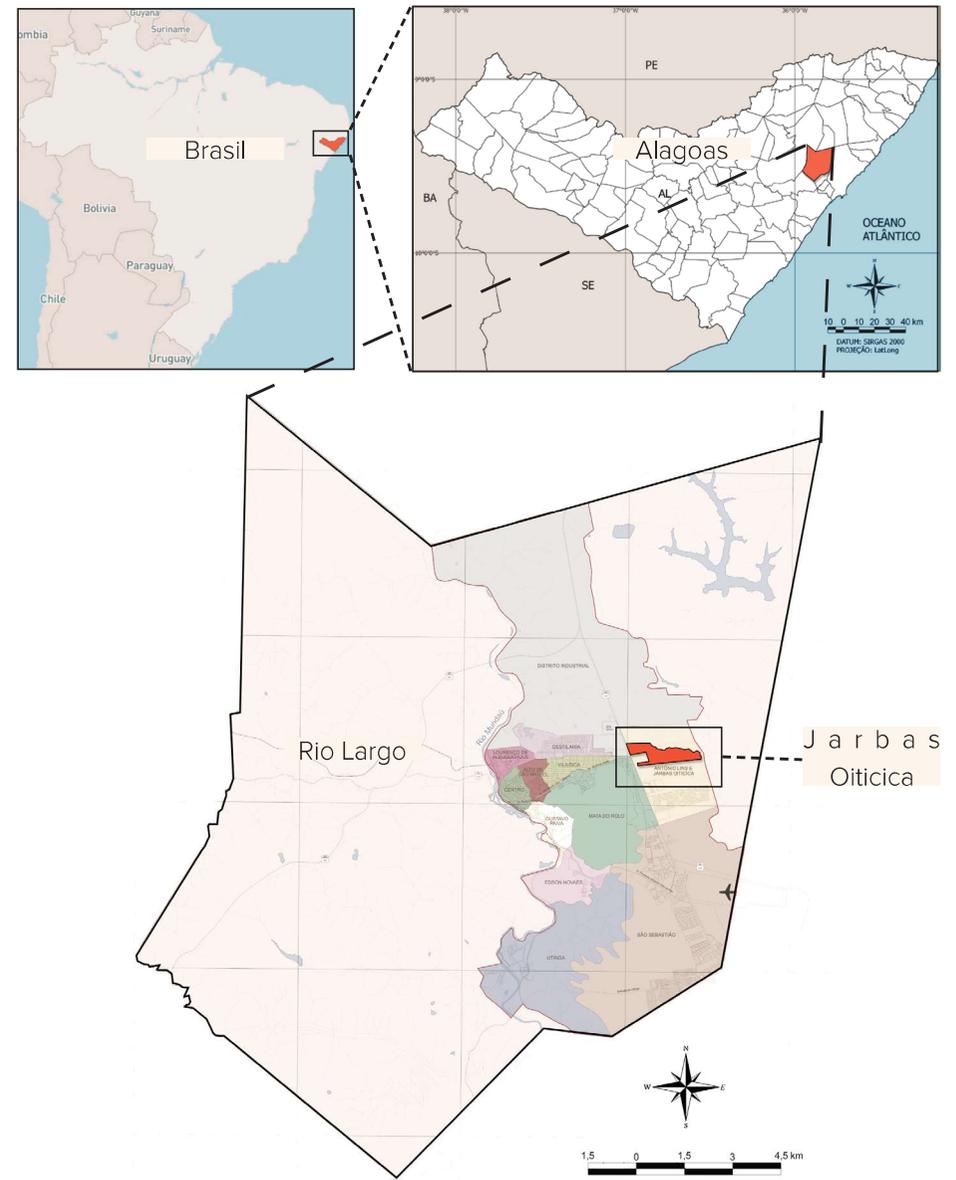
O objeto de estudo deste trabalho é o Residencial Jarbas Oiticica, construído por meio do Programa Minha Casa Minha Vida - PMCMV e que começou a ser habitado em 2016.

O residencial está situado no município de Rio Largo, região metropolitana de Maceió. Limita-se ao norte com os municípios Messias e Murici, ao leste com a cidade de Maceió - capital do estado de Alagoas, ao sul com os municípios de Satuba e Pilar e a oeste com o município de Atalaia, como pode ser visto na Figura 14. Atualmente, a cidade é a terceira maior do estado de Alagoas, com população estimada de 75.394 habitantes, de acordo com o IBGE (2020).

CONTEXTO HISTÓRICO

A cidade de Rio Largo pertencia ao município de Santa Luzia do Norte, no qual formou-se uma das primeiras povoações do estado de Alagoas. Em 1830, Rio Largo foi decretada como vila, em 1915 passou a ser a sede do município de Santa Luzia do Norte e apenas em 1938 foi emancipada. O nome Rio Largo se deve a um engenho de açúcar importante para a cidade, construído próximo ao trecho de maior largura do Rio Mundaú.

Figura 14. Localização do objeto de estudo.



Fonte: Núcleo de Projetos Arquitetônicos, Planejamento Urbano e Geoprocessamento de Rio Largo, 2017 (adaptado).

(IBGE, 1959, p.155-160)

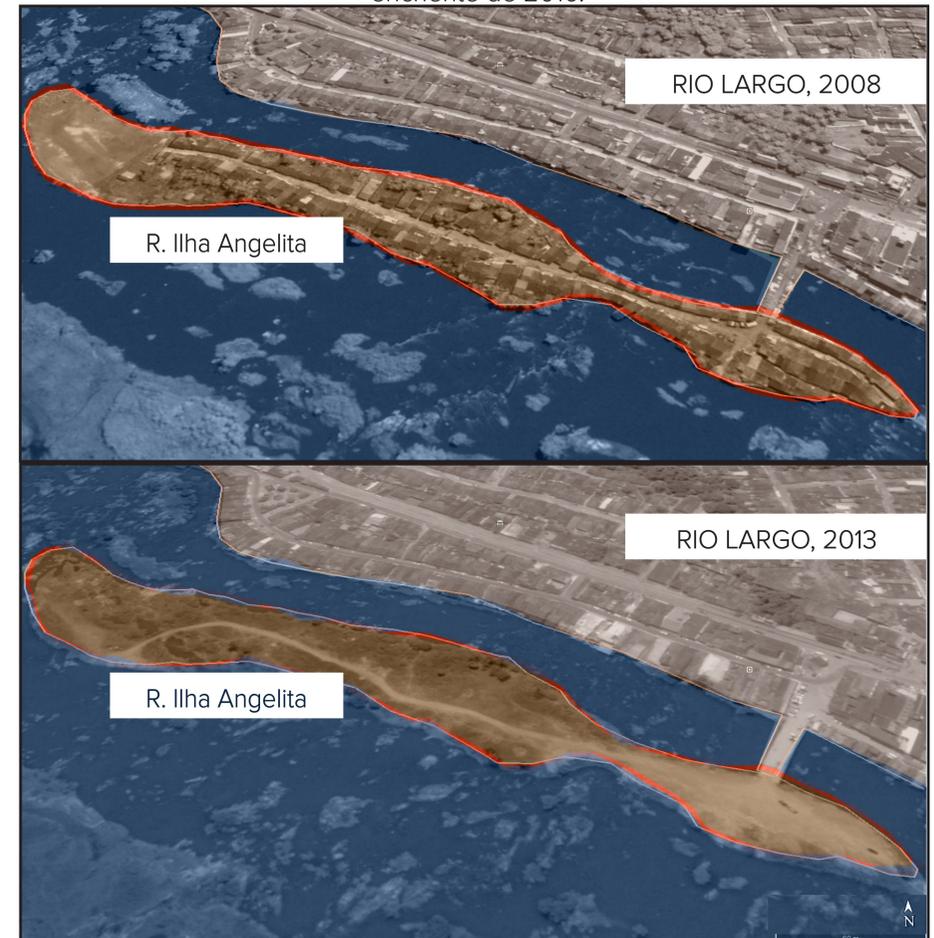
Com a implantação da linha férrea e o desenvolvimento da energia hidrelétrica na cidade, Rio Largo tornou-se um importante polo econômico para o estado de Alagoas. A indústria teve um importante papel para a construção da cidade, ao final do século XIX dois engenhos foram vendidos à Companhia Alagoana de Fiação e Tecidos - CAFT e transformaram-se em fábricas, também foram criadas duas grandes usinas de açúcar, Santa Clotilde e Utinga Leão, esta última considerada na época uma das melhores em todo o país. (IBGE, 1959, p.155-160)

Contudo, como afirma o relatório do Projeto do Trabalho Técnico Social (CEF e PROATEC, 2020), com o declínio dos parques têxteis e do transporte ferroviário, ocorreu uma interrupção no desenvolvimento da cidade que passou a ser, em parte, economicamente dependente de Maceió e considerada uma cidade dormitório.

Outro fator que influenciou diretamente a formação espacial da cidade foram as enchentes. Por se localizar ao lado do Rio Mundaú, Rio Largo sofreu com inundações em diversas cheias, de acordo com Júnior, Pedrosa e Souza (2010) a bacia do Rio Mundaú apresentou sete grandes cheias nos últimos 100 anos. A última grande cheia ocorreu em 2010, destruiu centenas de edificações e deixou várias famílias desalojadas. Na Figura 15 é possível observar parte dos danos sofridos em

2010, em que todas as residências da R. Ilha Angelita, próxima ao centro de Rio Largo, desapareceram levadas pela força da correnteza. Posteriormente, no ano de 2018, outras residências às margens do rio foram demolidas por apresentar situação de risco.

Figura 15. Destruição das residências da R. Ilha Angelita em Rio Largo/AL após a enchente de 2010.



Fonte: Google Earth, 2020 (adaptado).

Após a cheia, somou-se a demanda preexistente uma nova demanda por habitação e nos anos seguintes, entre 2010 e 2019, foram construídos pelo PMCMV, segundo o Sistema de Habitação (2019), 14.078 unidades habitacionais. Inclui-se entre as novas construções o Residencial Jarbas Oiticica.

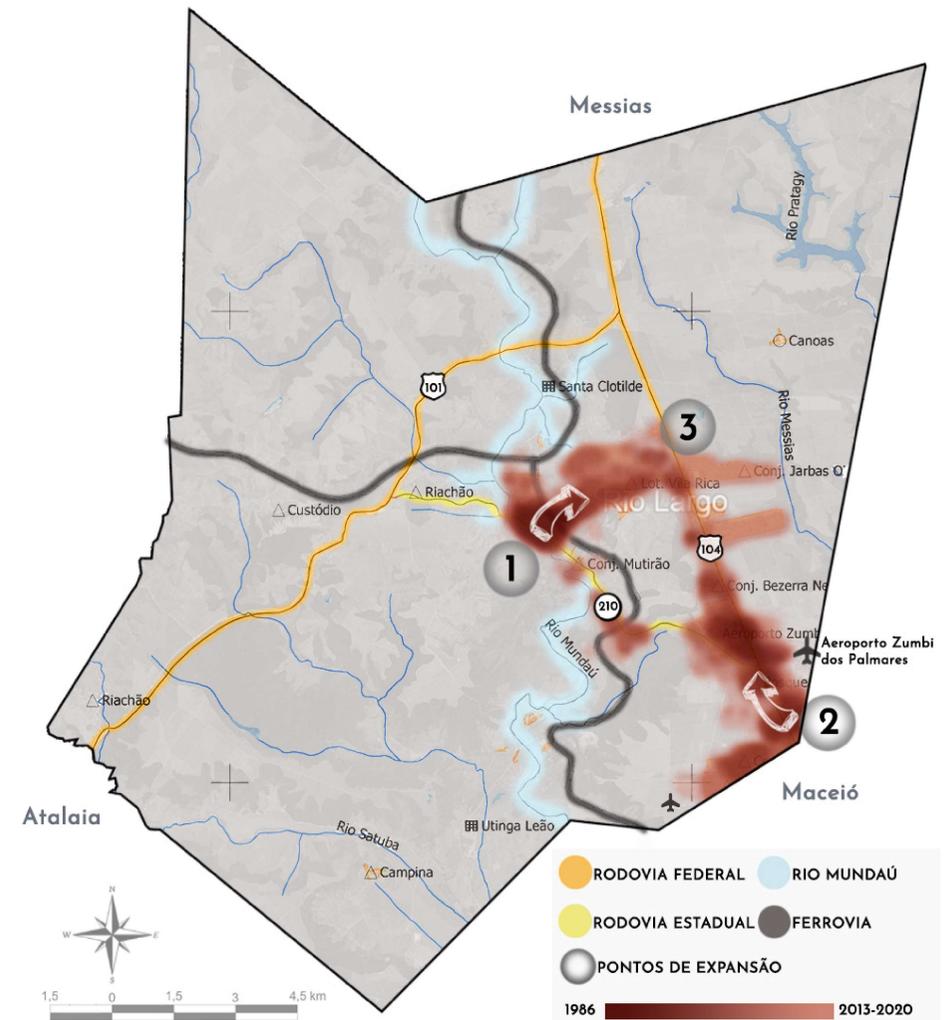
Para a construção das novas residências, optou-se por áreas mais afastadas do rio, que por consequência possuem menor infraestrutura disponível, além de possuir terrenos pouco acidentados, tal escolha contribuiu com o espraiamento da malha urbana da cidade.

EVOLUÇÃO URBANA

Com base no que foi exposto, somado a imagens de satélite disponíveis no Google Earth entre os anos 1986 e 2020 e no Mapa Político Administrativo de Rio Largo elaborado pela Secretaria de Estado do Planejamento, Gestão e Patrimônio - SEPLAG (2019), sintetizou-se na Figura 16 a evolução urbana da cidade de Rio Largo, por meio da sobreposição das manchas urbanizadas ao longo dos anos citados.

Pode-se verificar a expansão urbana a partir de três pontos, indicados na imagem. O **primeiro** ponto está locado as margens do Rio Mundaú e próximo a ferrovia, onde se concentram as primeiras edificações da cidade, a partir daí o crescimento segue em direção a BR-104. O **segundo** ponto

Figura 16. Manchas e direções da evolução urbana de Rio Largo-AL



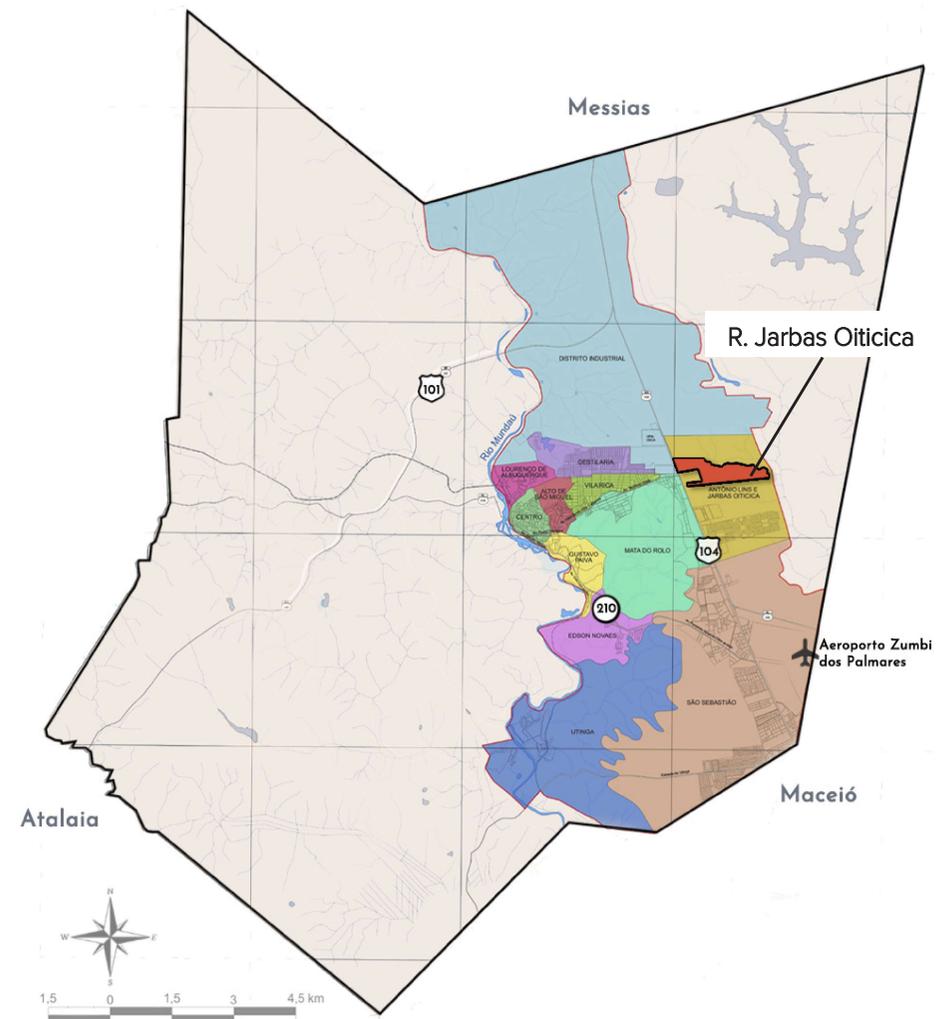
Fonte: Elaborado pela autora com base em imagens históricas do Google Earth entre 1986 e 2020 e no Mapa-Político Administrativo de Rio Largo elaborado pela SEPLAG (2019).

surge próximo ao aeroporto, no limite entre o município e Maceió e é resultado do processo de conurbação existente entre as cidades, as construções seguem ao longo da BR-104. O **terceiro** e último ponto indica as construções mais recentes, nas suas proximidades se concentram a maior parte dos novos residenciais citados anteriormente.

Atualmente, com a construção dos conjuntos habitacionais e ampliação da infraestrutura básica na região, o município tende a continuar se expandindo ao longo da BR-104 e em terrenos adjacentes aos residenciais. Rio Largo é dividida em 12 bairros além da zona rural, que se distribuem espacialmente conforme apresenta a Figura 17, a imagem destaca ainda a localização do Residencial Jarbas Oiticica, é possível notar que sua extensão territorial é equivalente a de bairros inteiros como o Centro, Lourenço de Albuquerque, Alto de São Miguel ou Vila Rica.



Figura 17. Bairros da cidade de Rio Largo.



Fonte: Núcleo de Projetos Arquitetônicos, Planejamento Urbano e Geoprocessamento de Rio Largo, 2017 (adaptado).

3.2. CONDICIONANTES AMBIENTAIS

No que diz respeito aos condicionantes ambientais da cidade de Rio Largo, serão abordados neste subcapítulo dados gerais sobre o clima, relevo, áreas de conservação ambiental, hidrografia e áreas suscetíveis a inundações e alagamentos.

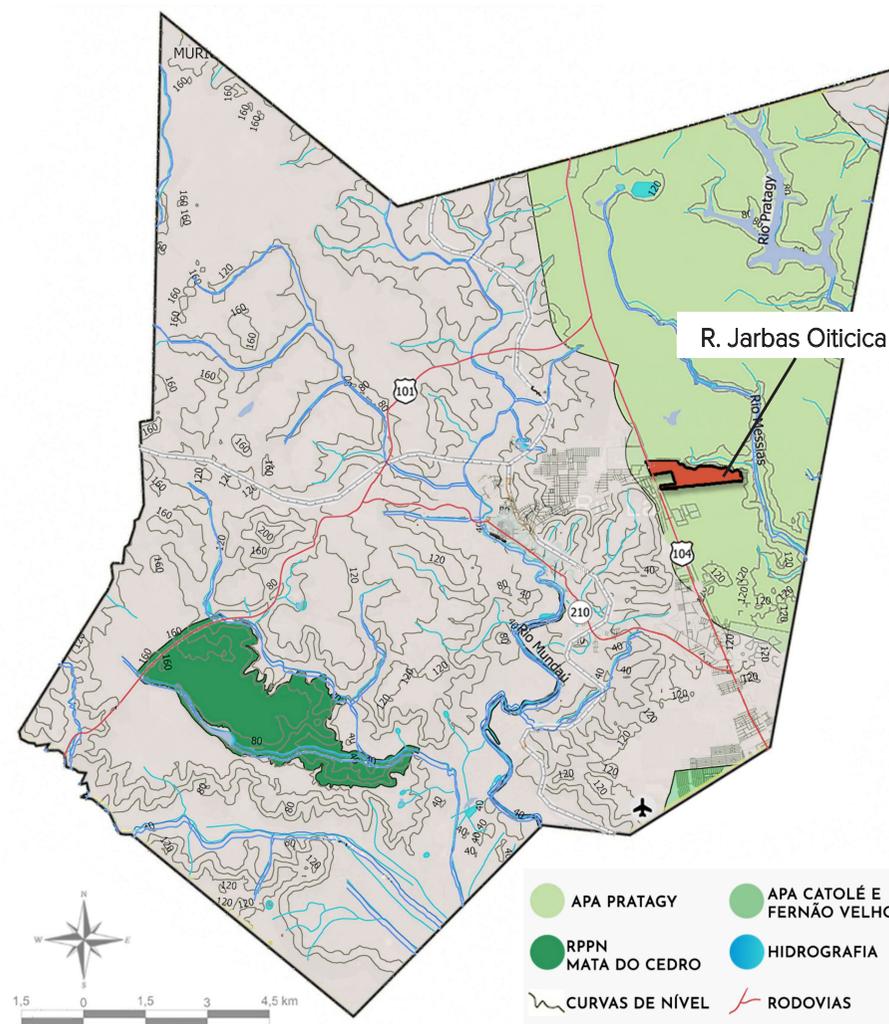
Rio Largo possui o clima entre úmido e subúmido úmido, com temperaturas médias anuais entre 20°C e 29°C (SEPLANDE, 2014; IMA, 2018).

É possível observar na Figura 18 informações acerca do relevo, unidades de conservação e hidrografia do município. Destaca-se na figura a localização do Jarbas Oiticica, objeto de estudo deste trabalho.

Quanto ao relevo da área urbanizada, pode-se notar que é mais acidentado nos bairros próximos ao Rio Mundaú, enquanto ao longo da BR-104 os terrenos são predominantemente planos, como é o caso do Residencial Jarbas Oiticica.

O município apreende três unidades de conservação, sendo a Área de Proteção Ambiental - APA do Pratagy a maior delas e o Jarbas Oiticica está inserido nela. Esta APA tem por objetivo, segundo o Instituto do Meio Ambiente - IMA, equilibrar

Figura 18. Relevo, Unidades de Conservação e Hidrografia.



Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados vetoriais do Instituto do Meio Ambiente - IMA (2018).

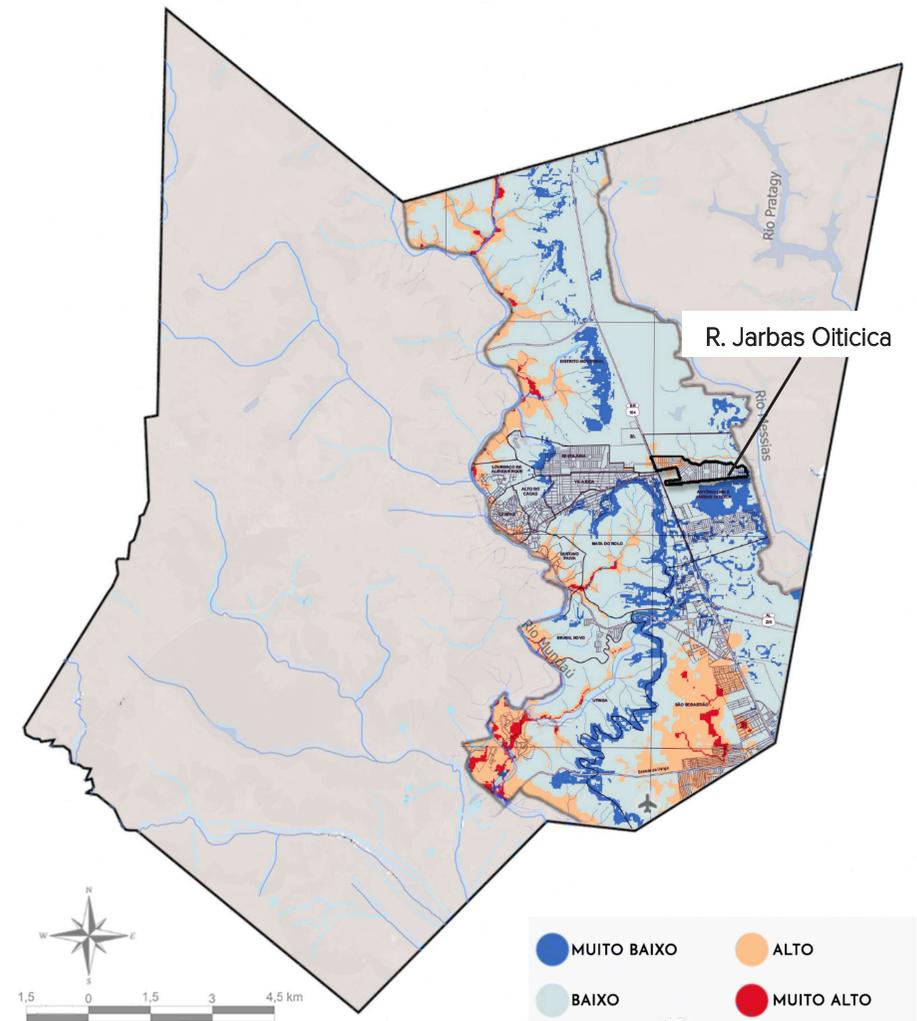
as atividades desenvolvidas na região com as necessidades ambientais do ecossistema da bacia hidrográfica do Rio Pratagy, busca a preservação da mata ciliar, que em parte foi substituída pelo cultivo de cana-de-açúcar e o controle do crescimento desordenado de populações ribeirinhas. As demais unidades de conservação são a Reserva Particular do Patrimônio Natural - RPPN Mata do Cedro e a APA do Catolé e Fernão Velho.

O município pertence às regiões hidrográficas Mundaú e Pratagy, possui diversos rios e afluentes, dentre eles, cabe destacar o Rio Mundaú localizado próximo ao centro da cidade e o Rio Messias que passa ao fundo do Residencial Jarbas Oiticica, como é possível ver na Figura 18.

Como foi dito anteriormente, a cidade sofreu com diversas cheias do Rio Mundaú ao longo dos últimos anos, a última grande cheia se deu em 2010 e causou diversos danos que afetaram a estrutura física e econômica da cidade.

É possível observar na Figura 19 a suscetibilidade a inundação e alagamento no perímetro urbano de Rio Largo, classificadas como: muito baixo, baixo, alto e muito alto. As áreas com maior risco estão próximas ao Rio Mundaú e no bairro São Sebastião, que faz divisa com Maceió. O Jarbas Oiticica possui baixo risco em sua maior parte, exceto no início do conjunto, que possui alto risco de inundação ou alagamento.

Figura 19. Suscetibilidade a Inundação e Alagamento no Perímetro Urbano.



Fonte: Núcleo de Projetos Arquitetônicos, Planejamento Urbano e Geoprocessamento de Rio Largo, 2017 (adaptado).

3.3. JARBAS OITICICA: POPULAÇÃO, ECONOMIA E ENTORNO

O conjunto residencial Jarbas Oiticica, pertencente ao Programa Minha Casa Minha Vida, foi contratado em 2012 e financiado pelo Fundo de Arrendamento Residencial - FAR, suas primeiras unidades foram entregues em 2016 e são destinadas a atender a Faixa 1 do PMCMV, que compreende a população com menor renda familiar mensal, de até 3 salários mínimos. (SISHAB, 2020; CEF e PROATEC, 2020)

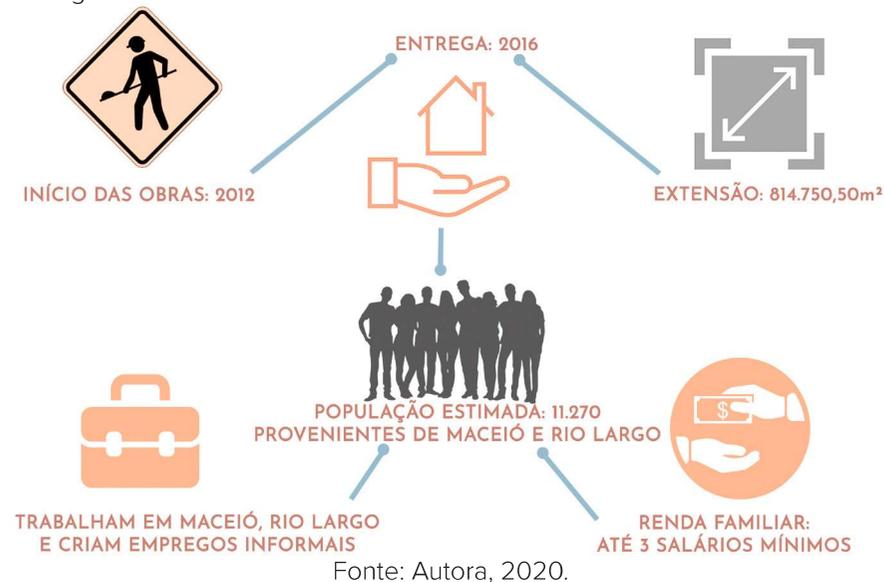
O residencial possui uma extensão de 814.750,50m² e um total de 3.148 unidades habitacionais, que foram divididas em dois módulos, A e B. A população estimada do conjunto é de 11.270¹ pessoas, parte da população provém da capital do estado, Maceió, e estabelece relações de trabalho e familiar com a cidade de origem. (NPAPUG, 2017; SISHAB, 2020; INSTITUTO ELOS, 2017; CEF e PROATEC, 2020)

Em relatos colhidos na Gerência de Habitação - GIHAB, da Caixa Econômica Federal - CEF, durante os anos de 2018 e 2019, alguns moradores do Jarbas Oiticica afirmaram permanecer durante a semana em Maceió, geralmente na casa de parentes, por conta do deslocamento necessário para ir ao trabalho ou por ser responsável pelos cuidados de algum familiar, indo para suas casas apenas aos finais de semana.

Esses relatos revelam a dificuldade quanto a mobilidade enfrentada pelos moradores. Percebeu-se ainda que as visitas aos finais de semana às suas casas eram incentivadas pelo receio de perder o direito legal ao imóvel ou de ter a residência invadida ou saqueada.

Para entender melhor as conexões e dinâmicas que o residencial estabelece com o seu entorno, serão apresentadas nas páginas a seguir os aspectos socioeconômicos da população residente no Jarbas Oiticica, as conexões entre o local e os centros de Rio Largo e Maceió, e, por fim, o mapa de entorno, com a distribuição dos principais equipamentos.

Figura 20. Síntese visual: Dados Gerais do Residencial Jarbas Oiticica.



PERFIL POPULACIONAL

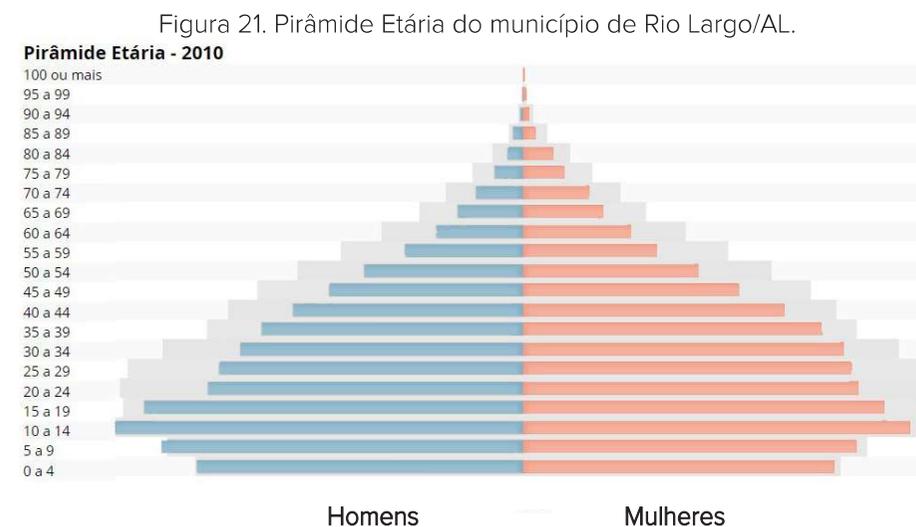
Como foi dito anteriormente, a população residente no Residencial Jarbas Oiticica é proveniente dos municípios de Maceió e Rio Largo, seus habitantes não vieram de uma demanda específica, mas procedem majoritariamente dos bairros Benedito Bentes, Jacintinho e Tabuleiro do Martins, localizados em Maceió. Segundo CEF e PROATEC (2020) os bairros citados "são caracterizados por grande densidade populacional, onde os aluguéis são mais cessíveis, apresentando, muitas vezes, imóveis com condições precárias de habitabilidade". (Instituto Elos, 2007; CEF, IADH, 2017; CEF e PROATEC, 2020).

Por ter sido entregue no ano de 2016, o residencial não possui dados do último censo que ocorreu em 2010, sendo assim, além de serem apresentados dados obtidos em relatórios institucionais sobre o Jarbas Oiticica, serão apresentados dados gerais de Rio Largo, por ser o município no qual está inserido e o responsável por atender as demandas da população.

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE (2020), em Rio Largo no ano de 2010 haviam 68.481 pessoas, já em 2020, após a construção de diversos conjuntos habitacionais, a população estimada passou a ser de 75.394 pessoas. A população estimada do Residencial Jarbas Oiticica,

por sua vez, é de 11.270 pessoas.

Pode-se observar na pirâmide etária do município, conforme Figura 21, que a cidade possui uma população predominantemente jovem, crescente entre 0 e 14 anos de idade e que decresce a partir dos 15 anos. Além disso, observa-se que a partir dos 20 anos a população é formada majoritariamente por mulheres, representadas no lado direito da pirâmide abaixo.



Fonte: IBGE, 2020. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/al/rio-largo/panorama>>. Acesso em: 15/10/2020. (adaptado)

De acordo com CEF e PROATEC (2020) no Jarbas Oiticica há um equilíbrio entre gêneros no que diz respeito a responsabilidade de conduzir o núcleo familiar, definidos como "chefes de família", em que 44% das mulheres assumem esse papel. A maior parte das unidades familiares possuem apenas

um ou dois dependentes, representados por 70,8% dos casos.

Quanto ao estado civil, segundo a CEF e PROATEC (2020), a maioria dos chefes de família se declaram solteiros, em grande parte dos casos são mulheres, mães, que passaram a ser provedoras da família.

A faixa etária predominante dos chefes de família e seus companheiros está entre 30 e 59 anos (77%), classificadas segundo o IBGE como População Economicamente Ativa - PEA, que independente de estar ou não empregada, possui alto potencial para o mercado de trabalho. (CEF e PROATEC, 2020)

Quanto aos dependentes, de acordo com dados da CEF e PROATEC (2020), a maioria possui idade escolar, sendo 27,2% entre 0-7 anos, com idade para creche e pré escola, 34,4% entre 8-15 anos, com idade para o ensino fundamental, 10,3% entre 16-18 anos, com idade para o ensino médio e por fim, 28,1% possuem mais de 18 anos. Esses dados reforçam a necessidade de construção de escolas no conjunto, que devem além de atender a demanda atual, carente de ensino fundamental, considerar a tendência de crescimento da população e prover também o acesso ao ensino médio e superior.

Segundo o IBGE (2020), a taxa de escolarização no município é de 96,6% entre pessoas de 6 à 14 anos, já a taxa de analfabetismo entre pessoas de 15 anos ou mais é de 13,03%. Dentro do Jarbas Oiticica, segundo CEF e PROATEC (2020), o nível de escolaridade comum do chefe de família e do cônjuge

é possuir o ensino fundamental incompleto (39,5%) ou médio completo (31%).

ASPECTOS ECONÔMICOS

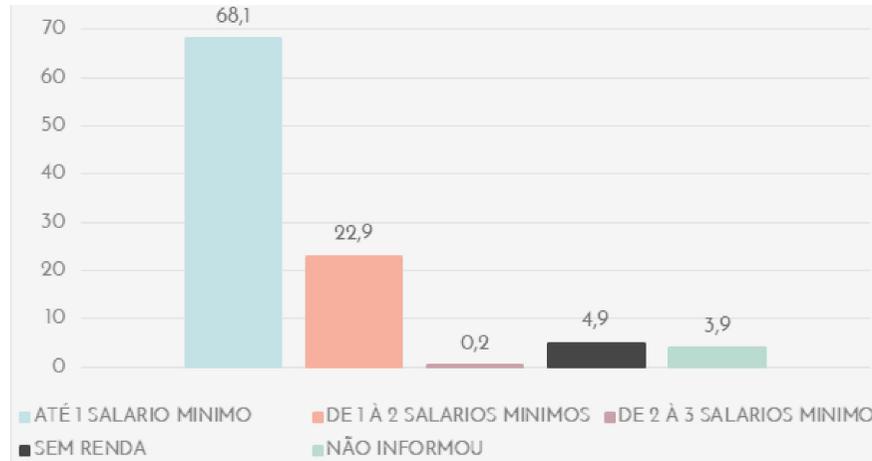
De acordo com o IBGE, informações relativas aos anos de 2010 e 2018 do município de Rio Largo afirmam que o salário médio dos trabalhadores formais é de 1,7 salários mínimos e 20,4% da população está ocupada com algum trabalho. Contudo, 45,3% da população possui rendimento nominal mensal *per capita* de até 1/2 salário mínimo. A agricultura representa uma grande parcela da economia, tendo a cana-de-açúcar como principal produto.

No Jarbas Oiticica, apenas 31% dos chefes de família e 56% dos cônjuges possuem emprego formal, enquanto a taxa dos que não possuem emprego ou renda própria é de 19% e 11% respectivamente. (CEF e PROATEC, 2020)

Dos chefes de família que possuem renda, segundo a CEF e PROATEC (2020), a maior parte (68,1%) recebe apenas até um salário mínimo, conforme pode ser visto no Gráfico 02 . Ao considerar as despesas básicas como alimentação, deslocamento, pagamento do imóvel, dependentes financeiros, entre outros, esse valor torna-se insuficiente pra sanar os gastos mensais. Tal fato ressalta ainda mais a importância de haver espaços públicos de qualidade e fácil

acesso aos moradores, que promovam o desenvolvimento pessoal e o lazer, que se tornam cada vez mais difíceis devido a desigualdade social existente.

Gráfico 02. Renda do Chefe de Família



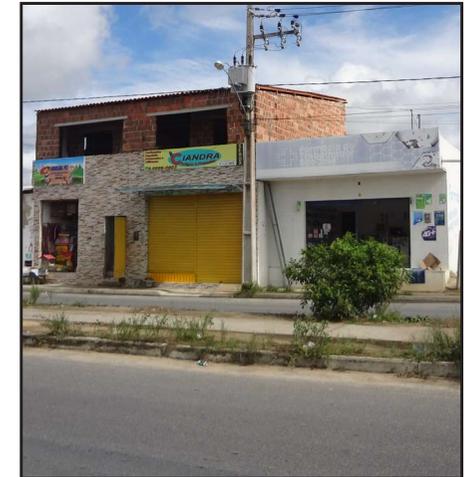
Fonte: CEF e PROATEC, 2020 (adaptado).

Os demais moradores, que não possuem emprego formal mas possuem renda, trabalham de modo informal, são beneficiários do governo ou aposentados. (CEF e PROATEC, 2020)

Segundo o relatório elaborado pela CEF e IADH (2017), parte da população não possui acesso ao mercado de trabalho formal devido a baixa escolaridade. Dessa forma, muitos moradores são levados a empreender criando comércios e serviços em adaptações feitas na própria residência. Ainda de acordo com o relatório citado e com visitas realizadas, pôde-se observar que quanto ao comércio no Jarbas Oiticica, são mais comuns a venda de gêneros alimentícios como cereais,

frutas e verduras, venda de frango e ovos, de confecções, produtos de beleza, perfumes, cosméticos e papelaria. Já quanto aos serviços oferecidos, podem-se citar moto-táxi, salão de beleza, barbearia, borracharia, mecânica, pintura, pedreiro, encanador, faxina, conserto de eletrodoméstico e costura. É possível ver na Figura 22 como se dá a implantação de alguns desses estabelecimentos. (CEF e IADH, 2017)

Figura 22. Locais de trabalho no Residencial Jarbas Oiticica.



Fonte: Autora, 2020.

CONEXÕES E ENTORNO

Com parte da população proveniente da capital, Maceió, e de outros bairros de Rio Largo, é comum que hajam relações familiares e de trabalho estabelecidas entre o Jarbas Oiticica e estes locais, além disso, por se tratar de uma construção recente em um bairro novo, o residencial também é carente de equipamentos públicos, o que aumenta a demanda diária de deslocamentos, principalmente entre o local e os centros comerciais de Rio Largo e Maceió.

O residencial fica a 6,9 km de distância do centro de Rio Largo e a 28,5 km de distância do centro de Maceió, considerando um deslocamento feito por carro, tal qual ilustra a Figura 23, o local se conecta com o Centro de Rio Largo a partir da Av. Teotônio Vilela e com Maceió a partir da BR 104.

De acordo com o observado no local, para efetuar os deslocamentos externos, os moradores geralmente utilizam o transporte público como ônibus ou vans, sendo também observado o uso de motocicletas, carros e bicicletas.

Próximo ao Jarbas Oiticica localizam-se oito residenciais populares, que somados totalizam 11.203 unidades habitacionais. Considerando a média de moradores da zona urbana de Alagoas, a região ganhou cerca de 40 mil novos moradores em menos de 20 anos. (PROATEC, 2020; IBGE, 2020)

Figura 23. Distâncias entre o Jarbas Oiticica e os centros de Rio Largo e Maceió.



Fonte: Google Maps, 2020 (adaptado).

Para observar os equipamentos disponíveis no entorno do Jarbas Oiticica, foi realizado um recorte com aproximadamente 7km de diâmetro, abrangendo o residencial e o Centro de Rio Largo, por ser a área com mais equipamentos disponíveis. Esta análise tem por objetivo apresentar um panorama da região que circunda o objeto de estudo, para facilitar a compreensão da dinâmica interna, que será apresentada no próximo subcapítulo.

A Figura 24, elaborada conforme observações realizadas no Google Maps (2020) e segundo informações

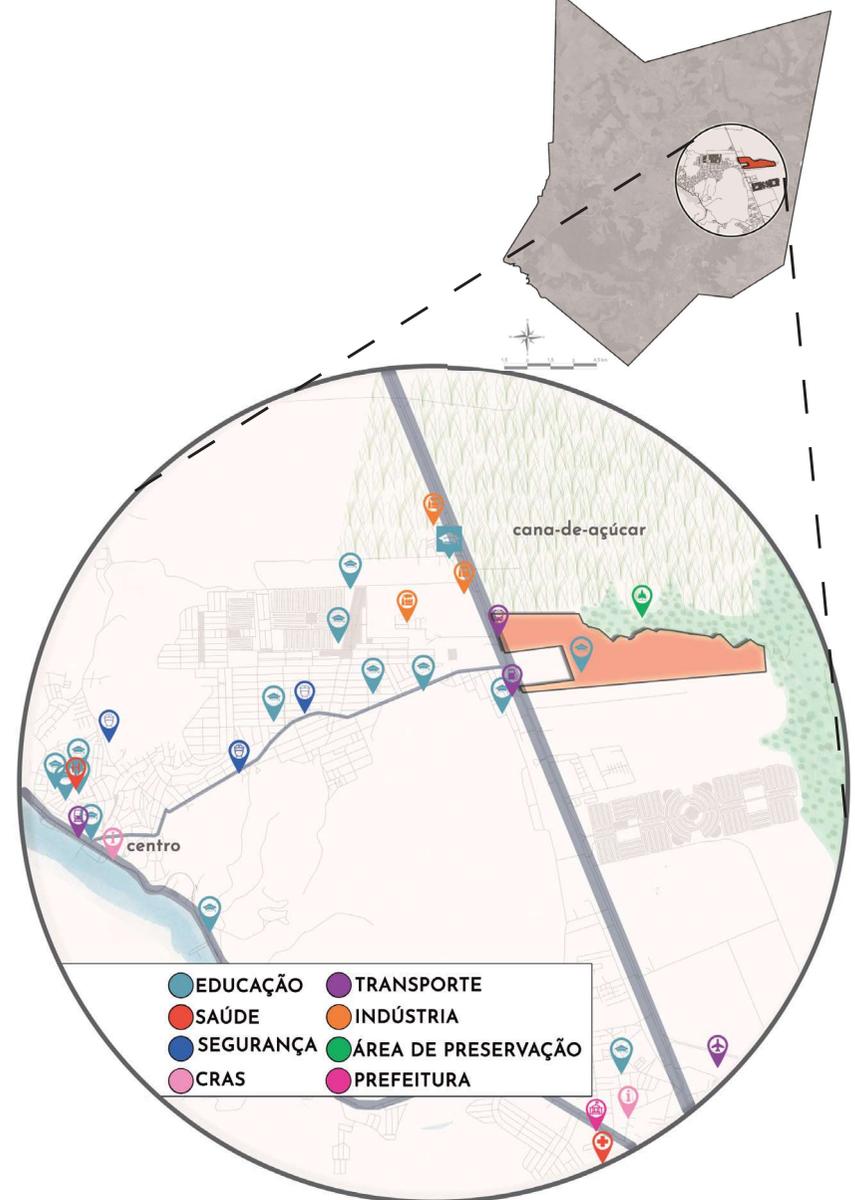
disponibilizadas pela PROATEC (2020), sintetiza os principais estabelecimentos públicos relativos à educação, saúde, segurança, assistência social (CRAS) e prefeitura, além de destacar pontos relevantes quanto ao transporte, indústria e área de preservação.

No que diz respeito a educação, além da creche pública que existe no conjunto, algumas escolas públicas oferecem ensino fundamental e médio e atendem ao município, além do Centro de Ciências Agrárias - CECA que pertence à Universidade Federal de Alagoas - UFAL e oferece ensino superior. De acordo com relato colhido no Jarbas Oiticica, o sistema de transporte escolar é precário e, com isso, algumas famílias adiam a ida à escola de seus filhos, prejudicando o desenvolvimento escolar das crianças.

Em relação aos equipamentos de saúde, de acordo com o relatório elaborado pela PROATEC (2020), a população do Jarbas Oiticica pode receber atendimento no Hospital Geral Dr. Ib Gatto Falcão e na Unidade de Saúde da Família - USF Dr. Ezequias Alves. Na maioria dos casos, para chegar a estes locais os moradores do conjunto dependem do transporte público que é escasso.

O sistema de segurança em Rio Largo possui três unidades policiais, sendo duas civis e uma militar, contudo, o atendimento ainda não é suficiente para suprir a demanda do município, resultando em altos números de crimes como

Figura 24. Mapa de entorno.



Fonte: Elaborado pela autora com base em informações do Google Maps (2020) e PROATEC (2020).

homicídios e assaltos. (PROATEC, 2020)

No entorno analisado também foram localizadas duas unidades do Centro de Referência de Assistência Social - CRAS e a prefeitura do município. Estes encontram-se afastados do Jarbas Oiticica a uma distância entre 6,4 - 7,5 km e aparecem no limite do recorte efetuado.

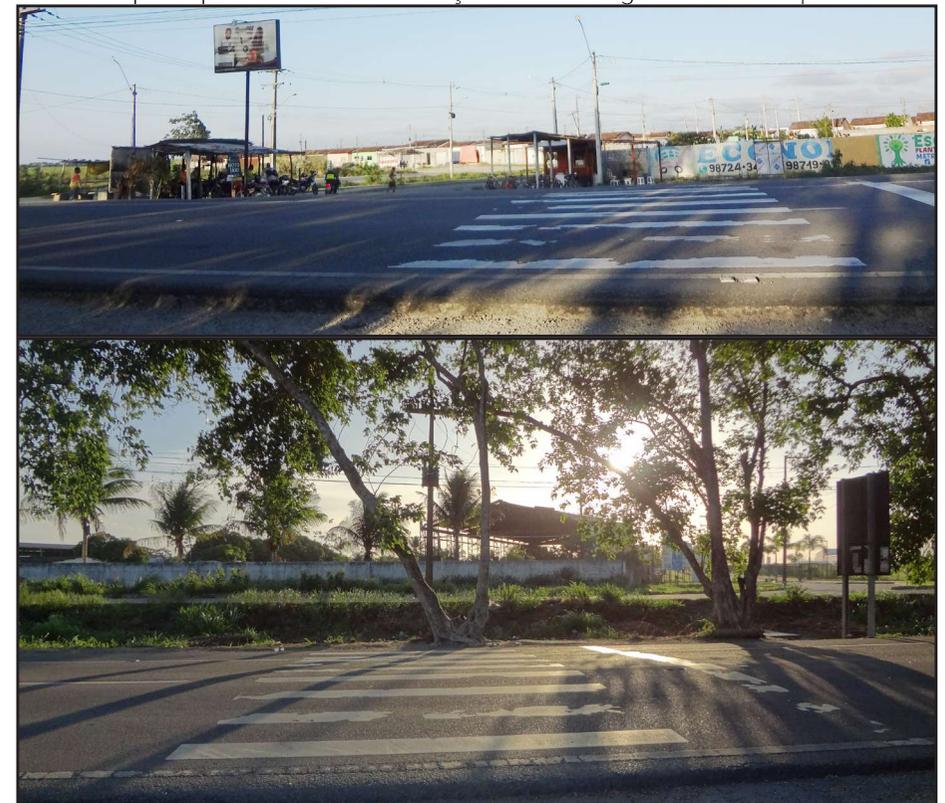
O conjunto tem seu entorno imediato ocupado principalmente por plantações de cana-de-açúcar, terrenos subutilizados e fazendas, também é possível encontrar indústrias como a Bauducco e Frascalli. Ao fundo existe uma área de preservação da Mata Atlântica, por onde passa o Rio Messias, o que representa um potencial paisagístico para a região.

Quanto ao transporte e mobilidade da região, a falta de ciclovias e calçadas dificultam os percursos externos e deixam os pedestres e ciclistas vulneráveis. O meio usual para os moradores efetuarem deslocamentos maiores são as vans intermunicipais que passam na BR 104, em frente ao residencial, ou o ônibus que passa, segundo a ARSAL (2019) das 5:00h às 19:00h de segunda a sexta, com horários predefinidos e das 5:30 às 11:30h aos sábados, sem realizar a rota aos domingos. Com isso, pode-se notar que o transporte interno foi pensado para atender a população do residencial apenas nos horários convencionais para o mercado de trabalho, sem levar em consideração outros deslocamentos mais comuns aos finais de semana como os passeios à lazer.

O lugar não possui um local adequado para espera de transporte público, as imagens contidas na Figura 25 mostram como são os pontos de espera em frente ao Jarbas Oiticica.

Além dos transportes citados, também encontra-se no entorno uma estação do VLT no centro da cidade, que faz o percurso até Maceió e o Aeroporto Internacional Zumbi dos Palmares, que fica localizado no limite entre a cidade e a capital, Maceió.

Figura 25. Entrada de acesso ao Residencial Jarbas Oiticica e local de espera de transporte público sem identificação e sem abrigo contra intempéries.



Fonte: Autora, 2020.

3.4. ADENTRANDO O RESIDENCIAL JARBAS OITICICA

Após ter contextualizado o objeto de estudo quanto ao lugar em que está inserido, suas conexões e dependências, este subcapítulo tem por objetivo adentrar no residencial, pretende apresentar suas casas, ruas, praças e os usos que lhe são atribuídos. Para isto, serão apresentadas as condições em que o empreendimento foi entregue à população, os usos e ocupações que os próprios moradores adaptaram, os elementos que compõem a paisagem e, por fim, as questões referentes à mobilidade.

ESPACIALIZAÇÃO ORIGINAL DO RESIDENCIAL

Ao ser entregue, em janeiro de 2016, o Residencial Jarbas Oiticica, era composto por 3.148 residências padronizadas térreas, uma cheche escolar com seis salas, que veio a ser inaugurada no fim do ano seguinte, uma estação de tratamento de esgoto, praças equipadas com mobiliários de concreto, pouca arborização e extensos terrenos vazios que seriam vendidos para implantação de novos usos. A Figura 26 e a Figura 27 ilustram a padronização das casas ao serem entregues e mostra a distribuição das casas, praças,

Figura 26. Casas padronizadas entregues no Residencial Jarbas Oiticica.



Figura 27. Vista aérea da configuração original: praças, equipamentos e vazios.



Fonte 1: Agência Alagoas, 2016. Disponível em: <<https://bit.ly/38OrHqj>>. Acesso em 14 de novembro de 2020.

Fonte 2: Engemat, 2020. Disponível em: <<https://www.engemattda.com.br/habitacao>>. Acesso em 14 de novembro de 2020. (adaptado)

equipamentos públicos e vazios.

Na implantação original, não havia o uso misto e os benefícios que poderia proporcionar, como já foi apontado neste trabalho segundo Jacobs, Gehl e Newman. Não havia o cuidado comunitário, nem a proteção dos "olhos das ruas" pois ainda não existiam relações entre os moradores que eram estranhos uns aos outros. Por consequência, de acordo com relatos dos moradores, eram comuns os crimes de roubo e furtos, não só nas ruas, mas dentro das próprias residências, o que tornava pouco seguro estar no conjunto, e ainda menos seguro sair e deixar a casa sem vigilância.

Com o passar do tempo, iniciaram-se as transformações físicas e sociais dentro do Jarbas, que ainda hoje passa por um processo de mudança e consolidação. Tais mudanças físicas que o conjunto apresenta, são uma resposta direta quanto a forma como o local foi planejado, expõe questões que foram deixadas de lado no projeto, como o próprio uso misto, que se mostrou prioridade para os moradores e aponta caminhos para uma possível requalificação do espaço.

USO E OCUPAÇÃO DO SOLO

Para construção do mapa de uso e ocupação do solo foi realizado o cruzamento de informações obtidas em fotos e vídeos registrados em cinco visitas realizadas ao conjunto,

além de passeios virtuais disponíveis no *Google Street View* e estabelecimentos informados no *Google Maps*.

Os usos e ocupações atribuídos foram classificadas em 14 tipos: residencial, comercial, serviço, indústria, institucional, uso misto não identificado, E.T.E., equipamento de lazer, área pública paisagística, vazio urbano, espaço subutilizado, rio, agropecuário e área de proteção ambiental.

A distribuição espacial das categorias citadas ao longo do Jarbas Oiticica podem ser observadas na Figura 28: Mapa de Uso e Ocupação do Solo, na página a seguir. Nas páginas posteriores, as categorias serão subdivididas para facilitar a leitura das informações e análise do espaço.

FIGURA 28. MAPA DE USO E OCUPAÇÃO DO SOLO.



Fonte: Autora, 2020.

O ponto de partida da análise é a Figura 29, que abrange as seguintes categorias:

- Comercial;
- Serviço;
- Indústria;
- Uso misto não identificado.

É possível notar que a concentração desses usos se dá ao longo da via principal, destacada em verde na imagem abaixo, o que se deve ao fato dela receber maior fluxo de pedestres e veículos. Também é importante pontuar que a maior parte desses lotes são de uso misto e possuem, além do uso indicado na Figura 29, a função original de residência,

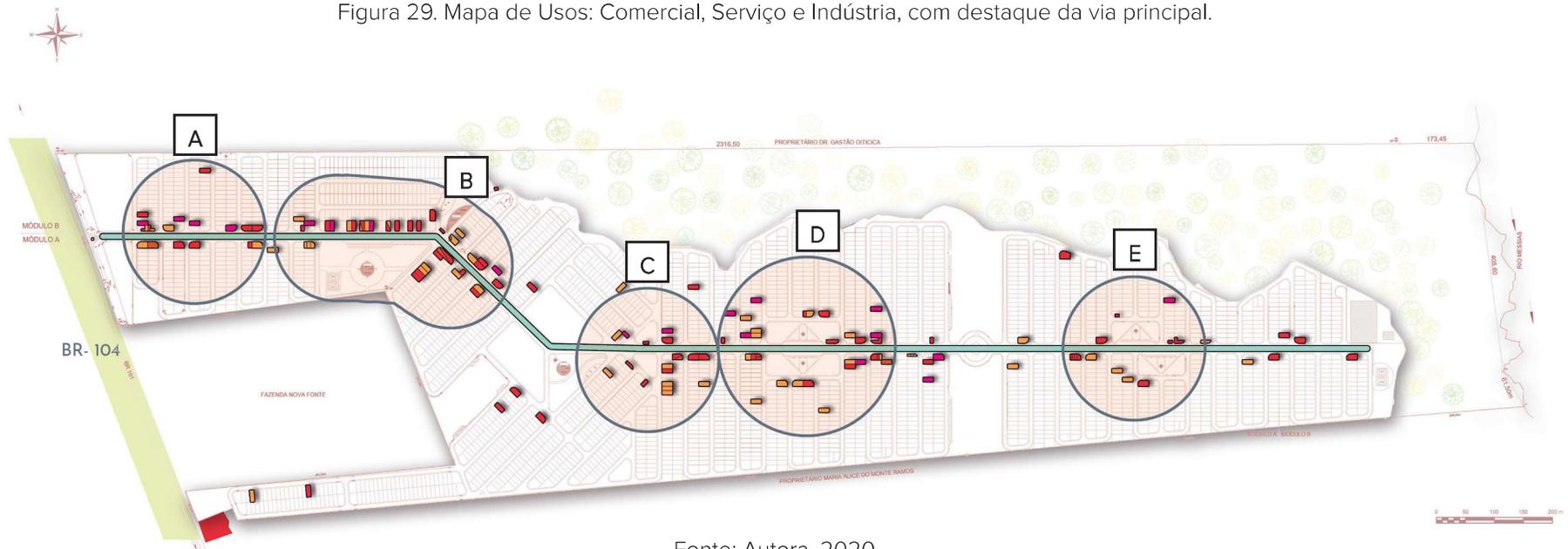
como pode ser conferido na Figura 28.

Nota-se no mapa que há a concentração dos usos em algumas áreas, que foram delimitadas e nomeadas de A à E, descritas a seguir:

A- Mesmo próxima a alguns vazios urbanos, esta área possui alto potencial para o uso comercial e de serviço, pois se localiza no início do conjunto e por consequência é acessada por todos que precisam sair ou chegar ao residencial;

B- Esta área possui a quadra com maior número de uso misto de todo o residencial, tal quadra é única que originalmente possui as fachadas das casas voltadas para a via principal. A área também possui duas grandes praças.

Figura 29. Mapa de Usos: Comercial, Serviço e Indústria, com destaque da via principal.



Fonte: Autora, 2020.

Dentre os estabelecimentos demarcados, destacam-se o supermercado Econômico e a padaria Pão do Mestre, dois dos maiores estabelecimentos do Jarbas Oiticica.

C- Esta região também é afetada positivamente pela presença de praças, onde a maioria dos estabelecimentos estão voltados a duas pequenas delas que possuem bom estado de conservação. Nota-se maior concentração dos usos a leste, que possui certa proximidade com outras praças, do que a oeste, que está próximo a alguns vazios urbanos. O que implica afirmar que os vazios urbanos prejudicam o processo de diversificação de usos no espaço.

Figura 30. Lote subdividido em estabelecimentos com usos variados.



Fonte: Google Maps, 2020. (adaptado)

D- Se comparado com a região anterior, a delimitação "D" possui uma distribuição mais homogênea dos usos analisados ao redor de suas praças. Pode-se destacar dentre os estabelecimentos, o lote representado na Figura 30, que foi subdividido em seis partes e possui usos residencial, comercial e de serviço. Observa-se também que na área da praça foi construído uma grande barraca para venda de hortifruti, como pode ser visto na Figura 31, sendo que ao longo do conjunto existem lotes vazios para venda, o que nos leva a questionar se esses lotes são acessíveis financeiramente aos moradores do conjunto e o que poderia ser feito para preservar o espaço público sem com isso prejudicar os comerciantes locais.

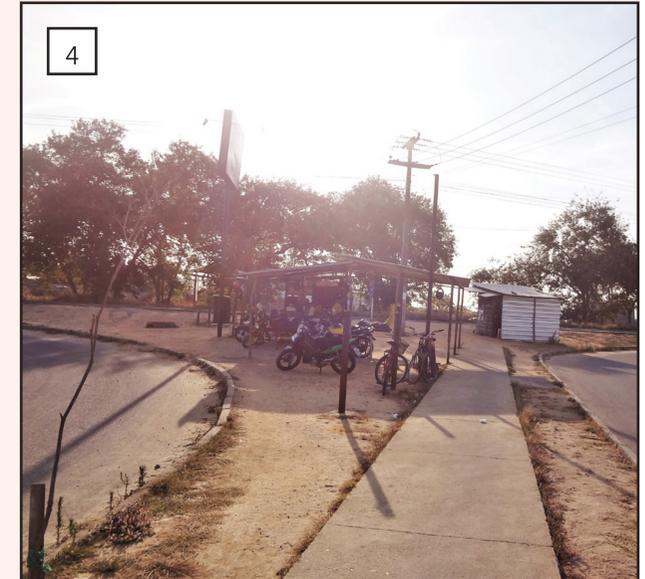
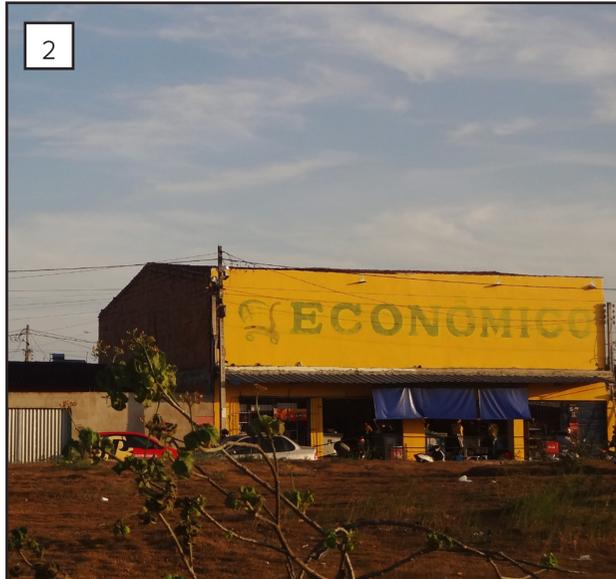
Figura 31. Comércio informal instalado na praça e lote vazio existente.



Fonte: Google Maps, 2020. (adaptado)

E- Nesta área também é possível notar o padrão de ocupação estabelecido ao longo do conjunto, com maior variedade de usos ao redor das praças e próximo a via principal. Contudo, conforme a análise se aproxima dos fundos do conjunto, nota-se uma diminuição do uso misto, prevalecendo o uso residencial. Um fato que deve ter contribuído para isso é a diminuição natural do fluxo de transeuntes, já que uma menor quantidade de pessoas precisa passar por ali. Além disso, no final do conjunto está localizada a E.T.E. que eventualmente passa por problemas que resultam no acúmulo de água residual de esgoto na via pública, o que não contribui para a atração de instalação de estabelecimentos no entorno.

Figura 32. Estabelecimentos e instalações próximos à praças e na via principal do Jarbas Oiticica.

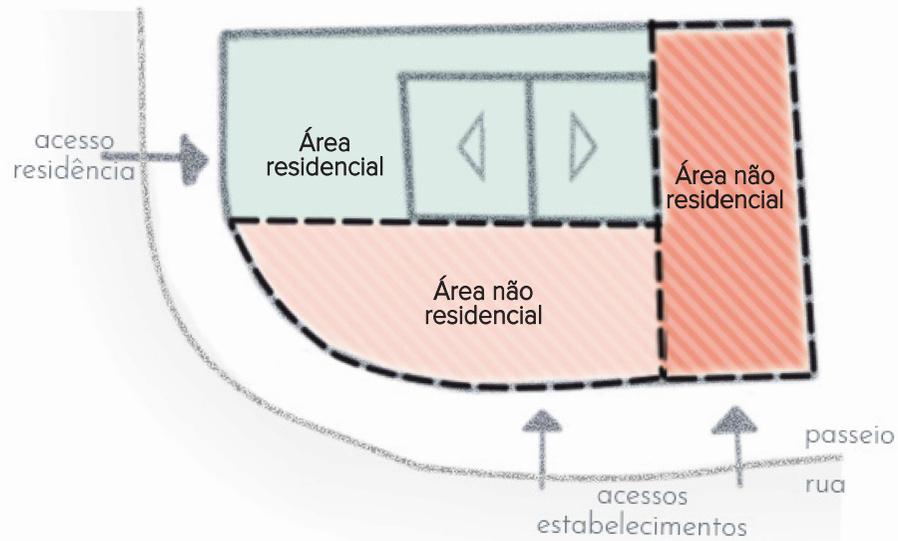


Descrição: 1- Lojas em frente a praça, área "C"; 2- Supermercado em frente a praça, área "B"; 3- Barraca construída no passeio público, área "A"; 4- Ponto de moto táxi no início do conjunto, área "A". Fonte: Autora, 2020.

Quanto as adaptações realizadas nos lotes residenciais para possibilitar o uso misto, nota-se a predominância de duas tipologias. Uma se refere aos lotes de esquina e a outra aos lotes de meio de quadra.

A primeira tipologia, ilustrada na Figura 33, se refere aos lotes de esquina, nesses casos é muito comum a utilização do recuo posterior para construção do estabelecimento com o acesso voltado para a via principal, também há casos em que utilizam o recuo lateral e constroem estabelecimentos distintos. Essas modificações nos lotes de esquina causam um efeito positivo ao reduzir a quantidade de fachadas cegas voltadas para a via principal.

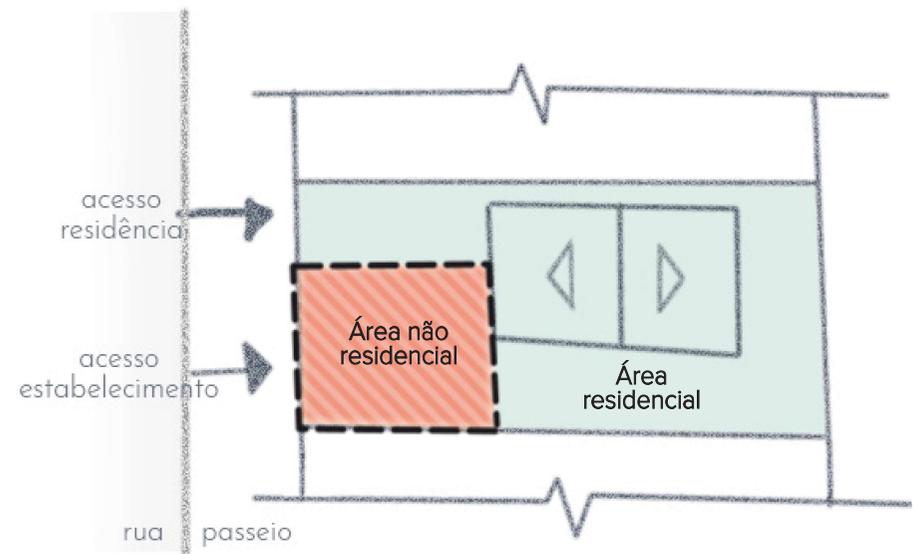
Figura 33. Lote de uso misto de esquina.



Fonte: Autora, 2020.

A segunda tipologia, representada na Figura 34, se trata dos lotes de meio de quadra, em que a área mais acessível ao público se localiza no recuo frontal. Nesses casos, pode ocorrer de ser ocupado apenas uma parte do recuo e deixar um acesso direto à residência, ou pode-se ocupar toda a frente e ter um acesso único para ambos.

Figura 34. Lote de uso misto de meio de quadra.



Fonte: Autora, 2020.

O próximo ponto de análise abrange as categorias:

- Institucional;
- E.T.E.

A espacialização dos locais é apresentada na Figura 35, nela é possível notar que os estabelecimentos se distribuem ao longo do Jarbas Oiticica, com menor concentração no início e maior concentração no centro do conjunto. A maior parte deles segue o padrão que foi apresentado na análise anterior no que diz respeito ter sua localização próxima a via principal.

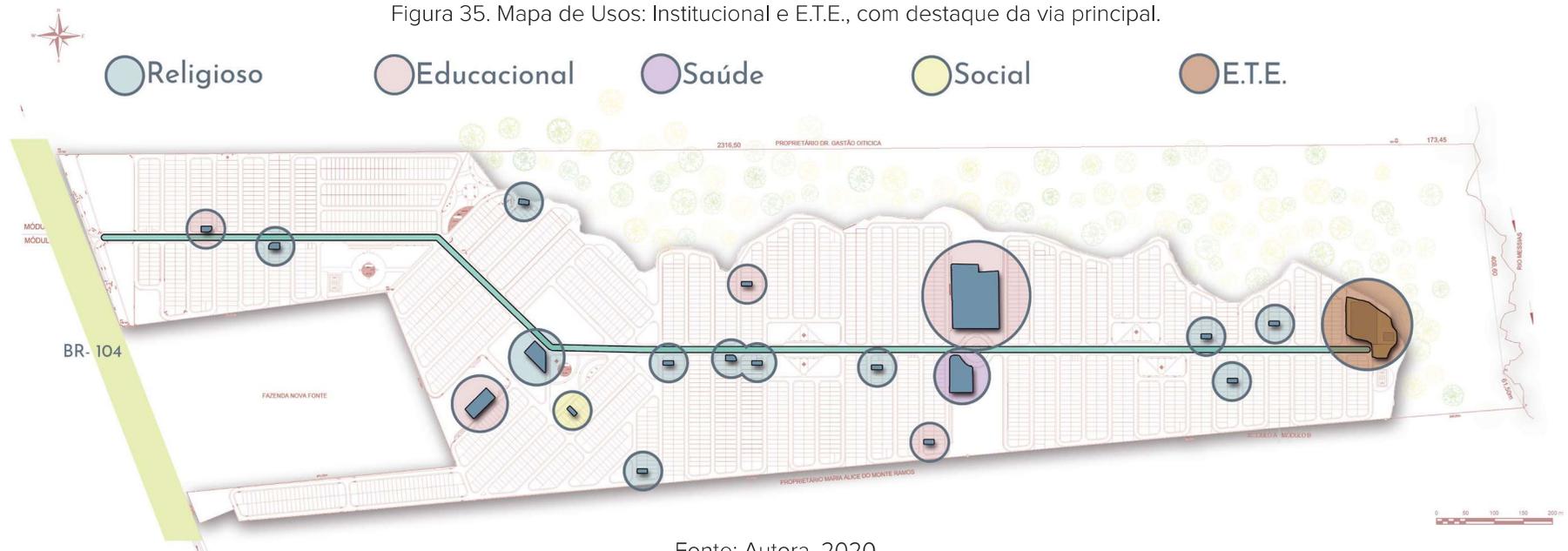
Contudo, é interessante observar que quatro instituições estão inseridas em uma área de vazio urbano e três delas ainda estão em construção (Figura 36), o que indica uma tendência

de ocupação dos espaços vazios do conjunto.

As instituições identificadas possuem fins religiosos, educacionais, de saúde ou sociais, indicadas por meio de cores na Figura 35.

Destacadas em azul na imagem, a maioria das instituições possuem fins religiosos. Com exceção de duas, todas estão localizadas próximas a via principal e a maioria pertence a igreja protestante.

Destacadas em rosa claro, o conjunto possui cinco instituições educacionais. Três delas são particulares, funcionam como creche ou oferecem o ensino primário e encontram-se instaladas em lotes originalmente residenciais.



Fonte: Autora, 2020.

As outras duas são públicas e foram construídas em terrenos maiores, dentre elas, a primeira é uma cheche e sua estrutura foi entregue junto as casas do residencial, e a segunda ainda está em construção, possui uma estrutura maior e deverá oferecer o ensino fundamental.

Outra instituição que está sendo construída no Jarbas é uma Unidade Básica de Saúde - UBS, que foi destacada na imagem com a cor lilás. Está localizada em um grande terreno vazio e deve gerar um efeito positivo ao contribuir com o aumento do fluxo local de pessoas. Também é importante citar que durante as primeiras visitas efetuadas no início de 2019, a falta de escolas e posto de saúde foram citadas por

diferentes moradores como um ponto negativo no local e que a construção desses equipamentos representa uma melhora significativa para o bem estar e satisfação em relação ao local em que vivem.

Destacado em amarelo, a Associação dos Moradores e Amigos do Jarbas Oiticica - AMAJO, realiza projetos sociais, de cultura e lazer e oferece cursos de alfabetização para adultos e idosos.

A outra categoria analisada, indicado em marrom na imagem, trata-se da estação de tratamento de esgoto que está localizada no final do conjunto. De acordo com os moradores, em entrevista ao G1 (2020), eventualmente ocorrem problemas

Figura 36. Construção de instituição religiosa em um vazio urbano.



Fonte: Autora, 2020.

Figura 37. Acúmulo de água residual de esgoto próximo a E.T.E.



Fonte: Autora, 2019.

no local que causam o acúmulo de águas residuais (Figura 37) e mau cheiro, como foi dito anteriormente, isso atrapalha a diversificação de usos na área, pois torna o local menos atrativo e dificulta a implantação de novos usos.

A partir da Figura 38 podemos analisar as categorias:

- Vazios urbanos;
- Espaço subutilizado.

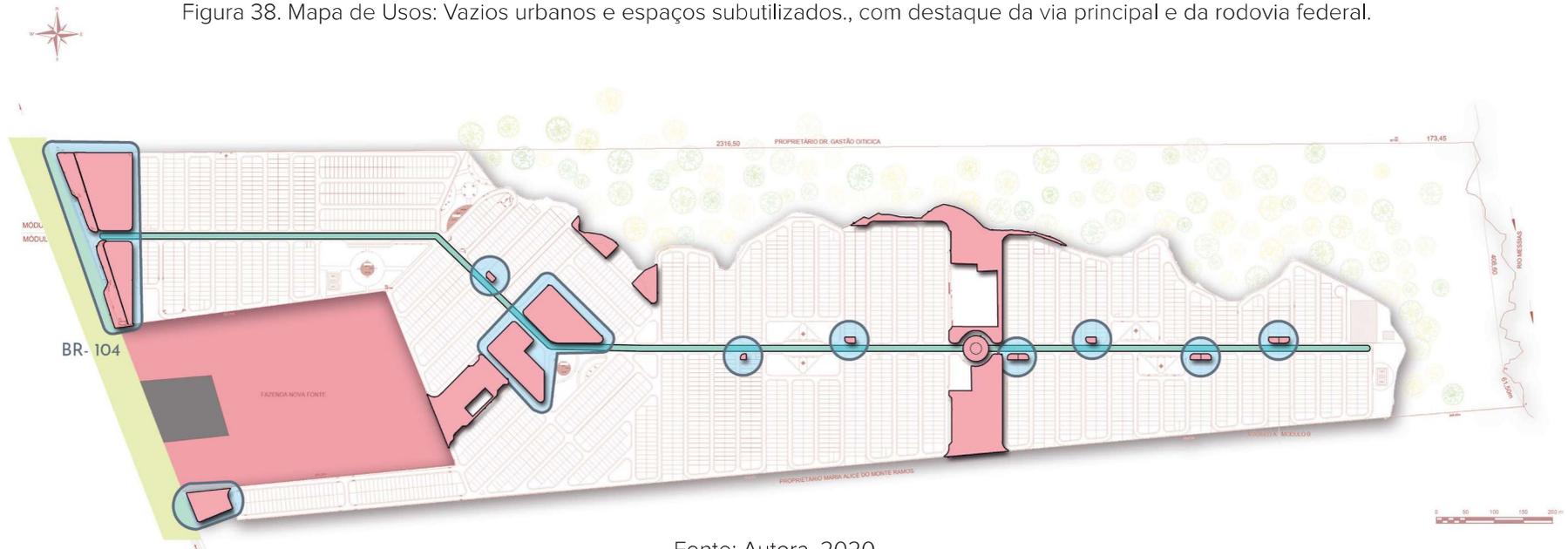
A princípio, nota-se que foi deixado propositalmente um grande recuo entre a BR-104 e o início do conjunto, já que a proximidade com a rodovia aumenta o valor do terreno e estas áreas são destinadas a venda. Há também no início, um grande polígono que recorta boa parte do conjunto, esta área

não pertence ao Jarbas Oiticica e nela contém uma fazenda, marcada no mapa como área subutilizada.

Destacou-se em azul no mapa os vazios urbanos destinados a venda, ou que já foram vendidos mas ainda encontram-se desocupados. Os que já foram ocupados, transformaram-se principalmente em mercados, padarias ou foram subdivididos em pontos comerciais menores. Outro ponto a se destacar é que estes terrenos foram propositalmente deixados próximo a via principal e a grandes praças, por serem os espaços mais valorizados dentro do residencial.

Quanto aos demais vazios urbanos, ocorrem duas situações, ou são resquícios do desenho do conjunto somados

Figura 38. Mapa de Usos: Vazios urbanos e espaços subutilizados., com destaque da via principal e da rodovia federal.



Fonte: Autora, 2020.

à praças deterioradas, ou são espaços onde estão implantados equipamentos públicos como escolas e UBS, mas que não foi feito nada que valorizasse o entorno e o tornasse atrativo para uso da população.

A próxima análise se atém as categorias:

- Área pública paisagística;
- Equipamentos de lazer.

Existem diversas áreas públicas paisagísticas distribuídas ao longo do Jarbas Otiticica, como pode ser visto na Figura 39, quase todas se conectam a via principal e as maiores delas se localizam entre o início e o meio do residencial. Algumas delas possuem equipamentos de lazer como *playground* ou quadra

poliesportiva, destacadas em roxo na imagem.

Essencialmente, se tratam de espaços importantes para a vida pública coletiva, pois podem facilitar as trocas sociais, atividades recreativas e culturais, práticas esportivas, entre outras, que melhoram a qualidade de vida dos moradores, ampliam a vitalidade urbana e, conseqüentemente, a sensação de segurança no seu entorno.

Conforme vem sendo apresentado na análise do uso e ocupação do solo do Jarbas Otiticica, geralmente as áreas ao redor das praças possuem maior diversidade de usos e com isso há um maior fluxo de pessoas transitando próximo a elas. Contudo, estes mesmos espaços também podem repelir

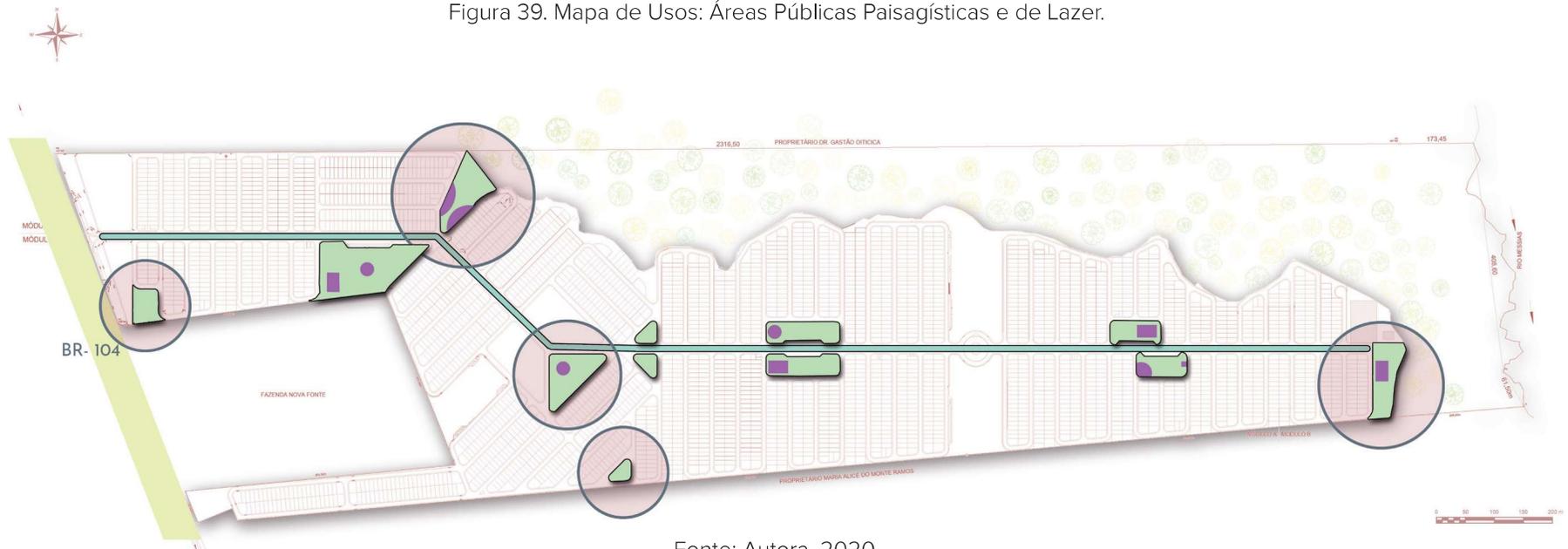


Figura 39. Mapa de Usos: Áreas Públicas Paisagísticas e de Lazer.

Fonte: Autora, 2020.

os usuários, como foi apontado principalmente por Newman (1996) no referencial teórico. Observam-se alguns fatores como falta de sombreamento, insuficiência na iluminação noturna e mobiliário urbano precário que prejudicam e limitam a utilização das praças em determinados horários, como nos períodos mais quentes do dia ou durante a noite. Algumas praças, destacadas em rosa na Figura 39, apresentam ainda outras características que desestimulam sua ocupação, podem-se citar entre elas: localização, proximidade a vazios urbanos, presença de barreiras visuais, falta de atrativos e baixa conservação, como pode ser visto na Figura 40 e na Figura 41.

Figura 40. Praça subutilizada localizada no início do conjunto.



Fonte: Autora, 2020.

Os espaços livres públicos não parecem estabelecer uma inter-relação ou seguir uma lógica de distribuição, o canteiro central, por exemplo, é muito utilizado por pedestres para efetuar deslocamentos e praticar caminhadas, contudo, não está ligado a nenhuma praça que possua equipamentos para prática de exercícios físicos. Os mobiliários existentes parecem exercer mais o papel de preencher um espaço vazio, que servir de apoio a população.

Quanto a ocupação e utilização dos espaços livres públicos, notou-se nas visitas realizadas que há um maior fluxo de pessoas ao entardecer, nesse horário foi observado a prática de caminhadas, como já citado, além de ter pessoas

Figura 41. Construção irregular cria barreira visual para a praça.



Fonte: Autora, 2020.

sentadas conversando em frente as casas ou em alguma sombra existente nas praças. Também foi observado o uso dos equipamentos de lazer por um público específico, nos *playgrounds* foram vistas crianças acompanhadas por algum responsável, enquanto as quadras poliesportivas foram vistas ocupadas por grupos de crianças e adolescentes do sexo masculino (Figura 42).

Encontram-se nas áreas públicas livres do conjunto a presença de diversas construções irregulares ou *trailers*, geralmente funcionam como comércios ou oferecem serviços e são mais incidentes próximos a via principal ou no próprio canteiro central, ilustrado na Figura 43. Tais elementos têm o

potencial de causar tanto efeitos positivos quanto negativos na região, uma vez que podem:

<ul style="list-style-type: none"> - Promover o uso misto; - Aumentar o fluxo de pedestres; - Servir de fonte de renda para moradores; 	POSITIVO
<ul style="list-style-type: none"> - Ser construída de modo precário; - Criar barreiras visuais; - Prejudicar a acessibilidade; - Privatizar o espaço público. 	NEGATIVO

Figura 42. Quadra poliesportiva utilizada por grupo de jovens.



Fonte: Autora, 2020.

Figura 43. Praça com barracas e trailers.



Fonte: Autora, 2020.

Pensar em espaços que atendam a demanda local por pontos de apoio para comércio e serviços e integrá-los aos espaços livres públicos seria uma alternativa para sanar o problema citado e ainda incentivar o uso seguro destes locais, se considerado o cenário atual da pandemia e as recomendações referentes ao distanciamento social.

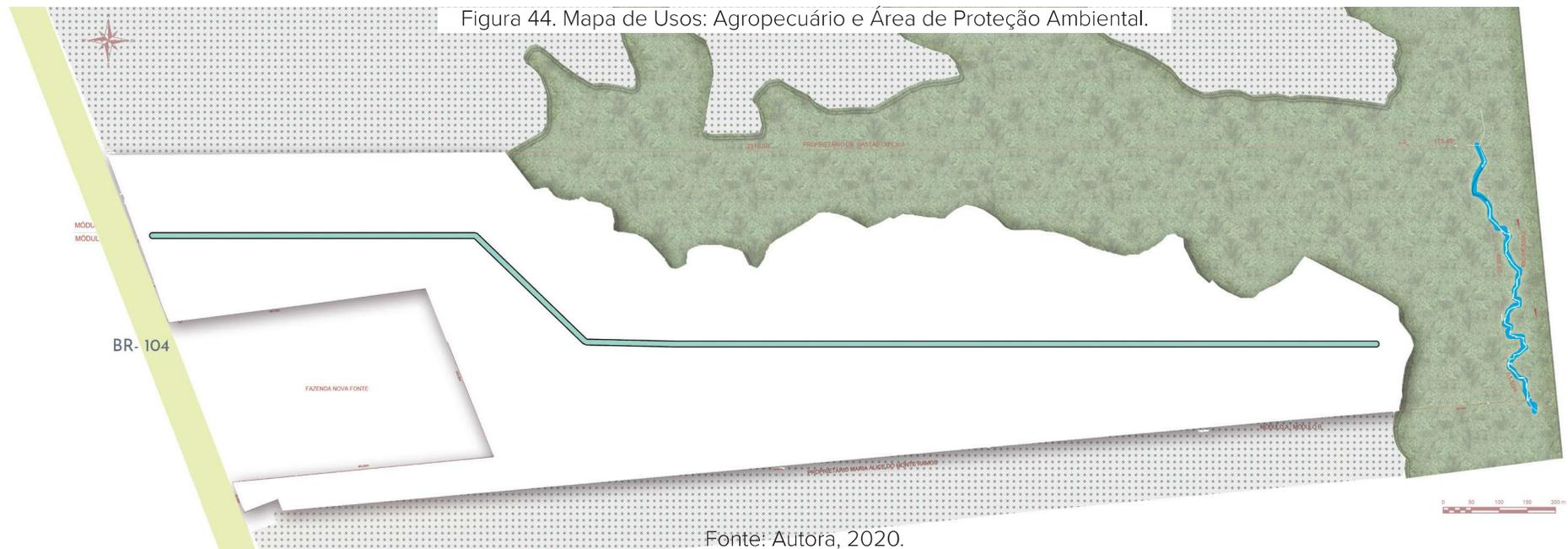
Por fim, o último ponto de análise no que diz respeito ao uso e ocupação do solo do Jarbas Oiticica é referente as categorias:

- Agropecuário
- Área de proteção ambiental - APA;

Essas categorias estão presentes no entorno imediato do

local, ilustradas na Figura 44, o que ressalta o fato do conjunto ter sido construído em uma região afastada dos centros urbanos e sem infraestrutura próxima disponível. Isso afeta o cotidiano dos moradores pois, como citado anteriormente, gera a necessidade de efetuar grandes deslocamentos para atividades rotineiras como ir a escola ou ao trabalho, tais deslocamentos despendem tempo, geram custos e aumentam a demanda por transporte público.

A área agropecuária é caracterizada predominantemente por latifúndios destinados ao cultivo da cana-de-açúcar. A escolha da localização em que o Jarbas Oiticica foi implantado, revela o que é afirmado por Corrêa (2005) ao dizer que se



trata de um mecanismo dos grandes proprietários fundiários para extração de renda da terra por meio da construção de loteamentos populares, já que o local não tem potencial para atrair a elite. Além disso, junto a construção dos "enormes e monótonos conjuntos habitacionais" (CORRÊA, 2005) também se faz necessário a implantação de infraestrutura básica, geralmente custeada pelo Estado, como foi o caso do Jarbas Otítica. Dessa forma, além de receber o valor da terra, o proprietário fundiário também é beneficiado pela nova infraestrutura, uma vez que é comum que haja retenção de terras próximas aos loteamentos. (CORRÊA, 2005)

Quanto a área de proteção ambiental, já foi citado ao

falar sobre as condicionantes ambientais, que o objeto de estudo deste trabalho está inserido na APA do Pratagy, na análise do uso dos solos foi destacada apenas a área que possui reserva de Mata Atlântica preservada, localizada ao norte e a leste do conjunto.

A área possui um grande potencial paisagístico, como pode ser visto na Figura 45 e na Figura 46, mas que não é bem aproveitado atualmente, pelo contrário, essas áreas localizadas nos limites do residencial são as menos frequentadas pelos moradores e não há uma boa integração entre elas e as demais áreas paisagísticas do local.

Figura 45. Vista panorâmica da paisagem aos fundos do Jarbas Otítica.



Fonte: Autora, 2020.

O Jarbas Oiticica vive atualmente um processo de apropriação dos espaços públicos e de transformação do uso dos solos, de modo geral, pôde-se notar a partir da análise realizada neste tópico relativo ao uso e ocupação dos solos que existem áreas que vêm sendo fortalecidas no que diz respeito à vitalidade e variedade de usos. Estas áreas se localizam próximas as praças e a via principal do conjunto e distantes dos vazios urbanos e extremidades do conjunto.

O espaço público é utilizado, mas além ter sido percebida a distinção espacial já exposta, nota-se também que ele não

atende bem a diferentes faixas etárias, gêneros e horários. Elementos da paisagem como iluminação noturna, vegetação e mobiliário urbano são alguns dos responsáveis que afetam essa dinâmica e para entender melhor qual o papel deles, serão abordados no tópico a seguir.

Figura 46. Vista da reserva da Mata Atlântica, com destaque para placa "proibido lixo na floresta" na árvore.



Fonte: Autora, 2020.

ELEMENTOS DA PAISAGEM

1- MOBILIÁRIO URBANO

Conforme observado no local, os mobiliários formais são feitos em concreto e obedecem a uma estética padrão que se repete em outros conjuntos habitacionais, como ilustra a Figura 47.

A maior parte desses elementos é formado por bancos sem encostos e mesas em locais sem sombreamento que raramente foram vistos ocupados durante as cinco visitas realizadas. Também existem mobiliários voltados à prática de

Figura 47. Mobiliários padronizados para o lazer e prática esportiva.



Fonte: Autora, 2020.

exercícios e *playgrounds* infantis, que não apresentam bom estado de conservação.

Em contrapartida, intervenções feitas pelos moradores ao longo do conjunto revelam a necessidade de se ter espaços cobertos e adaptáveis, como ilustra a Figura 48, em que foi instalada uma cobertura em lona no canteiro central e deixadas mesas e cadeiras, servindo este espaço tanto para venda de produtos, quanto para encontros informais.

Também foi notado que os moradores utilizam as calçadas das casas no fim da tarde para conversar e observar o movimento da rua.

Figura 48. Área coberta com mobiliários instalada no canteiro central.



Fonte: Autora, 2020.

2- VEGETAÇÃO

No geral, a vegetação nos espaços livres do conjunto é escassa, composta por arbustos ou árvores que ainda não atingiram a idade adulta. O que demonstra que não foi preservada a vegetação original nas áreas verdes, apenas no limite entre o conjunto e a reserva de Mata Atlântica é possível encontrar árvores de grande porte adultas.

Há diversos trechos do canteiro central sem vegetação, ou que possuem árvores

em fase de crescimento que ainda não geram sombreamento adequado e, por falta de manutenção, obstruem a visibilidade e prejudicam a mobilidade.

As praças também quase não possuem áreas sombreadas pela vegetação, boa parte do solo é coberto com grama, mas apenas as pequenas praças apresentam boa manutenção. As demais áreas como os vazios urbanos e o canteiro central não possuem forração, apenas o solo exposto e algumas ervas daninhas.

Figura 49. Mapa de cobertura arbustiva e arbórea e tipos de vegetação encontradas no conjunto Jarbas Oiticica.



Fonte: Autora, 2020.

3- ILUMINAÇÃO

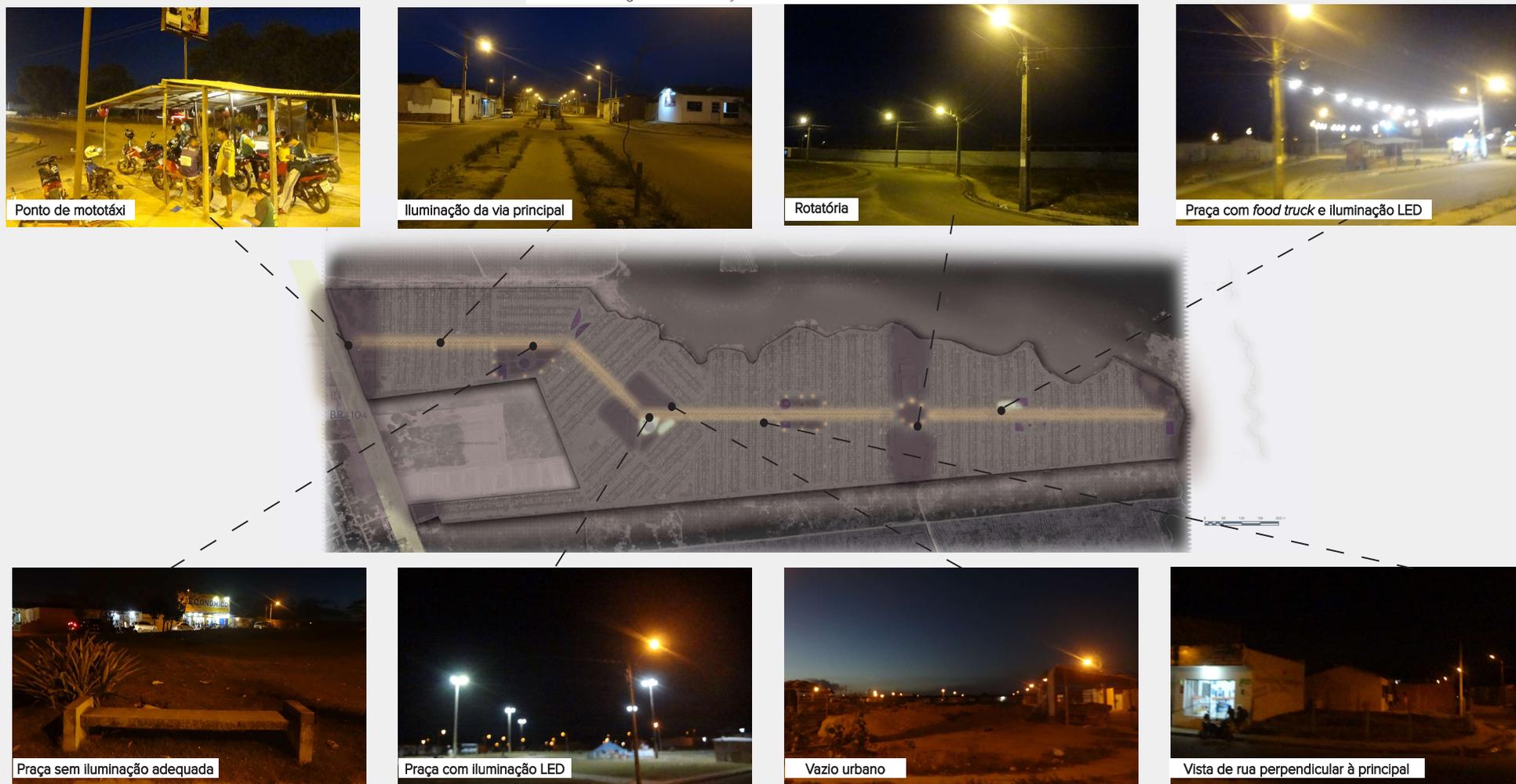
De acordo com Borralho (2012), quanto maior o Índice de Reprodução de Cor - IRC, melhor. Para o autor, a boa iluminação contribui com a redução da criminalidade e do medo nas pessoas, uma vez que em locais escuros, o campo visual da vítima é reduzido, o que torna difícil notar a presença de alguém à distância, além disso, o autor do crime tem menos chances de ser reconhecido. (BORRALHO, 2012, p.16)

Durante as visitas, pôde-se observar que o Jarbas Oiticica não apresenta boa iluminação, quase todos os postes possuem lâmpadas de vapor de sódio, com baixa temperatura de cor e

são distribuídos de forma que deixam áreas importantes, como algumas praças, sombreadas. Em conversas com moradores, o tipo de iluminação foi apontado como um problema, uma vez que disseram que as ruas ficam escuras e que devido a isto evitam transitar à noite no conjunto.

Apenas a praça localizada próxima aos grandes vazios urbanos destinados à venda possui iluminação pública com lâmpadas LED, mesmo assim, a falta de iluminação nos terrenos vazios prejudicam a utilização da praça durante a noite. Além dessa, apenas outra praça próxima ao fim do conjunto possui iluminação LED, devido a lâmpadas extras instaladas junto aos *food trucks* da praça.

Figura 50. Iluminação e sombreamento noturno.



Fonte: Autora, 2020.

4- MUROS

Como foi apresentado anteriormente, ao tratar sobre o uso e ocupação do solo, os moradores costumam modificar os lotes de esquina e adaptar para o uso misto, o que gera

a criação de fachadas ativas voltadas em sua maioria para a via principal, que possui o canteiro central. Contudo, ainda existem diversos lotes com função apenas residencial que foram completamente murados e ocasionaram diversas fachadas cegas ao longo do conjunto, ilustradas na Figura 51 e na Figura 52.

Figura 51. Muro cego em lote de esquina do Jarbas Oiticica.



Fonte: Autora, 2020.

Figura 52. Muroscegos destacados na via principal do residencial Jarbas Oiticica.

Fonte: Autora, 2020.



MOBILIDADE E ACESSIBILIDADE

O Jarbas Oiticica possui uma via principal coletora que traça o eixo do conjunto e contém um canteiro central, já as demais vias são locais.

O desenho do conjunto prioriza os veículos em detrimento aos pedestres, com ruas largas e calçadas estreitas, além do que, o canteiro é recortado para passagem de veículos sem que haja nenhuma faixa para pedestres.

Algumas casas são elevadas em relação ao nível da rua, com isso, ao reformar as casas alguns moradores constroem indevidamente na calçada, criando rampas, escadas e outros

desníveis que prejudicam a passagem e acabam com a acessibilidade, como retrata a Figura 54.

É importante salientar que alguns moradores fazem uso de cadeira de rodas e devido a obstrução das calçadas utilizam a via pavimentada para se deslocar. Na Figura 53 e Figura 55 pode-se observar como a faixa livre da calçada é estreita e como são feitos os recortes citados no canteiro central.

Por fim, mesmo com o uso comum de bicicletas no conjunto, não existe ciclovia ou bicicletários ao longo do conjunto, fazendo com que os ciclistas compartilhem a via principal com os demais tipos de veículo.



Figura 54. Calçadas obstruídas com construção irregular.



Fonte: Autora, 2020.

Figura 55. Rampa de acesso para cadeirantes utilizada por mototaxistas.



Fonte: Autora, 2020.

3.5. APROPRIAÇÃO DO ESPAÇO PÚBLICO

SEGURANÇA

Durante os anos 2018 e 2019, em estágio realizado na Gerência de Habitação (GIHAB) da Caixa Econômica Federal, foi possível, dentre as atividades desenvolvidas, atender alguns moradores de diferentes residenciais do PMCMV e ouvir seus relatos. Muitas histórias levavam a questionar se o papel da arquitetura e do urbanismo social estavam sendo cumpridos e impulsionaram o desenvolvimento desta pesquisa no conjunto Jarbas Oiticica, para buscar formas de melhorar a qualidade de vida dos moradores por meio de intervenções urbanas.

Um dos pontos de partida seria entender a questão da segurança dentro do residencial e como isso afeta a dinâmica do conjunto. Nos relatos obtidos na GIHAB, foram citados casos de violência como ameaça, assalto, mutilação e até mesmo assassinato, que levaram diferentes moradores a solicitar a troca ou devolução da casa no Jarbas Oiticica e em outros conjuntos do PMCMV.

Tais acontecimentos também se destacam ao se pesquisar sobre diferentes conjuntos de habitação social, no geral, as notícias relacionam a violência ao tráfico de drogas e brigas entre facções criminosas presentes nos residenciais.

Contudo, ao visitar o conjunto, observar o espaço e conversar com moradores, nota-se que o problema da falta de segurança existe, mas que não se sobrepõe a outras questões como as relacionadas à saúde e educação.

As nuvens de palavras da Figura 56 apontam os pontos negativos e positivos que foram mais citados pelos moradores.

Figura 56. Nuvens de palavras com pontos positivos e negativos relativos ao Jarbas Oiticica.



Fonte: Autora, 2020.

Para compreender espacialmente a percepção de segurança dos moradores sobre o conjunto, foram aplicados mapas perceptivos. Esses mapas consistem na planta baixa do residencial e foram coloridos, individualmente, por moradores ou frequentadores do Jarbas Oiticica, de acordo com o modo que utilizam os espaços. Ao todo, a atividade foi solicitada a 12 pessoas entre 19 e 69 anos, sete do sexo feminino e cinco do sexo masculino. Os pontos de entrevista aconteceram ao longo de todo o conjunto, no seu início, meio e fim.

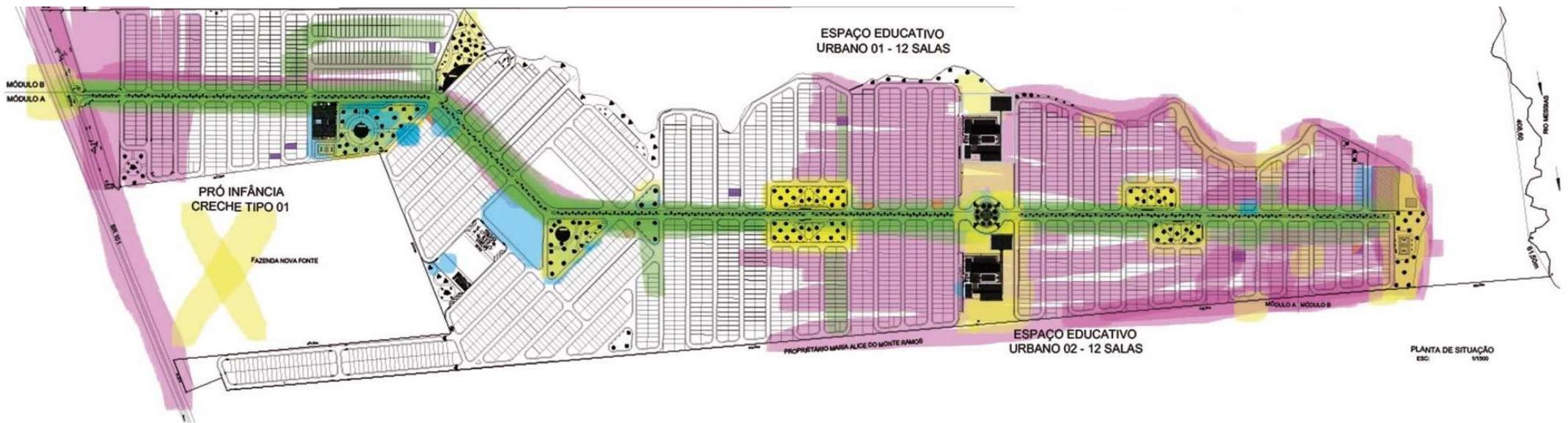
A cada pergunta foi atribuída uma cor, de forma que essas informações pudessem ser somadas posteriormente para a análise geral. As cores correspondem as seguintes informações:

-  **-LARANJA:** Local da entrevista;
-  **-ROXO:** Onde reside;
-  **-VERDE:** Trajetos que costuma fazer ao longo do conjunto, para trabalho, lazer, ou outros fins;
-  **-ROSA:** Trajetos ou locais que evita, por não se sentir seguro(a);
-  **-AMARELO:** Espaços que, se revitalizados, utilizaria com mais frequência, ou passaria a utilizar;
-  **-AZUL:** Pontos de referência dentro do conjunto.

Para análise dos dados, as informações foram cruzadas utilizando o software de edição de imagem Photoshop, formando a Figura 57, além disso, as respostas aos mapas trouxeram um outro ponto muito importante que retrata como a percepção e utilização do espaço se altera de acordo com o gênero. Dessa forma, as informações foram agrupadas de duas maneiras, em um mapa geral e separadas por gênero, apresentadas na Figura 58 e na Figura 59.

Figura 57. Mapa geral de percepção de segurança e utilização dos espaços públicos.

MAPA GERAL



- local da entrevista
- onde reside
- costuma frequentar
- evita frequentar
- utilizaria se melhorado
- ponto de referência

Fonte: Autora, 2020.

Com a aplicação dos mapas, notou-se que os discursos estavam alinhados, principalmente se considerado o gênero do entrevistado.

As marcações confirmam que o eixo central do conjunto é o caminho usual por onde os moradores se deslocam, tanto para a realização de atividades obrigatórias, quanto para atividades sociais e de lazer, como a prática de caminhadas esportivas.

As áreas evitadas, somente foram marcadas por mulheres, que diziam não se sentirem seguras principalmente na entrada do conjunto, onde ocorriam assaltos às pessoas que aguardavam por transportes intermunicipais e aos fundos do conjunto, devido a má iluminação, falta de atrativos ou por sentirem que seria perigoso andar por ali.

Quando perguntado sobre os locais que gostariam que fossem melhorados para que pudessem utilizar, os moradores marcaram principalmente as praças, vazios urbanos, entrada e final do conjunto e mostraram o desejo em ter espaços de qualidade adequados ao lazer e prática de exercícios físicos.

A intenção de perguntar sobre os pontos de referência no conjunto foi para identificar como os moradores se localizam dentro do conjunto e quais marcos referenciais haviam se estabelecido. Um dos locais mais citados foi a padaria Pão do Mestre, localizada próxima à uma praça e à via principal, o supermercado Econômico, localizado próximo a mesma

praça, a igreja protestante em construção e a rotatória próxima a construção da nova escola e da UBS.

Tanto as marcações dos mapas, quando a observação dos públicos que utilizavam os espaços públicos, revelam como os espaços existentes são mais atrativos para os homens do que para as mulheres. Um dos locais que em quase todas as visitas foi visto bem ocupado, foram as quadras de futebol, com crianças e jovens do sexo masculino. Quanto as mulheres, geralmente estavam conversando nas calçadas de casa, ou trabalhando em lojas ou barracas de frutas.

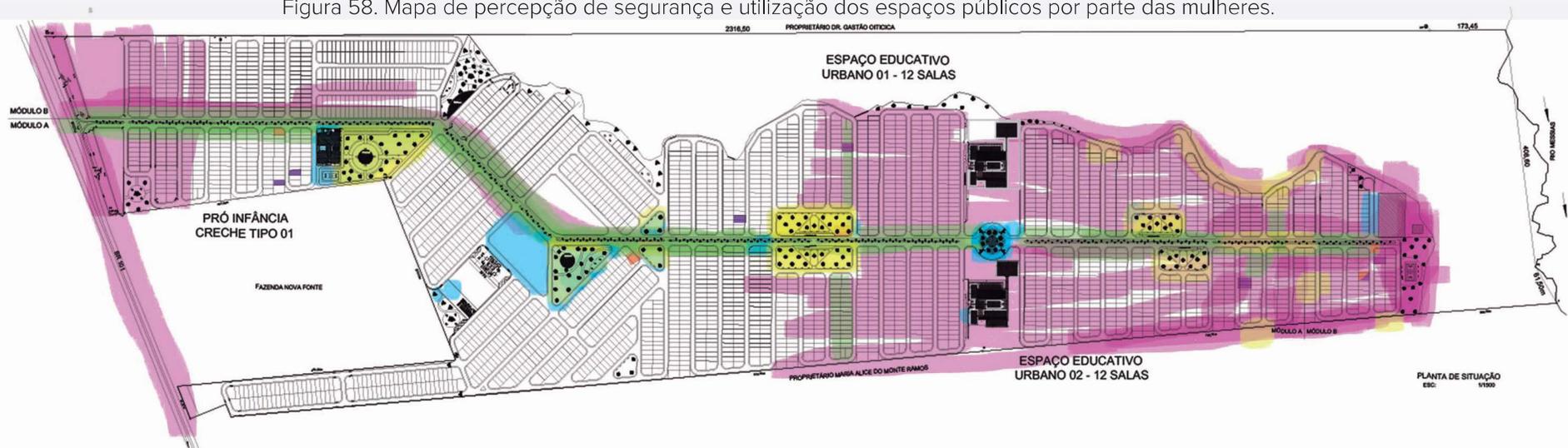
MULHERES

PONTOS DE REFERÊNCIA:

Igreja;
Supermercado;
E.T.E.;
Praça;
Farmácia;
Rotatória;
Barraca de frutas.

A maioria das mulheres falaram sobre como se sentiam inseguras em alguns espaços, como nas ruas e praças pouco movimentadas ou durante a noite, já que no geral o conjunto não possui boa iluminação. Esses locais são evitados e foram marcados na cor rosa no mapa, todas as entrevistadas marcaram algum ponto com essa característica no conjunto.

Figura 58. Mapa de percepção de segurança e utilização dos espaços públicos por parte das mulheres.



● local da entrevista ● onde reside ● costuma frequentar ● evita frequentar ● utilizaria se melhorado ● ponto de referência

Fonte: Autora, 2020.

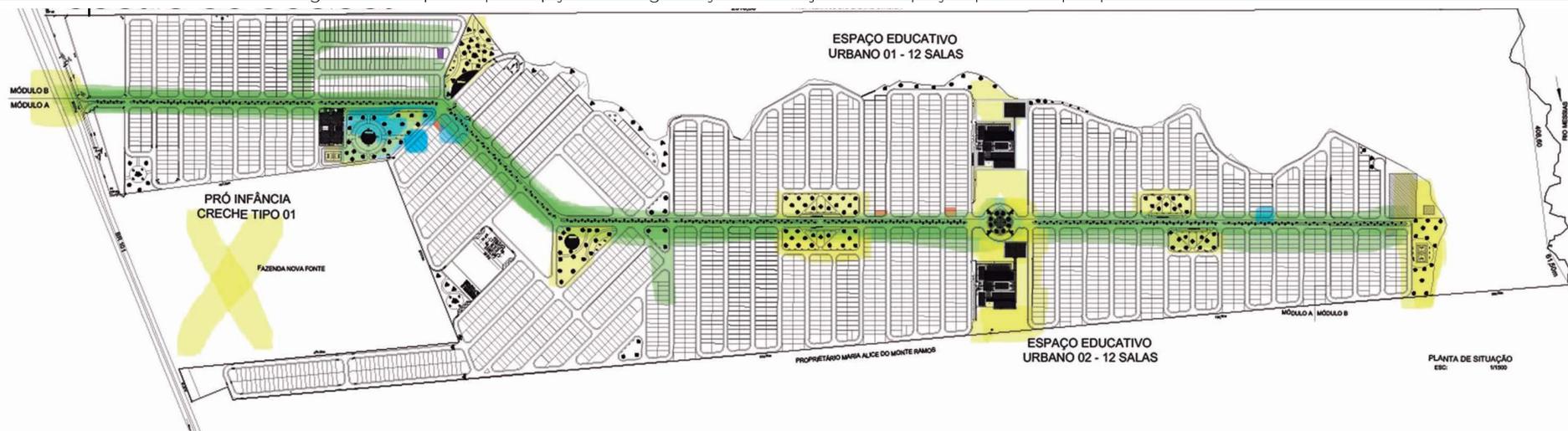
HOMENS

PONTOS DE REFERÊNCIA:

- Supermercado;
- Padaria;
- Praça;
- Rotatória;
- Depósito de bebidas.

Em contrapartida, entre os homens entrevistados, nenhum deles afirmou evitar passar em algum local por se sentir inseguro, devido a iluminação, ou por risco de sofrer algum tipo de violência, como assaltos. Todos disseram que andam no conjunto a qualquer hora.

Figura 59. Mapa de percepção de segurança e utilização dos espaços públicos por parte dos homens.



- local da entrevista
- onde reside
- costuma frequentar
- evita frequentar
- utilizaria se melhorado
- ponto de referência

Fonte: Autora, 2020.

EXPRESSÕES CULTURAIS E AÇÕES SOCIAIS

Com a entrega das casas do residencial Jarbas Oiticica, foi desenvolvido no local o projeto Desenvolvimento Integrado e Sustentável dos Territórios - DIST, financiado pelo Fundo Socioambiental da Caixa Econômica Federal e realizado junto ao Instituto de Assessoria para o Desenvolvimento Humano - IADH. O projeto tinha por objetivo facilitar as trocas sociais e estimular os moradores na busca pela melhoria do espaço e desenvolvimento comunitário.

Por meio do projeto DIST, o residencial Jarbas Oiticica foi conectado à outros conjuntos habitacionais da cidade de Rio Largo, tal grupo de residenciais é denominado "Casas Novas" que, juntos, se mobilizam em busca de melhorias para a comunidade. Para divulgar as ações do projeto DIST em Rio Largo, foi criado um aplicativo para *smartphones*, que reúne informações acerca dos residenciais, incluindo produtos artesanais desenvolvidos por moradores e o contato do artesão responsável.

Dentre as ações realizadas, inclui-se a Vivência Oásis, que por meio de reuniões, dinâmicas e mutirões, foi capaz de identificar alguns sonhos coletivos e realizar melhorias pontuais no conjunto, como o plantio de mudas e sinalização das quadras do conjunto. Parte das árvores plantadas no canteiro são fruto deste projeto, porém ações que demandavam manutenções

constantes, como a pintura das quadras que foram identificadas se perderam com o passar dos anos. É possível observar na Figura 60, alguns dos sonhos comunitários identificados na Vivência Oásis.

Figura 60. Árvore dos sonhos dos moradores.



Fonte: Instituto Elos, 2018.

Os desejos de melhorias são relacionados ao reforço na identificação e sinalização do conjunto, como a identificação das quadras, da entrada do residencial e dos pontos de ônibus, criação de mobiliários, melhoria na iluminação, plantio de jardins, criação de equipamentos de educação e saúde e implementação de atividades sociais e de lazer como o "cinema popular", "dia de lazer" e "brincadeiras no chão".

Existe no conjunto a associação dos moradores AMAJO - Associação dos Moradores e Amigos do Jarbas Oiticica, que desenvolve projetos sociais na comunidade e alcança diferentes faixa etárias, como o projeto "Minha Sopa, meu pão", que distribui sopa para famílias carentes, o projeto "Alfabetização na Melhor Idade", que atende a adultos e idosos e as sessões de cinema na praça, que alcança principalmente as crianças e os pais. (Centro Cultural da AMAJO, 2020).

No Jarbas Oiticica, também existem grupo de capoeira, ilustrado na Figura 61 e grupo de hip hop, que mobiliza principalmente os jovens do conjunto. Em entrevista sobre o grupo de hip hop do Jarbas, os moradores falam sobre a importância de usar a arte como um instrumento para valorizar a comunidade, expressar os problemas que enfrentam, afastar as pessoas das drogas e criminalidade, além de reivindicar melhorias sociais. Sobre a forma que o conjunto foi entregue

e as opções de lazer no conjunto, apontaram que, **além das casas**, não foram dadas opções de entretenimento e desenvolvimento. Nemias Silva (2019)², integrante do grupo de hip hop e morador do Jarbas Oiticica afirmou o seguinte:

"Acho engraçado que no Jarbas é [sic] assim: encimentaram [sic] o chão, fizeram os quadradinhos, jogaram a gente e [disseram] 'se virem', aqui não tem nenhum tipo de entretenimento, aqui não tem nada que a gente possa dizer assim 'hoje eu vou me distrair', entendeu? Aí é por isso que a gente também tem esses problemas com drogas e outras coisas que a gente vê normalmente na cidade. Não tem nenhum tipo de distração". (SILVA, 2019)

Figura 61. Grupo de capoeira do Jarbas Oiticica.



Fonte: Instituto Elos, 2018.

2 Documentário sobre o hip hop no conjunto Jarbas Oiticica em 26 fev 2019. Disponível em: < <http://www.institutobemcultural.org.br/2019/04/01/hip-hop-na-comunidade-do-jarbas-em-rio-largo-al/> >. Acesso em 20/10/2020.

IMPACTOS DA PANDEMIA NO JARBAS OITICICA

Com a disseminação do coronavírus SARS-CoV-2, a pandemia que teve início em março de 2020 interferiu, entre outras coisas, na forma como as pessoas se relacionam socialmente e utilizam os espaços compartilhados. Os impactos e as perdas causadas pela pandemia são notados em diferentes escalas. Neste tópico, considerou-se o recorte temporal de um ano de pandemia, entre março de 2020 e março de 2021, e tem por objetivo complementar a análise realizada ao longo deste capítulo, buscando entender como a pandemia afetou as dinâmicas existentes no conjunto, principalmente em relação ao uso do espaço público.

Devido as recomendações de distanciamento social, não foram efetuadas visitas no período da pandemia, dessa forma as informações apresentadas a seguir foram obtidas por meio de entrevista, através de mensagens de voz e texto com o coordenador administrativo da AMAJO (Associação dos Moradores e Amigos do Jarbas Oiticica) que também reside no conjunto, Henrique Soares.

As perguntas realizadas contemplaram aspectos sobre a ocupação do espaço público, segurança, ações sociais, serviços e equipamentos públicos, economia e cultura. Das informações obtidas com o morador, destacam-se:

OCUPAÇÃO DO ESPAÇO PÚBLICO E SEGURANÇA:

- Apenas as **praças com brinquedos** para as crianças costumam ser utilizadas, mas estas não possuem bom estado de conservação;
- Ocorriam ensaios de coco de roda, mas foram interrompidos devido a pandemia. Há um novo **grupo de capoeira que utiliza a praça** para ensaios;
- Reforçou a importância de **identificar a entrada do conjunto** e criar um espaço atrativo como uma praça;
- Os casos de violência, tais como assassinatos, reduziram. O morador afirma sentir o **aumento da segurança** e acredita ser resultado de rondas policiais realizadas diariamente.

AÇÕES SOCIAIS:

- De modo geral, não são organizados eventos pela prefeitura, apenas pela **associação dos moradores, grupos de dança de rua ou pela igreja**;
- Anualmente, no mês de janeiro, costumavam organizar um evento para **comemoração do aniversário do conjunto**, mas esse ano não foi possível devido a pandemia;
- No ano de 2020, foram organizadas apenas **ações de conscientização da saúde**, como outubro rosa e novembro azul e o **projeto de distribuição de sopas** para famílias carentes, "Minha Sopa, meu pão";

- O **projeto de alfabetização de adultos e idosos** (AMI) havia sido interrompido e as aulas só retornaram em fevereiro de 2021. Segundo o morador, são seguidas as recomendações de combate à COVID-19, como o uso de máscaras, higienização das mãos e interrompe-se a frequência em caso sintomas gripais;

- Neste período, ocorreram apenas duas **sessões de cinema aberto** devido problemas em relação a **aglomeração** e a **falta de infraestrutura adequada**, como um espaço coberto em dias de chuva;

- Ocorreu no conjunto a primeira ação para **conscientização dos moradores acerca da reciclagem**, e foi desenvolvido um plano de ações para o local, mas ainda não existem projetos voltados à reserva da Mata Atlântica.

SERVIÇOS E EQUIPAMENTOS PÚBLICOS:

- Informou que o sistema de abastecimento de água da CASAL é ineficiente e **algumas casas chegam a passar dois dias sem receber água**;

- O sistema de **coleta de lixo funciona bem**, com a frequência de três vezes por semana. Apesar disso, informou que o serviço foi suspenso de duas a três vezes por falta de pagamento dos funcionários;

- O **sistema de transporte público interno continua precário**, com apenas quatro horários e poucas

opções de rotas;

- **Setornou mais difícil utilizar as vans intermunicipais**, que passam na frente do conjunto, já que devido a pandemia é recomendado apenas o transporte de passageiros sentados.

- A **UBS ainda não foi entregue**;

- Um **Centro de Atenção Psicossocial - CAPS, está em construção** ao lado da UBS;

- A nova escola está quase pronta, já foram realizadas matrículas, mas as **aulas não iniciaram devido a pandemia**;

- A **creche municipal foi desativada desde o começo da pandemia**. No local, **foi instalado um posto de saúde provisório**, que segundo o morador "é um caos". A marcação de consultas é mensal e são distribuídas apenas três ou quatro fichas para os moradores, o que gera uma grande fila de espera.

ECONOMIA E CULTURA:

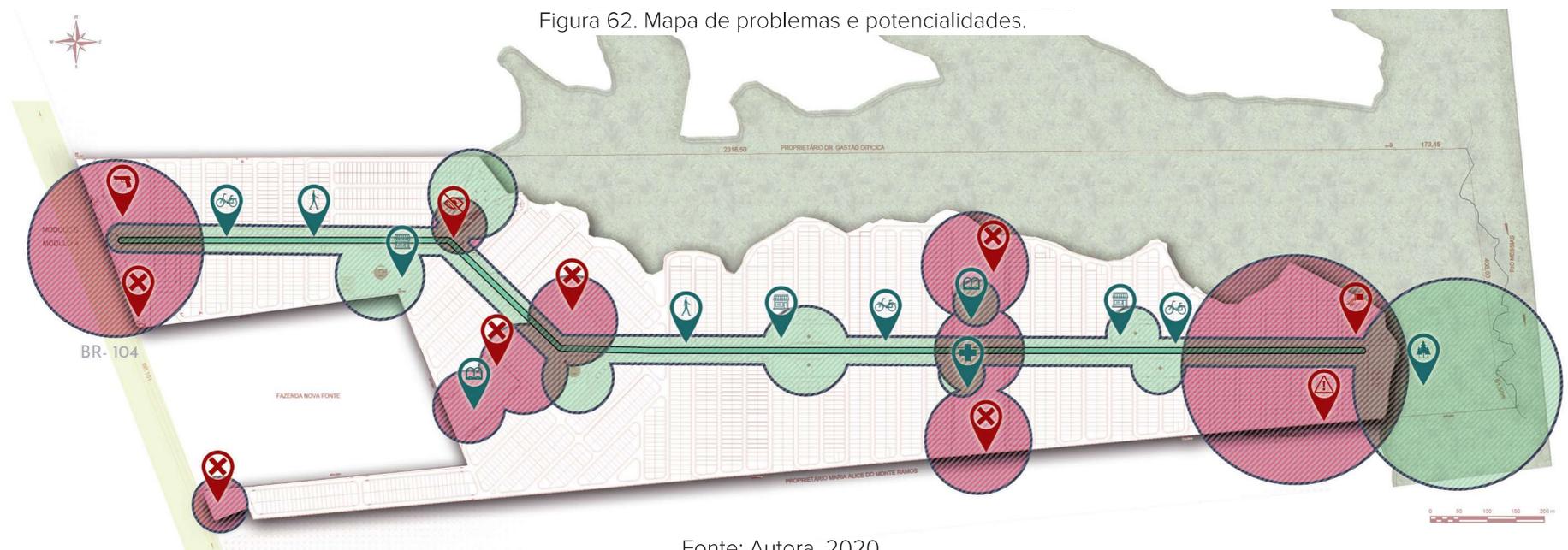
- Para uma melhor organização do conjunto, destacou a **necessidade de se ter espaços adequados para os feirantes e vendedores informais**, uma vez que existem muitas barracas instaladas pelos moradores e sem funcionamento;

- Durante o período da pandemia **foi notado o crescimento do número de mercearias, estabelecimentos de fast food e serviços de delivery**;

- Informou que o aplicativo "Território Casas Novas" não costuma ser utilizado e que falta divulgação.

3.6. SÍNTESE

Potencialidades: ●		Uso misto, pedestres, ciclistas, escola, UBS, APA.
Problemas pontuais: ●		Problemas na E.T.E., barreira visual, sensação de insegurança, assalto, vazio urbano.
Problemas gerais:		Má iluminação noturna, falta de abrigo contra intempéries, falta de arborização nas vias públicas, quantidade e qualidade dos mobiliários urbanos, existência de fachadas cegas, falta de acessibilidade.



Fonte: Autora, 2020.

	Fatores Positivos	Fatores Negativos
Ambiente Interno	<p>FORÇAS</p> <ul style="list-style-type: none"> • Paisagem - Mata Atlântica preservada; • Empreendedorismo local; • Uso misto; • Apropriação de espaços públicos; • Uso de bicicletas; • Proximidade ao aeroporto; • Associação dos moradores. 	<p>FRAQUEZAS</p> <ul style="list-style-type: none"> • Iluminação noturna; • Praças subutilizadas; • Mobiliários urbanos genéricos; • Falta de arborização e sombreamento; • Obstrução das calçadas; • Falta de acessibilidade; • Falta de sinalização; • Construções e reformas sem orientações técnicas; • Falta de lixeiras públicas; • Acesso a serviços públicos; • Distância ao centro da cidade; • Uso e comércio de drogas.
Ambiente Externo	<p>OPORTUNIDADES</p> <ul style="list-style-type: none"> • Localização em área com tendência de expansão; • Existência de espaços livres para utilização; • Aproveitamento paisagístico da APA; • Políticas sociais; • Parceria com instituições para capacitação de mão de obra; • Integração rodoviária com diferentes cidades. 	<p>AMEAÇAS</p> <ul style="list-style-type: none"> • Serviços públicos deficientes; • Violência, drogas e criminalidade; • Segregação social; • Localização.

Caixa de ideias:





O Jarbas Oiticica passa atualmente por um processo de consolidação, em que as transformações no espaço são constantes. Após ter sido apresentado as formas como os moradores se apropriam e modificam o lugar em que vivem, este capítulo é um convite a pensar em estratégias para otimizar o uso do espaço, favorecendo o lazer e a vida comunitária.

Serão apresentadas macro soluções que visam a requalificação e melhor integração dos espaços livres públicos, tendo em vista as necessidades, potencialidades e usos existentes.

A busca para entender o espaço, seus usuários e as dinâmicas existentes no Jarbas Oiticica, dissertadas anteriormente, foi fundamental para a elaboração das proposições que serão apresentadas neste capítulo. As ideias aqui apresentadas tem por objetivo requalificar o espaço livre público de acordo com as necessidades observadas, respeitando os usos e potencialidades do local, além de buscar o reforço territorial, o conforto e o aumento da sensação de segurança nos usuários.

É importante citar que a apropriação dos espaços, a vitalidade urbana e a sensação de segurança perpassa questões além do âmbito da arquitetura e do urbanismo. Sabe-se que para as soluções serem efetivas, devem ser associadas a melhorias em outros campos, visando soluções justas que promovam a equidade social como um todo.

Dentro desse contexto, o espaço tem um papel fundamental, ele pode facilitar, dificultar, estimular ou inibir práticas e usos. Com isso, este capítulo também pretende discutir formas que pensem no espaço como um ímã, sob o ponto de vista que ele tem a capacidade de atrair ou repulsar certos materiais a depender da forma como está posto e dentro de um campo de ação. Pensar o espaço como um ímã urbano.

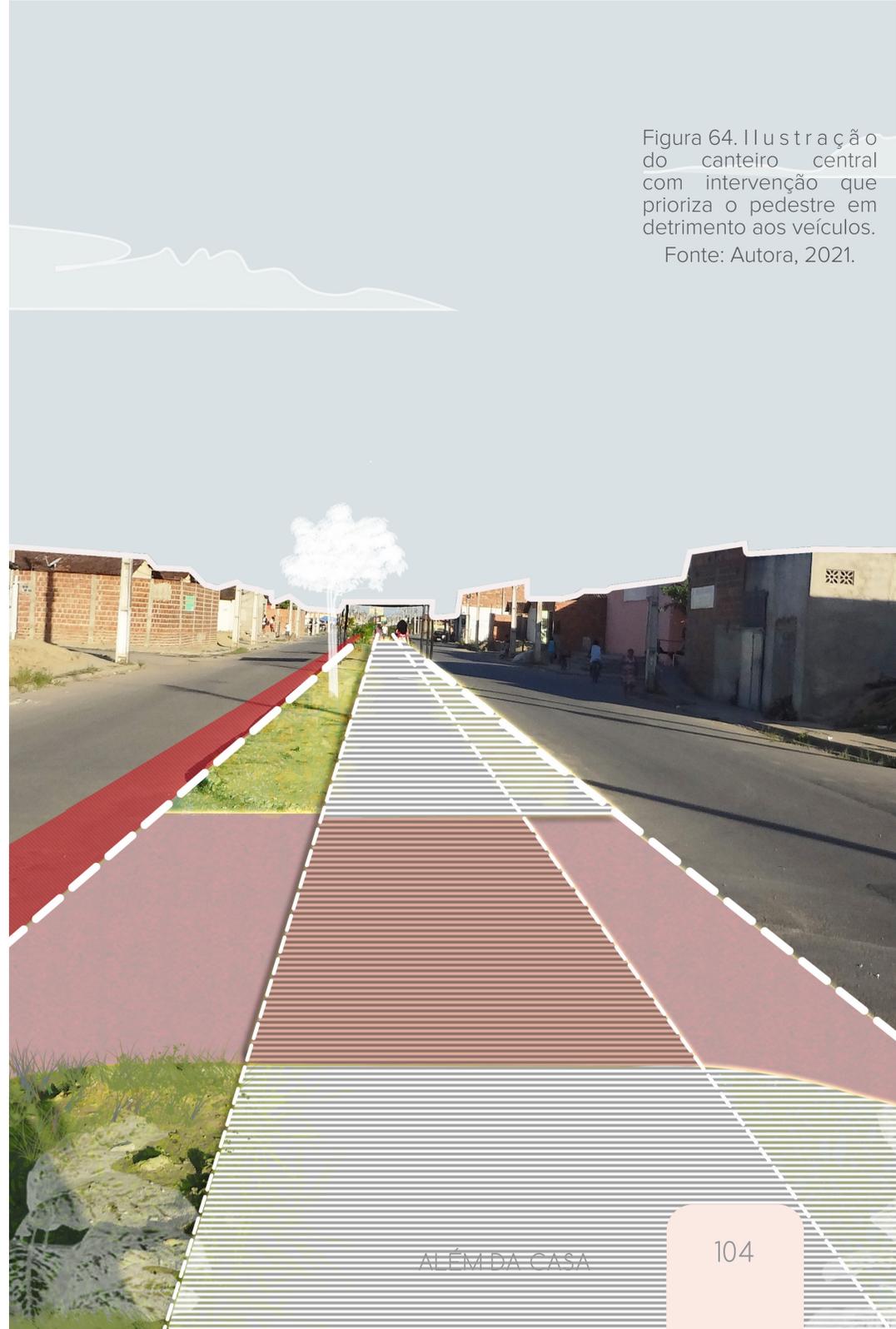


Figura 64. Ilustração do canteiro central com intervenção que prioriza o pedestre em detrimento aos veículos
Fonte: Autora, 2021.

Para a elaboração das propostas, foram analisados alguns projetos existentes em que o espaço público desempenha o papel social e facilita o desenvolvimento regional, como foi o caso da Comuna 13, em Medellín.

As imagens da Figura 65 e da Figura 66 ilustram espaços requalificados no Brasil, Colômbia, Venezuela e Polônia que se integram ao meio inserido, consideram os usos preexistentes e se tornam convidativos para passeios, lazer e contemplação.

Dentre os projetos estudados, destacam-se:

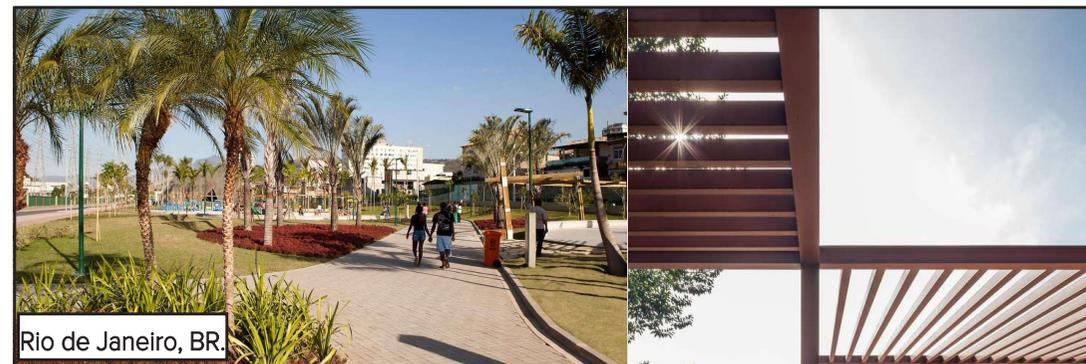
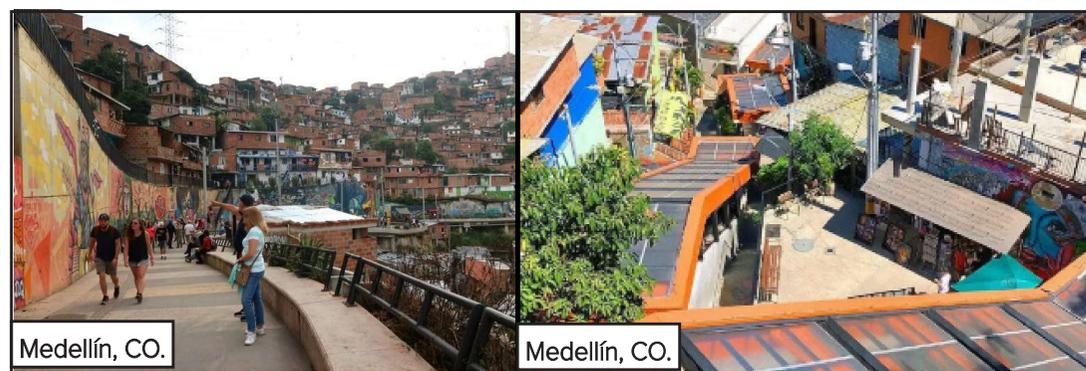


Figura 65. C o l a g e m com espaços públicos de lazer em outros países.

Fonte: Archdaily e Janelas Abertas. Disponível em: < <http://bit.ly/3f1CFMp>>; < <https://bit.ly/3mDrnQA>>; < <https://bit.ly/3IJYsK8>> e < <http://bit.ly/315mbeg>>, acesso em 09 de janeiro de 2021.

Figura 66. C o l a g e m com espaços públicos de qualidade no Brasil.

Fonte: Archdaily. Disponível em: < <http://bit.ly/3r5OuUb> > e < <http://bit.ly/316gk8g>>, acesso em 09 de janeiro de 2021.

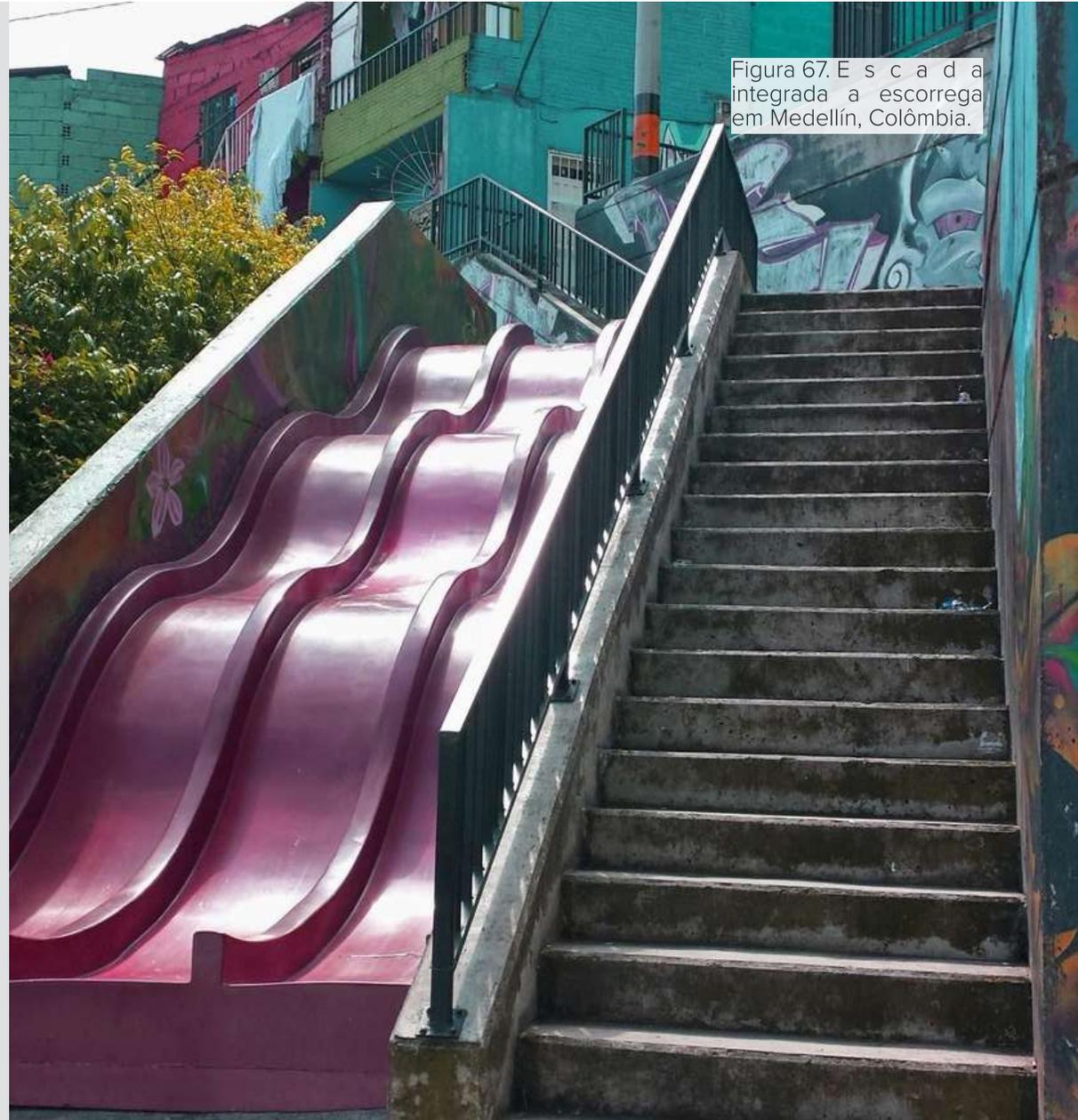
COMUNA 13, MEDELLÍN, COLÔMBIA

Devido a desigualdade social, o narcotráfico, a guerrilha, o paramilitarismo e a repressão do Estado, a cidade de Medellín chegou a ser considerada a mais violenta do mundo em 1991. (CHAGAS, 2016)

Para reestruturar a cidade, ações de melhoria foram desenvolvidas pelo poder público a partir de discussões com a comunidade, de forma a não só transformar o espaço físico, mas também criar oportunidades de desenvolvimento cultural e social.

Dentre as ações urbanas, houve a revitalização de espaços livres, com a adoção de medidas criativas, como escorregadores junto a escada convencional, também foram adotadas medidas para facilitar o acesso à comunidade, como a instalação de escadas rolantes ao ar livre, além disso, houve a valorização da arte local com a exposição de grafitis ao longo do bairro.

Tais ações resultaram na diminuição dos índices de violência, reforço da identidade local, aumento do uso dos espaços e estímulo da economia por meio da atividade turística. (GHIONE, 2014)



Fonte: Archdaily. Disponível em: <<https://bit.ly/3rcieyS>>, acesso em 09 de janeiro de 2021.

PARQUE DA MADUREIRA, RIO DE JANEIRO, BRASIL

Surgido a partir de uma iniciativa de educação socioambiental, o projeto de arquitetura, urbanismo e paisagismo do parque foi elaborado por Ruy Rezende Arquitetos em 2016.

O parque foi setorizado em quatro partes: A "Praça do Samba" (setor 1), destinada a eventos culturais e musicais, o "Parque Contemplativo" (setor 2), com ciclovia, jardim sensorial, mirante, espaço para jogos, academia para terceira idade, entre outros; o setor 3, voltado para a prática de esportes, possui uma moderna pista de skate, quadras de esportes, equipamentos para ginástica e um lago e, por fim, o setor 4 é segregado do parque, cujo acesso é pago, possui a Arena Carioca, com espaço para realização de shows e apresentações de teatro (RAMOS, 2017).

A variedade de usos atrai públicos com faixas etárias e interesses distintos, proporcionando vitalidade ao conjunto ao longo do dia.

A partir do que foi exposto ao longo deste trabalho, a página a seguir apresenta um *masterplan* com macroações para o conjunto Jarbas Oiticica, voltadas para a melhoria dos **espaços públicos, vitalidade e segurança e mobilidade no local**. No mapa são destacadas três áreas, apresentadas nos **detalhes A, B e C** que sucedem o *masterplan*.

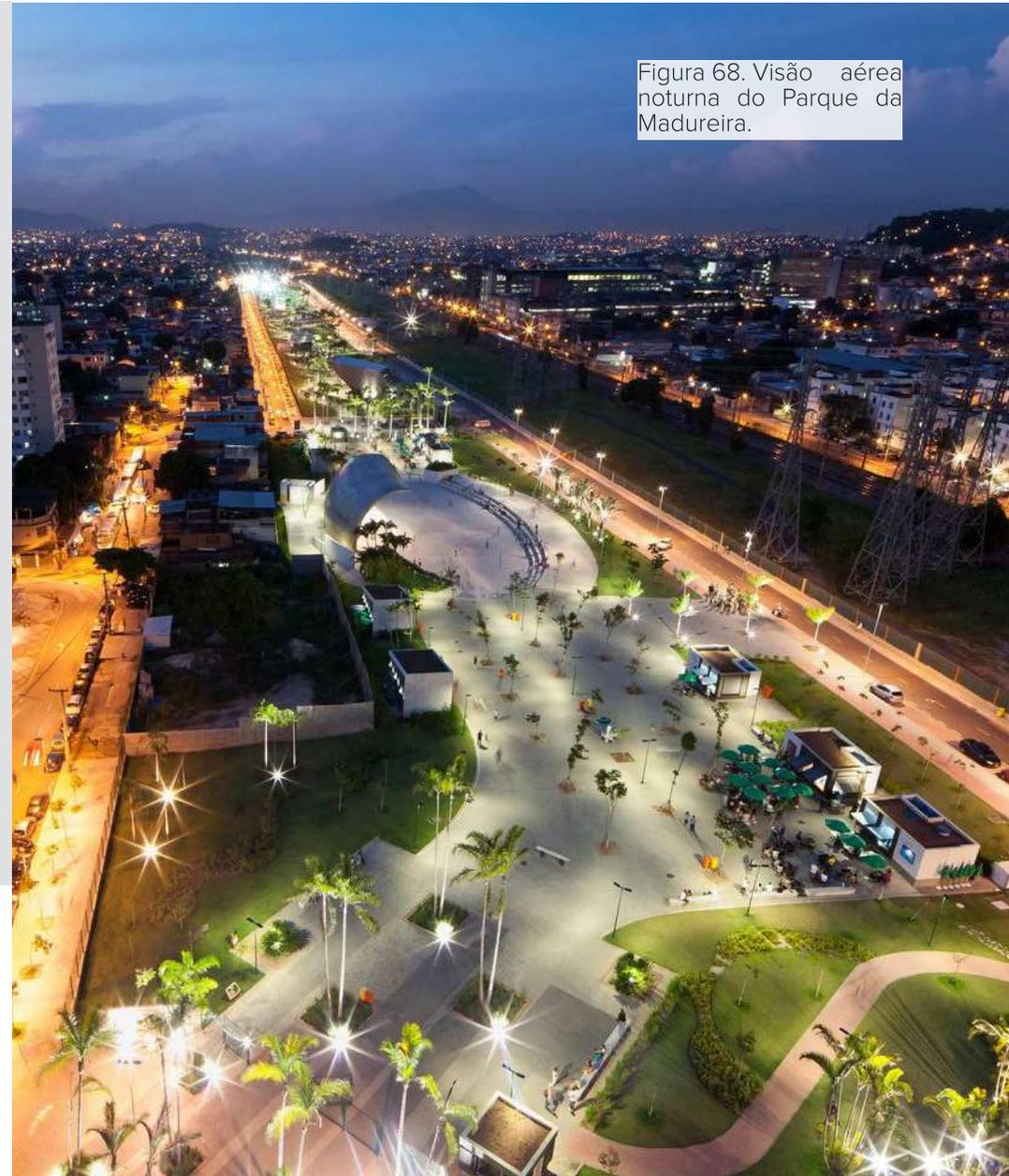


Figura 68. Visão aérea noturna do Parque da Madureira.

Fonte: Archdaily. Disponível em: <<https://bit.ly/3a3QK8O>>, acesso em 22 de fevereiro de 2021.

ESPAÇOS PÚBLICOS

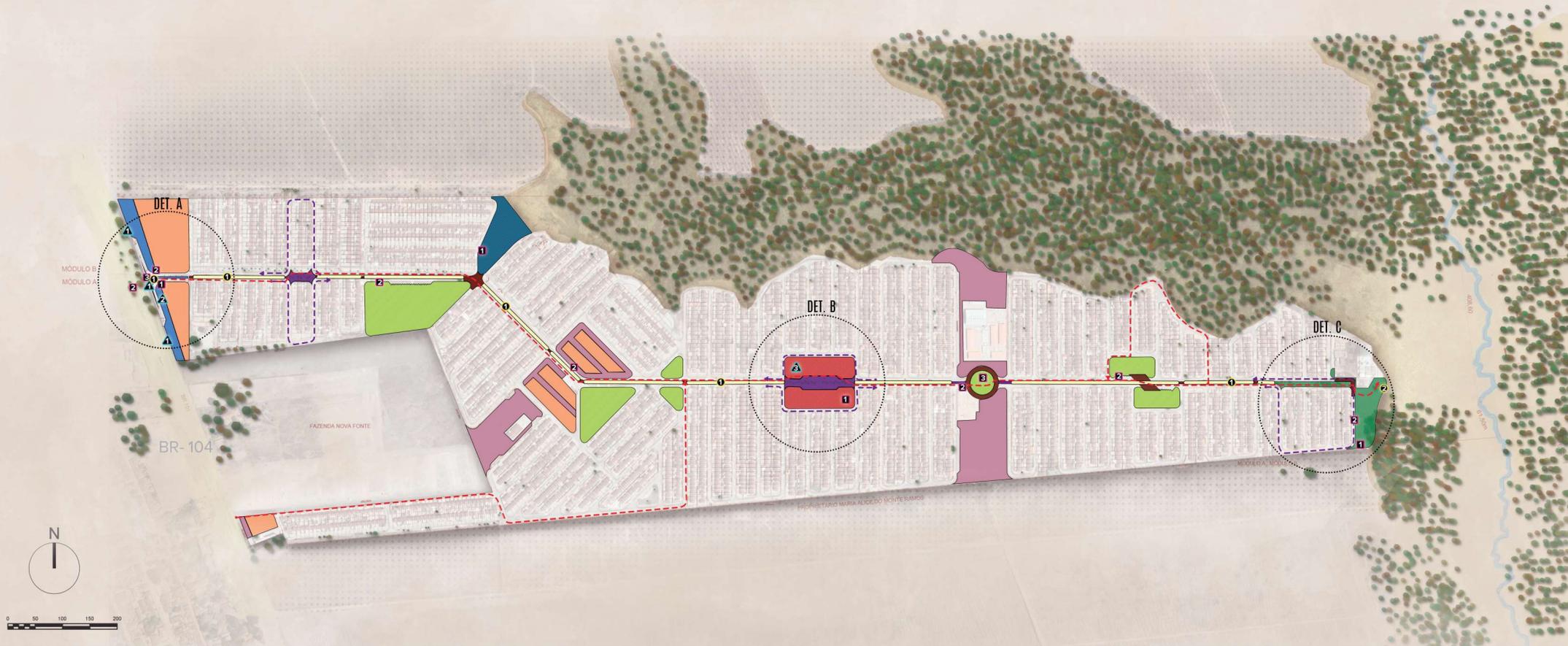
- Melhoria no **sombreamento, iluminação noturna e mobiliários**;
- Criação de **salas e áreas cobertas na praça** destinadas às atividades sociais de capacitação;
- Integração e ampliação da área das praças** centrais e criação de espaços adequados para eventos comunitários;
- Remodelação da praça e integração** ao canteiro central e ciclovia;
- 1 Instalação de **pórticos iluminados**;
- 2 Construção de **mirante deck**.

VITALIDADE E SEGURANÇA

- Reforço da identificação, vitalidade e segurança** do conjunto na cidade;
- Aplicação do **imposto do IPTU progressivo para incentivar o uso** dos terrenos ociosos e **fornecimento de estímulos** para garantir que as construções tenham **fachadas ativas**;
- Fornecimento de **incentivos fiscais** para desmembramento da gleba e **criação de espaços públicos** integradas aos usos das futuras construções;
- 1 Construção de **faixas elevadas** para desaceleração de veículos e travessia de pedestres;
- 2 Criação de **pontos comerciais** integrados aos espaços públicos;
- 3 Criação de **infraestrutura para atividades mistas**: cinema aberto, skate e playground.

MOBILIDADE

- Fechamento de trechos viários** para melhorar a caminhabilidade no conjunto;
- Criação de **vias compartilhadas** por meio de platôs;
- Remodelação do canteiro central** com a ampliação da largura da faixa livre, implantação de mobiliários e aumento de áreas sombreadas;
- 1 Criação de **ciclofaixa**;
- 2 **Alteração da rota** dos veículos;
- 1 Criação de **bicicletário**;
- 2 Criação de **abrigo para espera de ônibus**;
- 3 Criação de **ponto de apoio para mototaxistas**.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO

TRABALHO FINAL DE GRADUAÇÃO
LUANA MAYARA SILVA DE OLIVEIRA
ORIENTADORA: CAROLINE GONÇALVES DOS SANTOS

Além da Casa:
DIRETRIZES PARA REQUALIFICAÇÃO URBANÍSTICA
DO CONJUNTO HABITACIONAL JARBAS OITICICA

MASTERPLAN

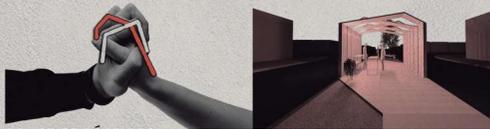
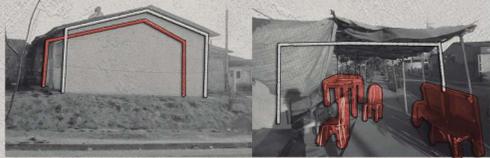
PRANCHA:

01/04

DETALHE A: ENTRADA DO CONJUNTO

Reforçar a identificação do conjunto na cidade, a sensação de pertencimento, vitalidade e segurança são os principais objetivos das propostas referentes à entrada do Jarbas. Que todos se sintam bem vindos, a começar pelos próprios moradores.

Para isso, é proposta a construção de bicicletário, ponto de apoio aos mototaxistas com sanitário, ponto de ônibus + comércio e pórticos iluminados baseados nas estruturas e formas percebidas no conjunto.



CONCEITO PÓRTICOS

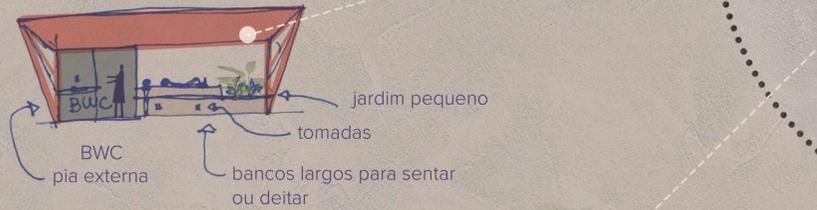
SEÇÃO BR-104



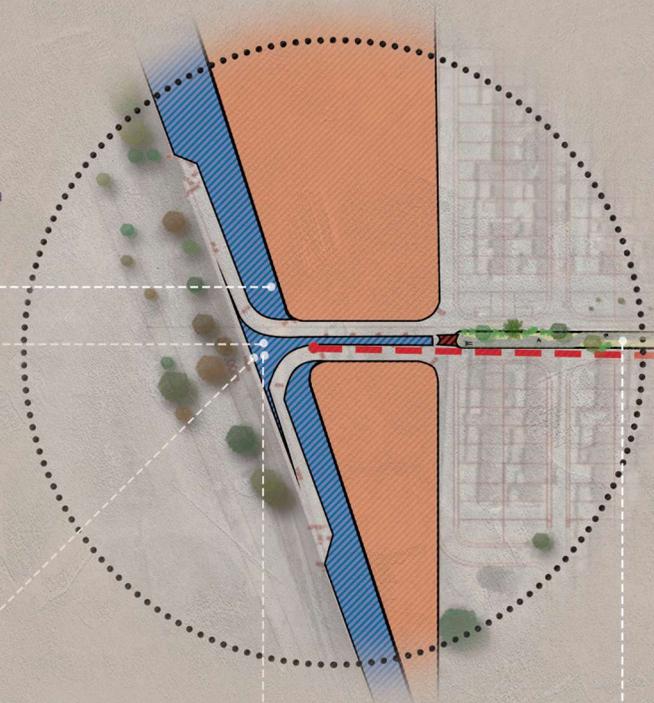
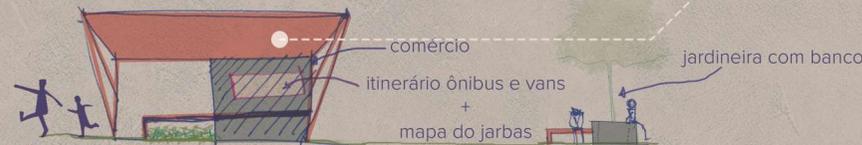
BICICLETÁRIO



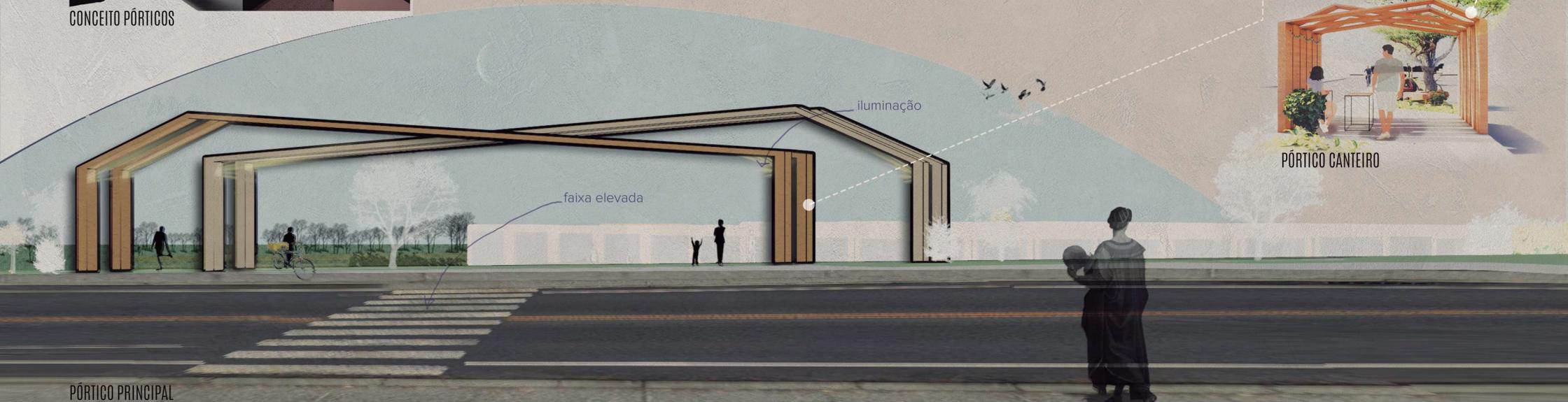
APOIO PARA MOTOTAXISTAS



PONTO DE ÔNIBUS



PÓRTICO CANTEIRO



PÓRTICO PRINCIPAL



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO

TRABALHO FINAL DE GRADUAÇÃO
LUANA MAYARA SILVA DE OLIVEIRA
ORIENTADORA: CAROLINE GONÇALVES DOS SANTOS

Além da Casa:
DIRETRIZES PARA REQUALIFICAÇÃO URBANÍSTICA
DO CONJUNTO HABITACIONAL JARBAS OITICICA

DETALHE A

PRANCHA:

02/04

DETALHE B: PRAÇA CENTRAL

Centrais e próximas, as praças do detalhe B possuem alto potencial para a realização de atividades comunitárias e de lazer. Desta forma, é proposta a integração e ampliação das praças para criação de um espaço com múltiplas atividades, visando consolidar os usos preexistentes e estimular a utilização do espaço público no conjunto.

Foram pensados em espaços e equipamentos para diferentes faixas etárias incluindo pista de skate, cinema aberto + anfiteatro, playground, espaço fitness, área para comerciantes e áreas verdes com mobiliários.



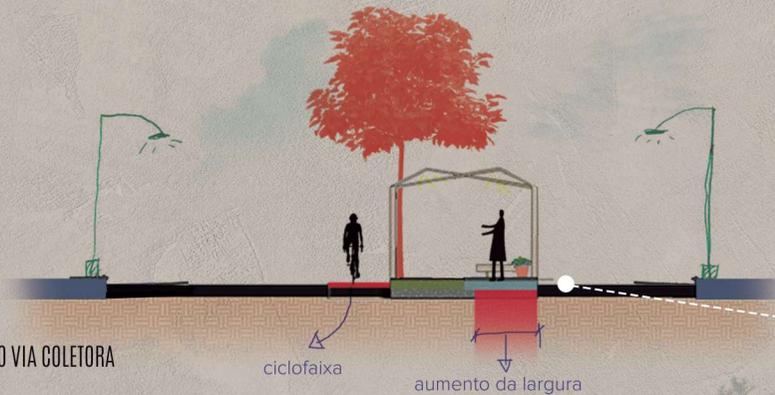
MOBILIÁRIOS



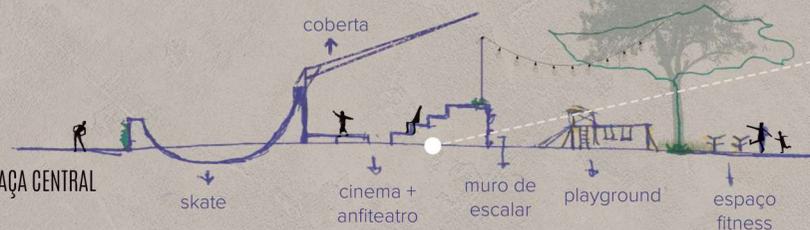
ÁREA VERDE



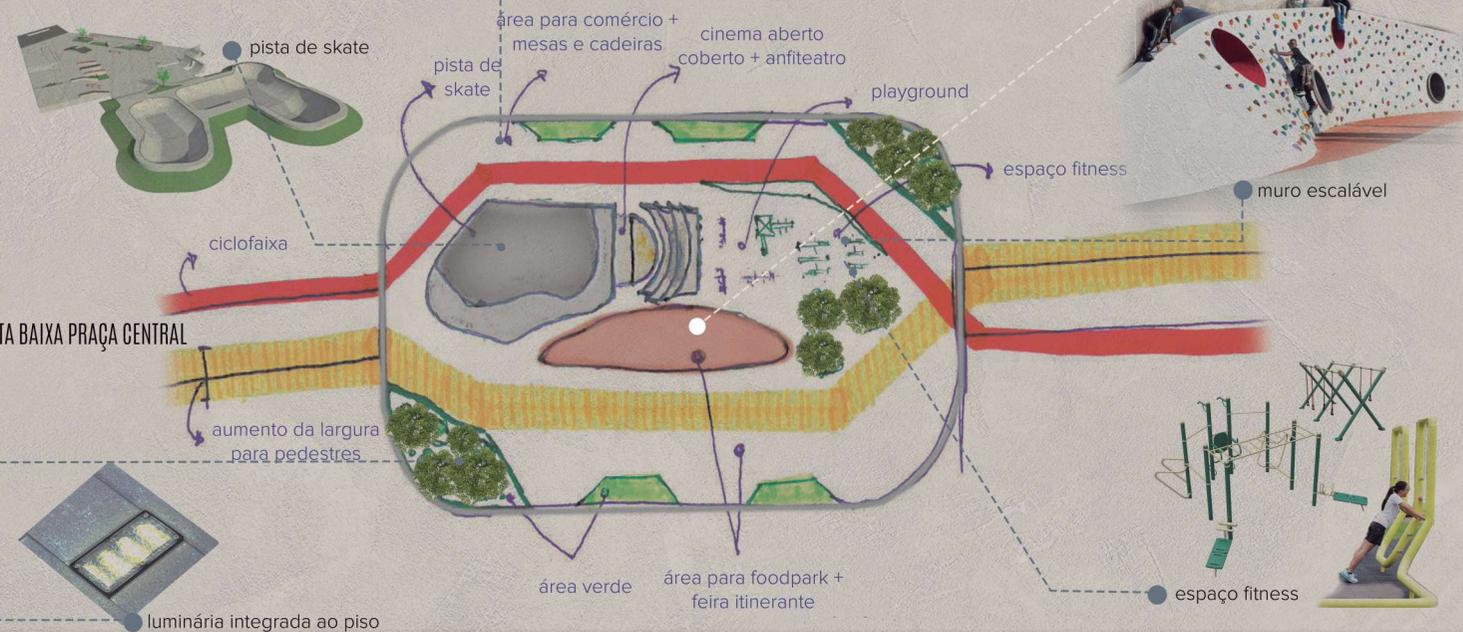
SEÇÃO VIA COLETORA



CORTE PRAÇA CENTRAL



PLANTA BAIXA PRAÇA CENTRAL



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO

TRABALHO FINAL DE GRADUAÇÃO
LUANA MAYARA SILVA DE OLIVEIRA
ORIENTADORA: CAROLINE GONÇALVES DOS SANTOS

Além da Casa:
DIRETRIZES PARA REQUALIFICAÇÃO URBANÍSTICA
DO CONJUNTO HABITACIONAL JARBAS OITICICA

DETALHE B

PRANCHA:

03/04

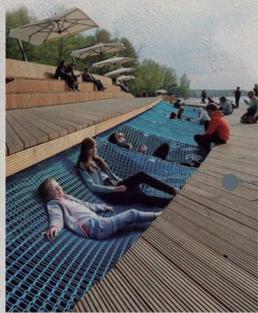
DETALHE C: PARQUE AMBIENTAL

Por se limitar a uma reserva da Mata Atlântica, o Jarbas Oiticica possui áreas com grande valor paisagístico e ambiental, em especial a parte localizada aos fundos do conjunto, contidas no Detalhe C. Dessa forma é prevista a organização de um parque ambiental cuja entrada se localizaria na praça aos fundos do conjunto.

As propostas são destinadas aos espaços livres públicos e sugerem a revitalização da praça existente por meio de sua extensão para integração ao canteiro e criação de deck mirante.



BANCOS INTEGRADOS À CONSTRUÇÃO

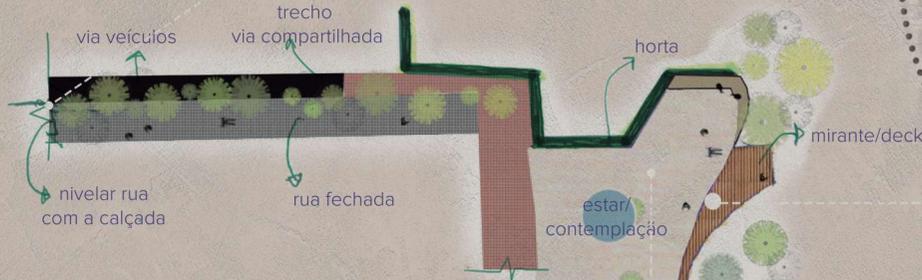


REDE INTEGRADA AO DECK

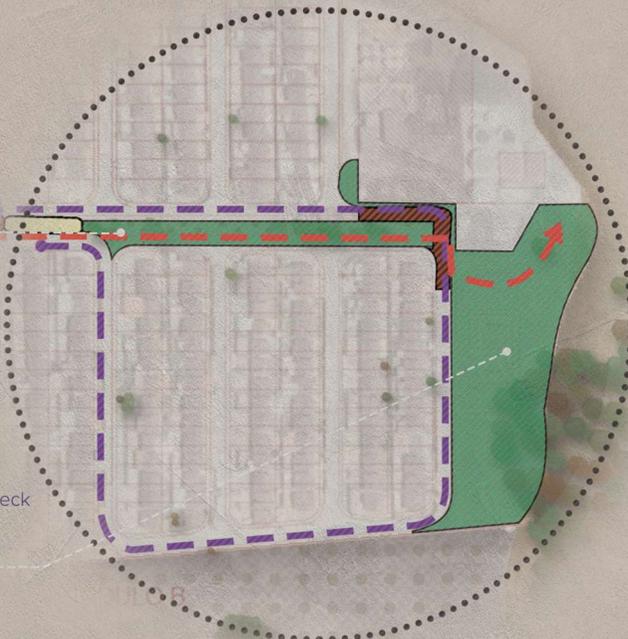


BANCOS COM JARDINEIRAS

SEÇÃO VIA COLETORA COM TRECHO FECHADO



PLANTA BAIXA ENTRADA PARQUE AMBIENTAL



PROPOSTA DECK MIRANTE



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO

TRABALHO FINAL DE GRADUAÇÃO
LUANA MAYARA SILVA DE OLIVEIRA
ORIENTADORA: CAROLINE GONÇALVES DOS SANTOS

Além da Casa:
DIRETRIZES PARA REQUALIFICAÇÃO URBANÍSTICA
DO CONJUNTO HABITACIONAL JARBAS OITICICA

DETALHE C

PRANCHA:

04/04

Dentre tantas possibilidades encontradas no Jarbas Oiticica, foram elaboradas propostas que se agrupam em três diretrizes principais, voltadas para os **espaços públicos, vitalidade e segurança e mobilidade**. Tais propostas alcançam todo o conjunto, mas se distribuem principalmente ao longo do **canteiro central**, como uma forma de consolidar e ordenar as transformações que vêm ocorrendo no local; além de abranger os **espaços livres**, em especial as três praças apresentadas anteriormente nos detalhes A, B e C, situadas no início, meio e final do conjunto respectivamente. Deste modo, propõe-se:

DIRETRIZ 01: Incrementar o potencial de utilização e integração dos espaços livres públicos no conjunto.

1. Melhoria no **sombreamento, iluminação noturna e mobiliários** para estimular o uso em diferentes horários e por grupos diversos;
2. Criação de **salas e áreas cobertas na praça**, destinadas às atividades sociais e de capacitação, integradas à associação de moradores e possíveis instituições parceiras;
3. **Integração e ampliação da área das praças** centrais, tomando partido de sua localização para criação de espaços voltados para eventos comunitários;
4. **Remodelação** da praça localizada ao final do



- conjunto para proporcionar **integração** junto ao canteiro central e ciclovia, prevendo utilização posterior como entrada para um parque ecológico;
5. Instalação de **pórticos iluminados**, pensados a partir do conceito de união e das formas encontradas no conjunto (Figura 70), para se tornar um marco visual na entrada do conjunto e prover espaços sombreados e visualmente permeáveis ao longo do canteiro central;
 6. Construção de **mirante deck**, para valorização da reserva da Mata Atlântica existente no conjunto.

DIRETRIZ 02: Reforçar a identificação, vitalidade e segurança do conjunto na cidade.

1. **Remodelação da entrada do conjunto**, incluindo **espaços apropriados para atividades de trabalho**, como o comércio e serviços de mototáxi; **espaços de estar**, com jardins e mobiliários e **estruturas cobertas** para abrigar os que esperam por transporte;
2. Aplicação do **imposto do IPTU progressivo para incentivar o uso** dos terrenos ociosos e **fornecimento de estímulos** para garantir que as construções tenham **fachadas ativas**;
3. Fornecimento de **incentivos fiscais** para

Figura 70. Conceito do formato dos pórticos do Jarbas Oiticica.
Fonte: Autora, 2020.



FORMATO DAS CASAS SIMPLIFICADO

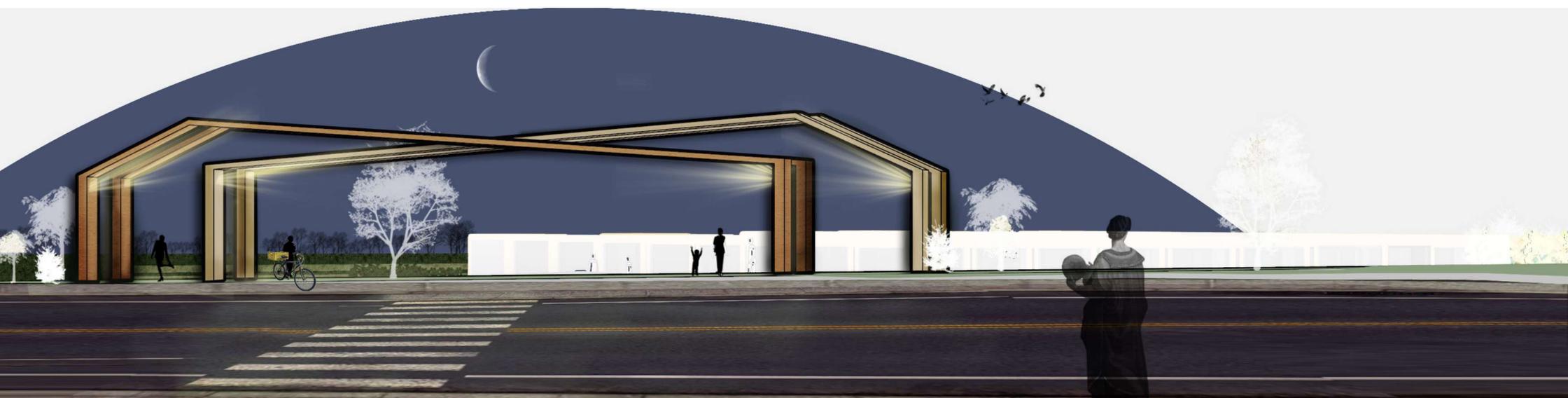


ESTRUTURAS MONTADAS NO LOCAL

FORMA DE MÃOS DADAS:
UNIÃO, INTEGRAÇÃO, ACOLHIMENTO.



Figura 71. Proposta de pórtico iluminado para entrada do conjunto



Fonte: Autora, 2020.

- desmembramento das glebas e **criação de espaços públicos** integrados aos usos das futuras construções, como pomares e hortas urbanas, supervisionadas pela associação dos moradores ou escolas locais;
4. Construção de **faixas elevadas** para desaceleração de veículos, aumentando **segurança física** na travessia dos pedestre e **desestimulando a prática de assaltos** no local, visto que dificulta a principal rota de fuga existente. A implementação das faixas para aumento da segurança seria associada a melhoria da iluminação noturna do espaço, nesse caso deveria ser utilizado lâmpadas LED, devido ao baixo consumo elétrico, e que possuam alto IRC para otimizar a visualização do espaço e aumentar o campo de visão dos transeuntes;
 5. Criação de **pontos comerciais formais** integrados aos espaços públicos, como em praças e ao longo do canteiro, neste caso, respeitando a largura da faixa livre para pedestres;
 6. Criação de **infraestrutura para atividades mistas**: cinema aberto, *skate* e playground, incentivando o uso do espaço em horários e por grupos distintos.



Figura 72. Trechodocanteiro central, com vegetação, mobiliário e pórtico.

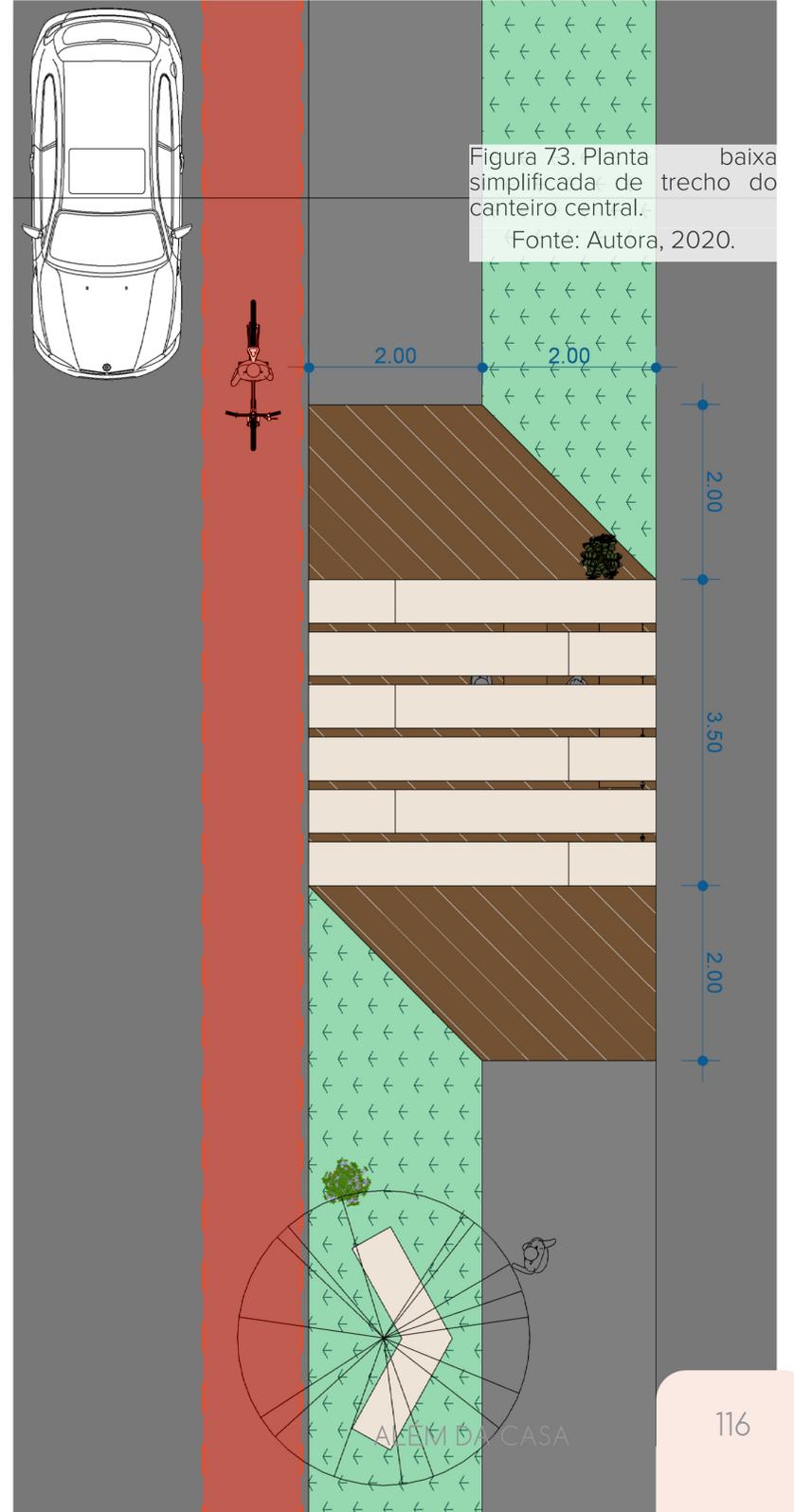
Fonte: Autora, 2020.

"[...] há muito mais em caminhar do que simplesmente andar! Há um contato direto entre as pessoas e a comunidade do entorno, o ar fresco, o estar ao ar livre, os prazeres gratuitos da vida, experiências e informação." (GEHL, 2015, p.19)

DIRETRIZ 03: Garantir a mobilidade e acessibilidade ao longo da via principal.

1. **Fechamento de trechos viários** para melhorar a caminhabilidade no conjunto;
2. Criação de **vias compartilhadas** por meio de platôs;
3. **Remodelação do canteiro central** com a ampliação da largura da faixa livre, implantação de mobiliários e aumento de áreas sombreadas e áreas verdes, com uso preferencial de vegetação nativa da Mata Atlântica e de fácil manutenção;
4. Criação de **ciclofaixa**;
5. **Alteração da rota** de veículos para viabilizar o fechamento da rua para pedestres;
6. Criação de **bicicletários** ao longo do conjunto;
7. Criação de **abrigos para espera de ônibus**;
8. Criação de **pontos de apoio para mototaxistas**;
9. **Sinalização viária** do conjunto e **identificação das quadras**.

Desta forma, espera-se que o espaço público não crie barreiras sociais, mas que seja um meio potencializador para as boas ações e transformações que ocorrem no conjunto, facilitando os encontros, estimulando tanto os deslocamentos, quanto as pausas para observar o espaço onde vivem, criando assim, espaços que favoreçam o lazer e o viver.



Proporcionar uma caminhada interessante, com algumas quebras no percurso, estruturas cobertas e mobiliários, além do uso da vegetação nativa da Mata Atlântica para melhoria do microclima e embelezamento do conjunto.

Figura 74. Canteiro central com propostas para melhorar a mobilidade no Jarbas Oiticica.

Fonte: Autora, 2021.



estrutura com tipologias distintas, com e sem fechamento lateral

iluminação noturna

mobiliários opcionais

madeira/aço/concreto

criação de ciclofaixa

piso intertravado + grama + iluminação de piso

quebra de trajeto

Figura 75. Pórtico instalado no canteiro central.
Fonte: Autora, 2020.



"Há um vilarejo ali
Onde areja um vento bom
Na varanda, quem descansa
Vê o horizonte deitar no chão
Pra acalmar o coração
Lá o mundo tem razão
Terra de heróis, lares de mãe
Paraíso se mudou para lá
Por cima das casas, cal
Frutos em qualquer quintal
Peitos fartos, filhos fortes
Sonho semeando o mundo real
Toda gente cabe lá
Palestina, Shangri-lá
Vem andar e voa
Vem andar e voa
Vem andar e voa"

(FREITAS, ANTUNES, MONTE E
GOMES, 2006)



Considerações finais:



A busca por entender a importância da arquitetura e do urbanismo na formação dos espaços livres públicos e como estes espaços podem acolher ou repelir os usuários foi o ponto de partida deste trabalho.

Teve como objeto de estudo o conjunto habitacional Jarbas Oiticica, entregue pelo Programa Minha Casa Minha Vida em 2016, na cidade de Rio Largo-AL, que possui a maior parte dos moradores provindos da capital do estado, Maceió e com renda média entre 1 e 1,5 salários mínimos.

Fatores como a distância do conjunto aos centros urbanos, geram a necessidade de realização de deslocamentos diários por parte da população, ao tempo que ocorre a transformação interna do conjunto, por iniciativa dos moradores, pela qual residências passam a ser também mercearias, lanchonetes, farmácias, oficinas, entre outros.

Dessa forma o espaço passa a ser lugar de passagem, trabalho e lazer. Ele é essencial para as trocas sociais que permitem a formação de laços entre vizinhos até então desconhecidos, assim como é importante para vendedores autônomos que ocupam canteiros e praças com estruturas de madeira e lona para vender seus produtos.

A partir da análise do conjunto, dada na elaboração de mapas, em conversas informais e na experiência de sentir o local, por meio do uso do transporte coletivo para as idas e voltas ao conjunto, durante os percursos com sol, sombra, chuva, de dia e de noite (realizadas antes do início da pandemia); foi possível identificar potencialidades e problemas no conjunto e elaborar um *masterplan* que traça diretrizes para a requalificação urbana do local, tendo levado em conta as formas



de utilização observadas, os desejos apontados pelos moradores, os pontos em que se faz necessário o reforço da vitalidade e segurança e os locais que apresentam maior vitalidade e potencial estruturante para o conjunto.

Reconhece-se que para o enfrentamento das problemáticas envolvidas nos conjuntos habitacionais de interesse social e que, para que um espaço físico, mesmo com qualidade, seja eficiente, é preciso haver um alinhamento com outros serviços públicos como saúde, educação e geração de renda.

As ações propostas foram organizadas em três diretrizes que tratam dos **espaços públicos**, da **segurança e vitalidade urbana** e da **mobilidade**. Espera-se que elas potencializem as boas ações e usos no espaço, reforcem a identidade do conjunto e adequem as transformações feitas à necessidade por um local acessível.

Por fim, e falo agora em primeira pessoa, o desenvolvimento deste trabalho proporcionou um crescimento acadêmico e pessoal inestimável, com um trajeto repleto de descobertas, mudanças e superações. As reflexões sobre a importância da arquitetura e urbanismo para o bem social, se fizeram presentes desde o início da graduação e se amplificaram na elaboração deste trabalho final. Encerro, enfim, esse ciclo, pronta para os que estão por vir. Desejando que a arquitetura seja mais acessível àqueles com menor renda e que haja urbanidade onde há urbanismo.



Figura 76. Crianças brincando na rua, sob a sombra de uma árvore no Jarbas Oiticica.
Fonte: Autora, 2020.



Além da casa

Referências

ABBUD, Benedito. **Criando paisagens**: guia de trabalho em arquitetura paisagística. 4. Ed. São Paulo: Editora SENAC, 2006.

AGUIAR, D. Urbanidade e a Qualidade da Cidade. In: AGUIAR, D; NETTO, V. **Urbanidades**. Rio de Janeiro: Folio Digital: Letra e Imagem, 2012. p. 60-79.

BRASIL. **Lei nº 11.977, de 7 de julho de 2009**. Brasília, DF: Presidência da República. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/lei/l11977.htm. Acesso em: 06 abr. 2020.

CAIXA ECONÔMICA FEDERAL. **Cartilha Minha Casa Minha Vida**: direitos e deveres do seu contrato. (Cartilha). Brasília, 2019. 2 p. Disponível em: https://www.caixa.gov.br/Downloads/habitacao-minha-casa-minha-vida/Cartilha_Direitos_e_Deveres_Anexo_I_minutas.pdf. Acesso em: 20 jan 2020.

_____; INSTITUTO DE ASSESSORIA PARA O DESENVOLVIMENTO HUMANO. **Elementos de diagnóstico do "Território DIST Rio Largo" – Alagoas**. Set. 2016 / mar. 2017. 22 p.

_____; PROJETOS, ASSESSORIA TÉCNICA E CONSULTORIA. **Projeto do Trabalho Técnico Social: RESIDENCIAL JARBAS OITICICA - MODULO B**. Rio Largo, AL, jun. 2020. 29 p.

CARDOSO, Adauto Lúcio; ARAÚJO, Flávia de Sousa; JAENISCH, Samuel Thomas. Morando no Limite: sobre padrões de localização e acessibilidade do Programa Minha Casa Minha Vida na Região Metropolitana do Rio de Janeiro. **Anais do XV ENANPUR**. v. 15, n. 1, nov. 2018. XV Encontro Nacional da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional, 2013. Disponível em: <http://anais.anpur.org.br/index.php/anaisenanpur/article/view/396>. Acesso em: 27 jan. 2020.

Centro Cultural da AMAJO. **Projeto de Alfabetização na Melhor Idade**. Rio Largo, 21 agosto 2020. Facebook: @jarbasemfoco. Disponível em: <https://www.facebook.com/jarbasemfoco/photos/a.403113756715370/1188254468201291/?type=3&theater>. Acesso em: 10 nov. 2020.

_____. **Projeto: Minha sopa meu pão.** Rio Largo, 20 junho 2020. Facebook: @jarbasemfoco. Disponível em: <https://www.facebook.com/jarbasemfoco/photos/a.341312926228787/1140121329681272/>. Acesso em: 10 nov. 2020.

CHAGAS, Mariana Martinez Wilderom. **Arquiteturas possíveis para políticas urbanas inovadoras: diálogos entre São Paulo e Medellín.** Anais do II Simpósio Internacional Pensar e Repensar a América Latina. 2016. 13 p. Disponível em: https://sites.usp.br/prolam/wp-content/uploads/sites/35/2016/12/WILDEROMCHAGAS_SP04-Anais-do-II-Simp%C3%B3sio-Internacional-Pensar-e-Repensar-aAm%C3%A9rica-Latina.pdf. Acesso em: 09 dez. 2019.

CORRÊA, Roberto Lobato. **O espaço urbano.** 4. ed. São Paulo: Editora Ática, 2004.

ECKER, Vivian D. **HABITAÇÃO RESIDENCIAL: A INTEGRAÇÃO À PAISAGEM LOCAL COM BASE EM ESTRATÉGIAS PAISAGÍSTICAS MAIS SUSTENTÁVEIS. XIV ENTAC** - Encontro Nacional de Tecnologia do Ambiente Construído, Juiz de Fora, 2012.

ELOS. **Vivência Oasis - DIST Rio Largo:** Residencial Jarbas Oiticica. São Paulo: ELOS, 2017. Disponível em: https://issuu.com/elos/docs/relatorioidistriolargo_jarbas. Acesso em: 20 jan. 2020.

ENCICLOPÉDIA DOS MUNICÍPIOS BRASILEIROS. Rio de Janeiro, RJ. **Região Nordeste.** Volume III. 1959. 452p.

FRAGOSO JR., C. R.; PEDROSA, V. D. A.; SOUZA, V. C. B. D. **Reflexões sobre a cheia de junho de 2010 nas bacias do rio Mundaú e Paraíba.** Disponível em: <https://ctec.ufal.br/professor/vap/Cheia2010.pdf>. Acesso em: 27 jan. 2020.

G1 AL. **Esgoto invade casas no conjunto Jarbas Oiticica, em Rio Largo, AL.** Alagoas: G1 AL, 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/al/alagoas/noticia/2020/10/15/esgoto-invade-casas-no-conjunto-jarbas-oiticica-em-rio-largo-al.ghtml>. Acesso em: 19 nov. 2020.

GEHL, Jan. **Cidade para Pessoas.** São Paulo: Perspectiva, 2015.

GHIONE, Roberto. **Transformação social e urbanística de Medellín.** Vitruvius. 2014. Disponível em: <https://vitruvius.com.br/index.php/revistas/read/minhacidade/14.166/5177>. Acesso em 11 de fevereiro de 2019.

INSTITUTO BEM CULTURAL. **Projeto Desenvolvimento Integrado e Sustentável do Território DIST – Rio Largo/AL**. 2017. Disponível em: <http://www.institutobemcultural.org.br/2017/10/13/2016-a-2018-projeto-desenvolvimento-integrado-e-sustentavel-do-territorio-dist-rio-largoal-instituto-bem-cultural-ibc/>. Acesso em: 20 out. 2020.

_____. **Hip Hop na comunidade do Jarbas em Rio Largo-AL**. 2019. Disponível em: <http://www.institutobemcultural.org.br/2019/04/01/hip-hop-na-comunidade-do-jarbas-em-rio-largo-al/>. Acesso em: 20 out. 2020.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Rio Largo**: Histórias & Fotos. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/al/rio-largo/historico>. Acesso em: 27 jan. 2020.

INSTITUTO DE ASSESSORIA PARA O DESENVOLVIMENTO HUMANO. **Projeto DIST Rio Largo-AL**. Roteiro: Marcelo Delilo. Rio Largo, 2020. (30 min.), son., color. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ZeUn4e5E3ec&t=680s>. Acesso em: 12 set. 2020.

JACOBS, Jane. **Morte e Vida de Grandes Cidades**. Tradução Carlos S. Mendes Rosa. 3a. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011. 510 p. (Coleção cidades). Tradução de: The death and life of great American cities.

LINKE, Clarisse *et al.* **TD 2176 - Inserção Urbana de Habitação de Interesse Social: um olhar sobre mobilidade cotidiana e uso do solo**. Rio de Janeiro: Ipea, 2016. 58 p. (Texto para Discussão, n. 2176). Disponível em: https://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/TDs/td_2176.pdf. Acesso em: 05/11/2020.

MACEDO, Silvio Soares; BAROZZI, Yolanda. Quapá - Quadro do Paisagismo no Brasil: paisagismo contemporâneo brasileiro. **Pós : Revista do Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo**, São Paulo, n.19, p. 232-240, jun. 2006.

MAGNOLI, Miranda Martinelli. Espaço livre - objeto de trabalho. **Paisagem e Ambiente**, [S. l.], n. 21, p. 175-197, 2006. DOI: 10.11606/issn.2359-5361.v0i21p175-197. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/paam/article/view/40249>. Acesso em: 27 jan. 2020.

MINISTÉRIO DO PLANEJAMENTO DESENVOLVIMENTO E GESTÃO. **PAC**: 6º balanço, 2015-2018. SECRETARIA DE

DESENVOLVIMENTO DA INFRAESTRUTURA, 2018.

NEWMAN, Oscar. **Creating defensible spaces**. Washington, DC: U.S. Department of Housing and Urban Development, 1996.

REIS, Antônio Tarcísio da Luz; LAY, Maria Cristina Dias. O projeto da habitação de interesse social e a sustentabilidade social. **Ambiente Construído**, Porto Alegre, v. 10, n. 3, p. 99–119, jul./set. 2010. ISSN 1678-8621. DOI:10.1590/S1678-86212010000300007. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ac/v10n3/a07.pdf>. Acesso em: 27 jan. 2020.

SABOYA, Renato. **Arquitetura, espaço urbano e criminalidade**. 2012. Disponível em: <https://urbanidades.arq.br/2012/09/15/arquitetura-espaco-urbano-e-criminalidade/>. Acesso em: 09 dez. 2019.

SECRETARIA DE ESTADO DO PLANEJAMENTO E DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO. **Alagoas em Mapas** [material cartográfico]. 2a. ed. Alagoas: SEPLANDE, 2014.

SERPA, Angelo. **O espaço público na cidade contemporânea**. São Paulo: Editora Contexto, 2007.

SISHAB. Ministério do Desenvolvimento Regional. Secretaria Nacional de Habitação. **RESIDENCIAL JARBAS OITICICA - MODULO A - 100%**, set. 2020. Disponível em: <http://sishab.mdr.gov.br/empreendimentos/38658961>. Acesso em: 15 out. 2020.

SOUZA, Marcelo José Lopes de. O Território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. In: CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo Cesar da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato (org.). **Geografia: conceitos e temas**. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000. p. 77-116. ISBN 85-286-0545-0.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência**. São Paulo: DIFEL, 1983.

VON HOFFMAN, A. (2000). Why They Built Pruitt-Igoe. In BAUMAN J., BILES R., & SZYLVIAN K. (Eds.), From Tenements to the Taylor Homes: In **Search of an Urban Housing Policy in Twentieth-Century America** (pp. 180-205). University Park, Pennsylvania: Penn State University Press. Disponível em: <https://bit.ly/3INfEwA>. Acesso em: 18 mar. 2020.

